PERCURSO NARRATIVO COMO REQUALIFICAÇÃO DO PATRIMÓNIO E COMO EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Mestrado em Design de Interiores /
Orientador: Désirée Pedro / Co-orientadores: Maria Milano, Paulo Seco

Alexandrine Oliveira Soares Costa, 2014 /

esad
arte+
design

PERCURSO NARRATIVO COMO REQUALIFICAÇÃO DO PATRIMÓNIO E COMO EXPERIÊNCIA SENSORIAL

Mestrado em Design de Interiores /
Orientador: Désirée Pedro / Co-orientadores: Maria Milano, Paulo Seco

Alexandrine Oliveira Soares Costa, 2014 /

esad
arte+
design

Palavras-chave

Reabilitação
Movimento
Percurso narrativo
Espaço
fenomenologico

Resumo

No presente trabalho foi desenvolvida a reabilitação de um antigo matadouro industrial convertendo-o num cluster, através de um percurso narrativo construído por um elemento tridimensional de distribuição e conexão de espaços, que proporcionam ao sujeito diversas experiências sensoriais.

Partindo de uma narrativa, veículo condutor e articulador de espaços, foram aprofundados conceitos e valores como o espaço de intervalo, o movimento e a deriva, bem como o corpo humano como medida e razão do lugar, elemento que o perceciona à medida que se desloca.
Pretendeu-se enfatizar a reativação de um património pondo-o em contacto com a cidade atual. Podendo passar por um elemento ligeiro, não invasivo, e contentor de experiências psico-sensoriais. Intervenções que podem ser diferenciadoras sendo feitas pela disciplina do design, no modo de as entender. Focalizando no projeto o corpo humano como pretexto e instrumento para a gestão das proporções, atendendo às necessidades físicas do utilizador, assim como às suas necessidades psicológicas.

Keywords

Rehabilitation
Movement
Narrative thread
Phenomenological
space

Abstract

In the present work was developed the rehabilitation of an old industrial slaughterhouse, which was converted in a cluster through a narrative thread, built by a three-dimensional element of distribution and space connection, which provides to the subject several sensorial experiences.

Through a narrative, central thread and spaces organizer, concepts and values such as interval space, the movement and the drift were deepened. And the human body as a measure and reason of the place, element that perceives it as it displaces.
There was the focus on emphasize the reactivation of the patrimony putting it in contact with current city, which may undergo through a light element, non-invasive, and container of psycho-sensorial experiences. Interventions that can be differentiating by being made by the discipline of design, in the mode of understand it. Focusing in the project the human body as a pretext and instrument for the management of proportions, attending to the physical needs of the user as well as its psychological needs.

Agradecimentos

Os meus agradecimentos são dirigidos a todos aqueles que de alguma forma foram importantes ao longo deste percurso. Agradeço em especial:

à minha orientadora, professora Désirée Pedro, pela disponibilidade, pela orientação, e pela fonte de estímulo que se tornou;

à minha co-orientadora, professora Maria Milano, pelo apoio, pela partilha do saber e momentos de reflexão;

ao meu co-orientador, professor Paulo Seco, pelo rigor e optimismo que me transmitiu;

à minha família, em particular, aos meus pais por tudo;

ao Telmo, pela compreensão, pelo seu relevante ponto de vista e constante motivação.

Índice

Introdução 17

1 Reabilitação como campo de ação não unidirecional 18

1.1 Percurso enquanto conceito espacial.
Do barroco à contemporaneidade 20

1.1.1 Espaço fenomenológico: Percurso enquanto
experiência sensorial 32

1.1.2 Dispositivo de distribuição e conexão enquanto objeto
plástico na arquitetura e design de interiores: passarela e
rua 35

2 Projeto 42

2.1 Reconhecimento do espaço

2.1.1 Antigo Matadouro Industrial do Porto:
contextualização geográfica 45

2.1.2 Antigo Matadouro Industrial do Porto:
contextualização histórica 46

2.2 Análise e objetivos
2.2.1 O objeto de estudo: estudo e análise 47
2.2.2 Estratégia e programa funcional 54

2.3 Proposta de projeto
2.3.1 Desenvolvimento do projeto 66
2.3.2 O percurso 76

Considerações finais 108

Referências bibliográficas 110

Lista de imagens 114

O texto da presente prova final foi redigido segundo o acordo ortográfico da Língua Portuguesa em vigor desde 2009, tendo-se procedido, a fim de garantir a coerência formal do texto, à atualização dos textos transcritos.

“Vaguear livre”, não conduzir,
mas seduzir. (...) o deixar andar,
vaguear. (...)
Conduzir. Seduzir. Largar

Peter Zumthor

INTRODUÇÃO

Propõe-se um trabalho de caráter essencialmente prático, nomeadamente o projeto de reabilitação dos edifícios do antigo Matadouro Industrial do Porto visando a alteração do respetivo programa funcional. Neste contexto, foram analisadas as caraterísticas do agrupamento arquitetónico que compõe o objeto de estudo de modo a compreender a sua morfológica, estrutura e patologias. Assim a relação que este tem com a sua envolvente e as suas potencialidades para albergar um novo programa.

Neste contexto, o projeto baseia o seu desenvolvimento através de um percurso narrativo, tema desta prova final, na relação formal, sensorial e funcional entre a preexistência e os seus usuários.

Assim, consideramos que projeto se deveria desenvolver introduzindo um novo elemento, um percurso que articula espaços e função, conectando os diferentes edifícios. Neste percurso narrativo o movimento é entendido como valor percetivo e emotivo do espaço. Este novo corpo surge como instrumento de circulação e como tal de transitoriedade, projetando e habitando os espaços de intervalo entre volumes arquitetónicos, e as suas relações entre interior e exterior. Resolvendo-o através de elementos ligeiros e ações cirúrgicas, que centraliza o corpo do sujeito como lugar de perceção, articulação, e de captação de estímulos sensoriais.
A criação de um simples elemento de conexão e qualificação dos espaços intersticiais – que traça percursos construídos a cotas elevadas e percursos térreos – pode dar um novo sentido ao espaço de intervenção, tornando-o capaz de requalificar o objeto de estudo, atendendo à função a que se propõe responder, e conferir experiência sensorial ao transeunte ao longo de um percurso induzido. A passarela e a rua.

Tendo em conta a natureza de ordem projetual deste trabalho, o mesmo desenvolveu-se em três momentos diferenciados.
Num primeiro momento procedeu-se à pesquisa de referências bibliográficas e projetuais sobre o tema, através das suas palavras-chave – reabilitação, movimento, percurso narrativo, espaço fenomenológico – visando o entendimento da sua problemática.
Num segundo momento, a que corresponde a fase de diagnóstico, foi identificado o objeto de estudo, feita a sua análise assim como a da sua envolvente, e ainda a recolha de dados e informações existentes no arquivo histórico Casa do Infante. Posteriormente, foi feito o levantamento de funções da envolvente para o reconhecimento do local, assim como o levantamento fotográfico, seguido de um levantamento métrico do objeto de estudo. Já na pose destes dados, foi feita a análise tipo-morfológica ao edifício, de modo a entender as potencialidades espaciais que este nos poderia sugerir.
Para atingirmos os objetivos pretendidos procedeu-se ao planeamento do trabalho, onde nele se assumiu o projeto como um plano de pormenor, atendendo à extensa proporção do objeto de estudo. Deste modo, estabeleceu-se um programa funcional híbrido para o conjunto dos corpos arquitetónicos, assim como um programa desenhado para cada um deles. Para que, posteriormente à criação de uma estrutura estabilizada e coerente sobre o objeto de estudo fosse delimitada uma parcela do projeto que se demonstrasse pertinente e essencial no projeto global, para futuro desenvolvimento.
Por fim, o último momento projetual centraliza-se na pormenorização do elemento principal do projeto, o percurso. Em paralelo, será elaborado o enquadramento teórico necessário à sua compreensão, assim como diversos elementos gráficos que possibilitam a comunicação da solução encontrada.

1. A reabilitação como campo de ação não unidireccional

Na contemporaneidade, as cidades caracterizam-se por uma série de dinâmicas, demonstrando uma morfologia altamente heterogénea resultante da mistura de distintos tempos, que se formalizam de modos muito particulares. O campo de atuação torna-se assim complexo, onde a preservação dos centros históricos e do território, exigem a revisão de conceitos fundamentais como a preservação do património, o novo uso conferido às áreas preservadas e, as diferentes interpretações do passado histórico urbano.
Deste modo, é importante a reflexão sobre o património urbano, e de que forma devemos atuar sobre esta nossa herança cultural e a sua memória. Segundo Ruskin "a arquitetura é o único meio de que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos a nossa identidade e que é constitutivo do nosso ser" (Choay, 2010, p. 147).

Heranças edificadas por sociedades passadas, deixando-nos "lugares de memória, lugares onde se cristaliza e se refugia a memória" (Araújo & Ribeiro, 2009, p. 147). O termo "património arquitetónico" aplica-se a todo o conjunto de bens que, pelos seus três valores, económicos, artísticos e cognitivos, integram a nossa memória, caracterizando e individualizando cada lugar, cada individuo e cada cidade. Estes edifícios são geralmente classificados segundo património monumental, edificado classificado e edificado corrente, de acordo com o seu valor cultural, arquitetónico ou histórico.

Conceito que ao longo de várias décadas foi evoluindo, de modo a englobar várias realidades. Numa extensão para áreas não eruditas, não monumentais com extensões para o conjunto, do urbano ao rural – do erudito ao vernacular e do monumento ao sítio. Onde os requisitos financeiros, artísticos, científicos ou técnicos dos edifícios, foram ganhando relatividade face aos valores afetivos.

A intervenção em defesa do património arquitetónico edificado traz consigo um conjunto de exigências que o mundo contemporâneo impõe; tendo sido reescritas ao longo da história do património. As restrições sacralizadoras e mimetismos deram lugar a uma abrangência experiencial e projectual de "conservação integrada", continuando a assegurar a continuidade e a sobrevivência da memória coletiva.
"Hoje o desafio é conciliar o património e o desenvolvimento das sociedades" (Flores, 1998, p. 11). A apropriação da história não apenas como "citação material" do passado, mantendo os valores que podemos reconhecer, caindo na "petrificação" (Batista, 2010), mas também com a possibilidade de transformação através do equilíbrio nas intervenções dando-lhes continuidade e, eventualmente até, intensifica-los. Sem destruir nem anular, recuperando e integrando matéria existente, física ou imaterial, numa sociedade contemporânea. "Uma conceção que se aproxime da experiência vivida ao mesmo tempo que se afasta do peso paralisante da história" (Batista, 2010, p. 6). Livre de dogmas, urge o equilíbrio sensível entre desenvolvimento e conservação na cidade consolidada (Flores, 2002). Aldo Rossi exprime essas vontades afirmando: "Na realidade, na minha visão do projeto e da cidade, os monumentos devem dessacralizar-se no sentido de converter parte da cidade em topografia e em material do qual nos possamos servir." (Rossi, 1976, p. 19, tradução livre).

Sendo que reabilitar equivale a transformar (Ribeiro, 2010), é preciso que seja de uma forma consciente no processo dinâmico da cidade, após um diagnóstico profundo e crítico do enquadramento existencial, percebendo-o na sua temporalidade: no que foi no passado, no que é no presente, e do que suporta ser num futuro, ditado por um novo programa. Essa fase de diagnóstico conduzirá ao resultado da reabilitação.
De qualquer modo seria difícil afirmar um, ou o melhor método para o prolongamento e o posicionamento do património histórico numa sociedade contemporânea. Quer num gesto do restauro à encenação de um tempo passado, quer num traço mais interventivo de programa e forma, é necessário que seja feito de uma

forma livre de dogmas que limitem a compreensão e as adaptações diacrónicas (Garcia, 2001).

Assim, de forma a conceder uma nova oportunidade ao património edificado abandonado é necessário reabilitar. E por reabilitar entende-se as ações de intervenção necessárias para dotar determinados edifícios de condições de segurança, funcionalidade e conforto, respeitando a sua arquitetura, nomeadamente a caracterização tipológica e o sistema construtivo (Freitas, 2012). Mas é também doar novas valências de acordo com necessidades e valores atuais. "A cidade é uma herança do passado para ser transferida para o futuro e, se possível, melhorado pelo presente" (Garcia, 2001, p.179)
A reinserção de um corpo desativado "no circuito das utilizações vivas" (Choay, 2010, p. 190) da cidade, através da colocação de um implante regenerador na velha construção (Choay, 2010).

1.1 Percurso enquanto conceito espacial:
do barroco à contemporaneidade

Desde os primeiros dias da civilização humana que o Homem representa o que o rodeia. Evoluindo, ao longo da história, na forma como o faz e na forma como perceciona o mundo. As formas experienciadas foram sendo contestadas pelas novas vanguardas, artísticas e arquitetónicas, que iam surgindo pela velocidade dos tempos, sobressaltando o homem e as suas vontades, subvertendo-o a novas perceções. Passando da perspetiva com um espaço focal clássico, homogéneo, constante, ao espaço narrativo, provocando dinamismo e movimento, pois a perceção do espaço é feita a partir de um movimento que cria vários pontos de vista, sensações e diversas formas de perceção de todo o objeto arquitetónico.

No início do seculo XVII, o Barroco contestava uma série de valores clássicos, como a rutura com o método de representação, a perspetiva renascentista, procurando abolir o ponto de vista único e imóvel do espectador, manifestando uma ambiguidade entre centro e perspetiva. Criando movimentos dinâmicos, pontos de vista múltiplos, perspetivas prolongadas, e narrativas, num jogo ótico de tridimensionalidades que sugerem mundos infinitos. Em sistemas labirínticos, onde o espectador perde o sentido do centro (Giedion, 2004).
Sendo o barroco designado por Deleuze de "arquitetura da visão", onde o espetáculo é situado numa relação espacial de representação.

A enfatização do espetáculo, dos cenários dinâmicos e carregados de movimento, é reencontrada nos boulevards de Paris do século XIX, com a nova organização e visualidade do espaço urbano. A cidade sofre alterações físicas e transformadoras, sobre o comando de Georges-Eugène Haussman. A abertura das grandes vias, com o objetivo de melhoramento da cidade[1], criavam efeitos cenográficos de grandiosidade, com perspetivas infinitas, agora aplicadas nos *boulevards*[2], e a criação de grandes praças que enquadrariam e valorizassem o novo cenário urbano. A permeabilidade visual no espaço urbano foi modificada, onde a espaço exterior e interior dos edifícios foi também dilatada com a invenção das vitrines. O olhar foi prolongado, perdendo-se nos infindáveis boulevards e no novo cenário urbano, fomentando o fluxo urbano e propiciando a experiência urbana do século: a *flânerie*[3].
Paris tornara-se um convite absoluto ao passeio dos ociosos, o cenário por excelência da vida moderna, da intensidade de estímulos efémeros e da agitação dos corpos e das máquinas. A "era de agitação e riso, de violência, decadência, eletricidade e esquecimento." (Talmeyr, cit. Carney & Schwartz, 2001, p. 19) Surge nessa época, o *flâneur*, deambulante parisiense, absorvido por um fluxo histérico e vibrante, procurando percorrer a cidade de forma intuitiva, sensorial e orgânica.

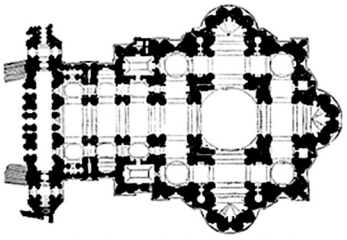
> A multidão é o seu domínio, tal como o ar é o domínio do pássaro, e a água, o do peixe. A sua paixão e a sua profissão é a de desposar a multidão. Para o flâneur perfeito, para o observador apaixonado, eleger domicílio no meio da multidão, no inconstante, no movimento, no fugitivo e no infinito, constitui um imenso gozo. (Baudelaire, 2006,1863, pp.17,18).

Para o *flâneur*, a cidade não é um espaço onde decorre uma narrativa, mas sim um espaço de deriva, de acontecimento. A vida na cidade moderna passou a ser mediada por experiências sensoriais cotidianas, criando uma arquitetura de fluxos.

1 Circulação fácil e cómoda dentro da cidade; eliminação da insalubridade e degradação dos bairros, "arejando" os densos interiores dos quarteirões, estabelecendo uma imagem geral de modernidade, criando uma cidade com luz, espaço e arborização e uma nova arquitetura urbana; revalorização e reenquadramento dos monumentos, unindo-os através de eixos viários e perspetivas.

2 O novo panorama configurado pela iluminação a gás, e posteriormente elétrica, colocada ao longo das infinitas avenidas, aumentavam ainda mais sensação de grandeza e de planos infinitos.

3 O *flâneur* é uma personagem literária, dos meados do século XIX, surge em França, caracterizada na poesia de Baudelaire, em 1863, no texto Le Peintre De La Vie Moderne. É mais tarde retomada por Walter Benjamin, no século XX, desenvolvendo a ideia de *flânerie*, ou seja, a flanância urbana, a investigação do espaço urbano. Tornou-se uma figura emblemática da experiência urbana do século, descrito por Benjamin como um ser deambulante, em busca de novas sensações e emoções. Um explorador urbano e conhecedor da rua, e do mundo.







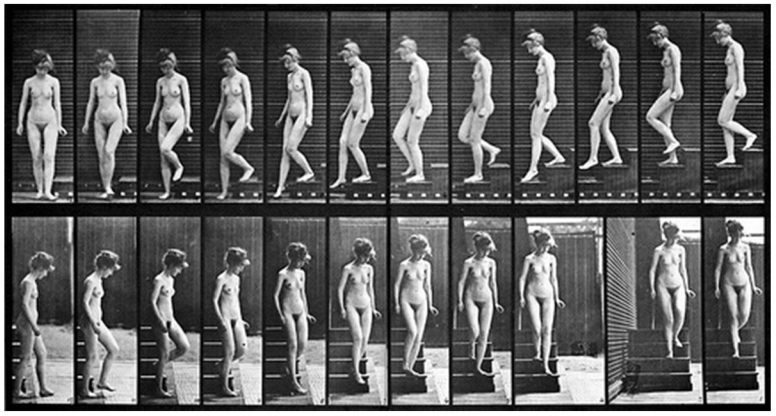














Imagem 1
Planta barroca

Imagem 2
Jardins de Versailles, Paris

Imagem 3
Boulevard dos Champs Elysées, Paris

Imagem 4
Mulher seminua em movimento, Muybridge, 1887

Imagem 5
Fotograma de L'arivée d'un train en Gare de La Ciotat, Auguste e Louis Lumière, 1895

Nas primeiras décadas do século XX, era vivido um contexto cultural caracterizado por experimentações, redefinições e ruturas. O interesse pelo movimento e as possibilidades de capta-lo, representa-lo ou recria-lo, podia ser observado nos mais diversos campos de conhecimento. Esse fascínio teve várias repercussões, confluindo para a criação de um dos mais significativos fenómenos culturais do século: o cinema. A noção de movimento e a forte presença do cinema tiveram um papel essencial na forma como a arquitetura se desenvolveu ao longo do século XX, e a partir de então. Foram produzidos nessa época vários exemplos de uma arquitetura dinâmica, com consequências fundamentais para a reflexão e conceção sobre o espaço arquitetónico e a relação entre o homem e o espaço que o envolve.

Em 1948, Bruno Zevi[4], em *Saber ver a Arquitetura* introduz um novo conceito para a arquitetura modernista: "Existe, pois, outro elemento além das três dimensões tradicionais, e é precisamente o deslocamento sucessivo do ângulo visual. Assim designou-se o tempo "quarta dimensão" (Zevi, 1996, p.22). Acrescenta ainda que "todas as obras de arquitetura, para serem compreendidas e vividas, requerem o tempo da nossa caminhada, a quarta dimensão" (Zevi, 1996, p.22).

4 Bruno Zevi (1918-2000) arquiteto e historiador de arquitetura italiano, forçado a deixar o seu país, por ideias políticos, Zevi exilou-se nos Estados Unidos, recebendo fortes influências da arquitetura orgânica, principalmente de Frank Lloyd Wright. Defendendo a tese de que são as formas orgânicas e não a simetria clássica, a chave do desenho moderno. Um de seus trabalhos mais conhecido foi o pavilhão da Itália, na exposição de Montreal de 1967. A sua obra teórica foi também muito apreciada, tornando-se reconhecida por numerosos títulos, destacando-se "Saber Ver A Arquitetura", "A Linguagem Moderna Da Arquitetura" e "História Da Arquitetura Moderna". Dirigiu também diversas revistas, nos Estados Unidos e em Itália.

Assim, com a abolição do ponto de vista único da perspetiva renascentista, que havia perdurado ao longo de vários séculos, agregava-se às três dimensões tradicionais da geometria euclidiana uma quarta dimensão, o tempo.

A procura de tridimensionalidade e do movimento como entendimento do espaço moderno é linear às vanguardas artísticas do século XX, tendo resultado delas um gesto impulsor para a nova presença urbana e visão contemporânea. O Cubismo inaugura uma nova visualidade, e uma nova mentalidade, tendo "o movimento como resposta a uma nova conceção de espaço" (Giedion, 2004, p.59). Onde a representação era feita a partir da contemplação de vários pontos de vista, representando o interior e o exterior da estrutura ao mesmo tempo. Uma dissecação total do objeto que tornaram a simultaneidade e a transparência os elementos do movimento artístico (Giedion, 2004). A captura do espaço e dos objetos, do acontecimento em sucessão, era representado num aglomerado de imagens sobrepostas.
Com referências na industrialização moderna que tornara a vida urbana mais dinâmica, mais complexa e explosiva, na simultaneidade dos acontecimentos e na transparência dos planos, o Cubismo representa a nova dimensão, o tempo, aliado ao espaço. Enquanto o Futurismo, segunda vanguarda na linhagem do processo da abstração, explora o movimento, e as suas consequências, a interpenetração e a simultaneidade. O Futurismo, estabelecendo a máquina como símbolo do "espírito novo", percebeu que não só o movimento, mas a velocidade marcaria a dinâmica da vida urbana moderna.
Estas vanguardas artísticas amplificaram ao novo espectro humano introduzindo na arte o que se vivia no momento, o novo binómio espaço-tempo, tendo tido repercussões na arquitetura móvel e efémera (Giedion, 2004).

A arquitetura superou finalmente o seu valor estático. Transformado num dos elementos indissociáveis da arquitetura moderna, o movimento era experimentado através da integração do percurso do visitante no edifício. E ainda, a da mobilidade do olhar e a dimensão temporal, como elementos de perceção do espaço, bem explícito nas palavras de Le Corbusier:

> A arquitetura caminha-se, percorre-se e não é de modo nenhum, como advogam certas correntes de ensino, essa ilusão inteiramente gráfica organizada em torno de um ponto central abstrato que se pretenderia homem, um homem quimérico, dotado de um olho de mosca e cuja visão seria simultaneamente circular. Este homem não existe, e foi graças a esta confusão que o período clássico encetou o naufrágio da arquitetura. O nosso homem é, pelo contrário, dotado de dois olhos colocados diante de si, a 1,60m acima do chão, e olha em frente. Realidade da nossa biologia que basta para condenar tantos projetos que giram em torno de um eixo abusivo. Dotado dos seus dois olhos e olhando em frente, o nosso homem caminha, desloca-se entregue às suas ocupações, registando assim o desenrolar dos factos arquitetónicos que se vão sucedendo. Sente o seu efeito, fruto de comoções sucessivas. De tal modo que, postas à prova, as arquiteturas classificam-se em mortas ou vivas, se a regra do caminhar não foi observada, ou se pelo contrário foi brilhantemente explorada. (Le Corbusier, 1943, p. 51)

Le Corbusier[5] foi autor das *promenade architectural*[6], na qual propunha uma conceção de arquitetura onde a organização do espaço, as relações entre ele e o fruidor, e todos os acontecimentos percetivos da obra obedeciam a uma sucessão ordenada de acontecimentos, a partir do ponto de vista do observador. Uma associação entre tempo e espaço, a dimensão temporal associada ao olhar no projeto arquitetónico.
O arquiteto assumia uma vontade de controlar os movimentos do sujeito, e do seu olhar, através de um percurso fluido ao longo da obra, onde as paredes direcionam o olhar e as

5 Le Corbusier (1887-1965) é o pseudônimo de Charles Edouard Jeanneret-Gris, arquitecto suíço, e também pintor purista, foi uma das figuras mais importante da arquitetura moderna, sendo um dos criadores dos CIAM (*Congrès Internationaux d'Architecture Moderne*). Le Corbusier ditou, através do seu livro *Vers Une Architecture*, as bases do movimento moderno, com características funcionalistas, que impulsionaram o que mais tarde seria chamado de *International Style*. Entendia a casa como uma máquina de habitar, machine à habiter, em concordância com os avanços industriais. A sua influência estendeu-se principalmente ao urbanismo. Foi um dos primeiros a compreender as transformações que o automóvel exigiria no planejamento urbano. A cidade do futuro, na sua perspectiva, deveria consistir em grandes blocos de apartamentos assentes em pilotis, deixando o terreno fluir debaixo da construção. Sendo também conhecido por ter sido o criador da *Unité d'Habitation*.

6 Expressão usada e associada a Le Corbusier e à sua obra. O arquiteto suíço utiliza a expressão pontualmente para caracterizar as suas obras, sendo mencionada pela primeira vez em 1923 relativamente à *Maison La Roche*. E mais tarde em 1931 e 1949 referindo-a à *Villa Sovoye* e a *Maison Curutchet*, respetivamente. "Promenade Architectural" é para Le Corbusier é a coordenação do movimento nas obras como chave da sua organização e a perceção do sujeito do espaço em movimento.





Imagem 6
Dynamism of a Dog on a Leash, Giacomo Balla, 1912

Imagem 7
Nu descendo as escadas, Marcel Duchamp, 1912





Imagem 8
Formes uniques dans la continuité de l'espace, Umberto Boccioni, 1913

Imagem 9
Villa Savoye, Le Corbusier, 1949

janelas enquadram para o exterior. Na Villa Savoye o arquiteto reuniu todas essas características, fazendo da casa uma verdadeira coreografia arquitetónica, construída com base no percurso do visitante e nos enquadramentos criados pela arquitetura, com a rampa como elemento principal. Exemplo máximo dos seus ideais puristas, ilustrando na perfeição os *cinco pontos da nova arquitetura*[7] e a *promenade architecturale*, a Villa Savoye oferece a experiência de fruição do objeto arquitetónico, um espaço narrativo criado não por uma perceção estável mas sim por uma sucessão de sensações.

> (...) os diversos aspetos da obra, a sinfonia que de fato se toca, só podem ser apreendidos à medida que os passos nos transportam, nos colocam e nos deslocam, oferecendo ao nosso olhar o pasto de paredes ou de perspetivas, o esperado ou o inesperado de portas que revelam o segredo de novos espaços, a sucessão das sombras, penumbras ou luzes geridas pelo sol que penetra pelas janelas ou pelos vãos, a visão longínqua dos terrenos construídos ou plantados, ou a dos primeiros planos sabiamente organizados. (Le Corbusier, 2003, p. 52)

7 Le Corbusier propõe em 1926 os célebres cinco pontos para uma nova arquitetura: edifícios elevados por pilotis, terraço jardim, transformando as coberturas em terraços habitáveis, planta livre, fachada livre e fenêtre en longueur.

Enquanto o sujeito, na obra de Le Corbusier, é dirigido e controlado através de uma *promenade architectural*, o *flâneur* procura construir a sua individualidade, através da interpretação de fragmentos urbanos, evitando os *grands boulevards*, preferindo a deambulação aleatória por ente ruelas e as *passages*[8] parisienses.

Existe uma caso interessante, em que três quarteirões consecutivos com passagens internas, *Passage Verdeau, Passage Jouffroy* e *Passage des Panoramas*, juntas formam uma pequena cadeia de ligações. Onde, se tivessem continuado essa sucessão de passagens, criar-se-ia uma rede de caminhos cobertos que poderiam ter-se desenvolvido independentemente do padrão das ruas à sua volta.





Também no caso do Museu Guggenheim, apesar da distância física entre a Europa e a América do Norte, se revê os princípios da narrativa espacial da *promenade*.

Frank Lloyd Wright[9] define todo o espaço pela rampa circular, que marca uma nova tipologia de perceção do espaço. Entre 1943 e 1959, o arquiteto norte-americano idealizou uma configuração central de circulação com uma rampa contínua em espiral que se eleva desde a entrada, e conecta todos espaços de exposição, apresentando-se como um elemento de hierarquia espacial. A experiência espacial possibilita movimento e perceção espacial continuada e ampla, do piso térreo ao último piso. Uma obra de fluição entre espaço, conduzidos pelos diferentes planos irregulares, voltando sempre, em momentos particulares, à ligação com o pátio central.

Ao longo do século XX, a arquitetura e a arte tomaram consciência do olhar curioso e ávido do homem moderno, procurando chegar às emoções sempre associadas a um olhar sequencial em movimento. De inúmeros projetos desenvolvidos sobre essa premissa, a *New Babylon* de Constant Nieuwenhuys[10] foi provavelmente o mais radicalmente utópico, onde a figura do *flâneur* é retomada pelos situacionistas[11], que levam a experiência da *flânerie* ao limite, assim como as outras premissas do homem moderno, através deste projeto. A deriva situacionista seria a reinvenção da *flânerie*, a errância voluntária pelas ruas, um comportamento tipicamente labirintiano[12].

A prática da deriva propunha uma experiência artístico-sensorial, com caráter lúdico e experimental, "a deriva é como esparramar-se pelo território a favor do objetivo situacionista de subverter a ordem estabelecida e ensejar novos modos de vida" (Montaner, 2008, p. 133).

Num movimento contrário aos preceitos urbanísticos modernos, nomeadamente da promenade architectural, os situacionistas convertiam a cidade numa composição, estimulada por grandes situações construídas e efémeras, por entre os quais os seus habitantes derivariam sem rumo, numa flutuação aleatória de itinerários múltiplos e difusos, determinados pela experimentação (Rouillard, 2004). Estes dois conceitos situacionistas, a *dérive* e situação construída[13], são de grande importância para a noção de urbanismo do grupo.

A *New Babylon* seria um projeto megalómano, uma imensidão sem limites nem barreiras,

8 As passages couverts, são ruas internas, pedestres, traçadas entre edifícios, abrigando principalmente comércio. São cobertas de vidro, e foram construídas no século XIX por todo o mundo, em formas e dimensões diversas dependendo das condições locais. Existem ainda muitos exemplos marcantes, nomeadamente, a Passage des Panorama e a Galerie Vivienne, em Paris, a Galleria Vittorio Emanuele, em Milão, e a Galleria dell Industria Subalpina, em Turim.

9 Frank Lloyd Wright (1867-1959), arquiteto norte-americano, iniciou a sua carreira em 1887, tornando-se desde então figura chave da arquitetura orgânica, tendo como obra iconográfica a Casa da Cascata, *Fallingwater house*, o Museu Guggenheim de Nova York, e a *Price Tower*, em Bartlesville. A sua arquitetura era uma variante da arquitetura moderna que se contrapunha ao International style europeu. O organicismo wrightiano pode ser resumido nos princípios da unidade, da plasticidade, da continuidade, da obediência à natureza dos materiais e de um novo sentido de escala baseada na horizontalidade e na integração do edifício com a paisagem natural. Wright influenciou os rumos da arquitetura moderna com os seus ideais e obras, considerado um dos arquitetos mais notórios e influentes da primeira metade do século XX.

10 Constant Nieuwenhuys (1920-2005), arquiteto holandês, foi o projetista de uma das maiores megaestruturas utópicas radicalista da história da arquitetura, propondo princípios inovadores e polémicos sobre o Urbanismo Unitário. Em 1948, fundou juntamente com Corneille, Karel Appel e Jan Nieuwenhuys o Experimentel Group Holland. Mais tarde, em 1948, na Dinamarca, forma o *The COBRA Group*, com Christian Dotrement,

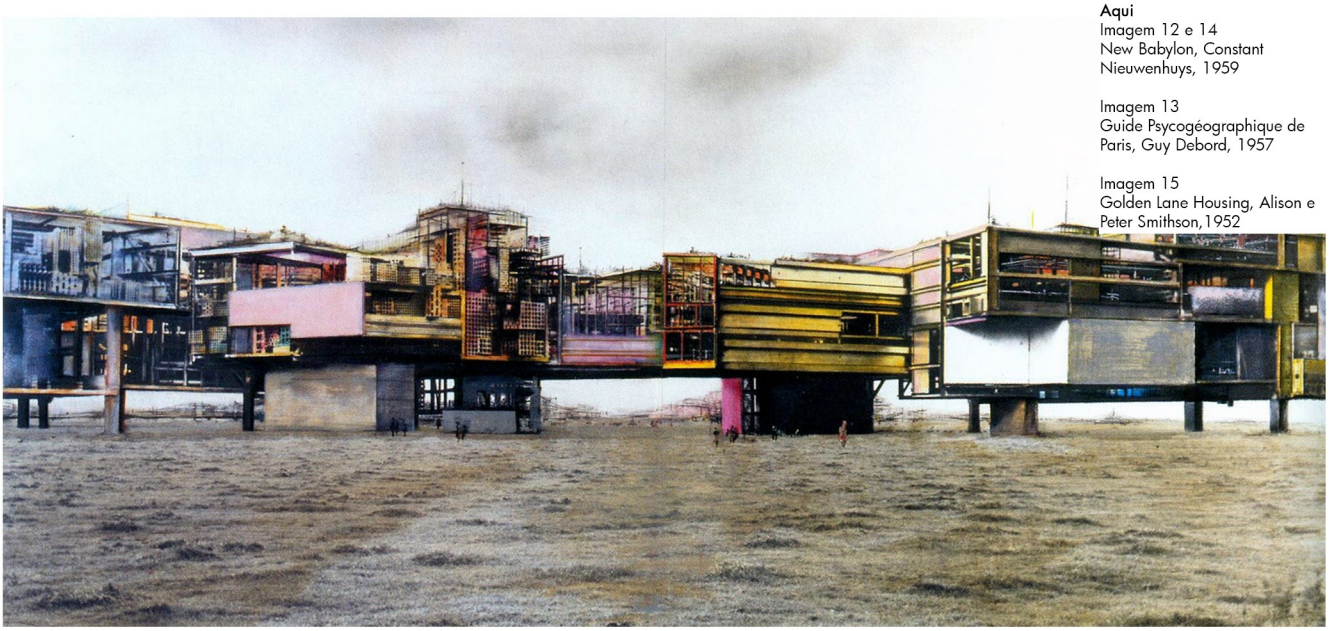
Página 24
Imagem 10
Passage Jouffroy, Paris

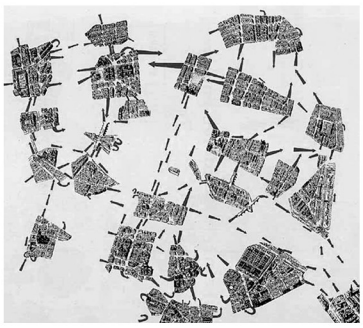
Imagem 11
Museu Guggenheim, Nova York

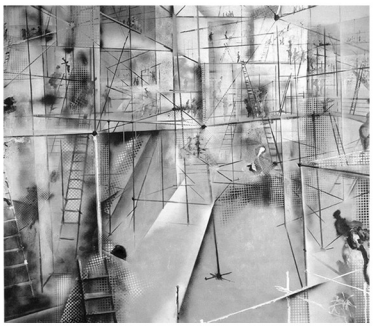
Aqui
Imagem 12 e 14
New Babylon, Constant Nieuwenhuys, 1959

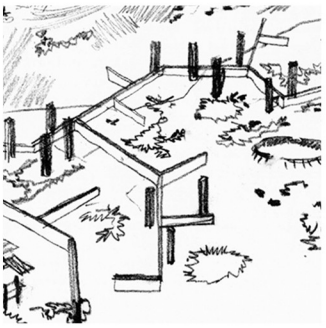
Imagem 13
Guide Psycogéographique de Paris, Guy Debord, 1957

Imagem 15
Golden Lane Housing, Alison e Peter Smithson, 1952









Joseph Noiret, Bélgica e Asger Jorn. A partir de 1957, Constant tornou-se membro ativo da *Internacional Situacionista* (IS), onde deu início ao seu projeto utópico da cidade situacionista, a *New Babylone*, em escritos, desenhos e maquetes. Expulso do grupo por Debord, em 1960, Constant continua a projetá-la, até publicar em 1974 o manifesto "New Babylon". (Nieuwenhuys, 2011)

que poderia crescer indefinidamente ao longo da superfície terrestre e funcionaria por unidades distintas. A partir de uma organização coerente de pisos com funções distintas, através de estruturas autoportantes como pilotis, sobre cidades existentes, com espaços habitacionais, de lazer, de múltiplas atividades. A cidade seria construída sob o princípio de que os sujeitos estariam preparados para alterar o espaço indefinidamente e os seus movimentos ampliariam a dimensão piranesiana[14] do espaço, numa viajem infinita por lugares em constante renovação. Os *New Babylonians* seriam seres permanentemente perdidos e errantes num espaço dinâmico, num jogo temporal, através da constante mutação e deslocamento das estruturas espaciais, onde o território sensório-democrático geraria uma atividade lúdica, um estado de espontaneidade, e de plena deriva.
New Babylon era um labirinto sem centro, des-hierarquizado, sem outro objetivo para além do lazer, num sem-rumo.

> New Babylon é um labirinto imensurável. Cada espaço é temporário, nada é reconhecível, tudo é uma descoberta, tudo muda, nada pode servir como um marco. Assim, psicologicamente é criado um espaço que é muitas vezes maior do que o espaço real (Nieuwenhuys, cit. Sadler, 1999, p. 143, tradução livre).

Apesar da *New Babylon* ter sido um manifesto urbanista, uma utopia nunca construída, mostrou ser um exemplo relevante da arquitetura situacionista, com repercussões na arquitetura contemporânea. Ainda que de uma forma limitada, é possível encontrar semelhanças nas teorias de Alison e Peter Smithson, e de Aldo van Eyck[15], sobre a escala do bairro, do habitante como principal sujeito da determinação espacial. Assim como com o trabalho dos radicalistas, sobre a redução arquitetónica, a anulação do significado e a

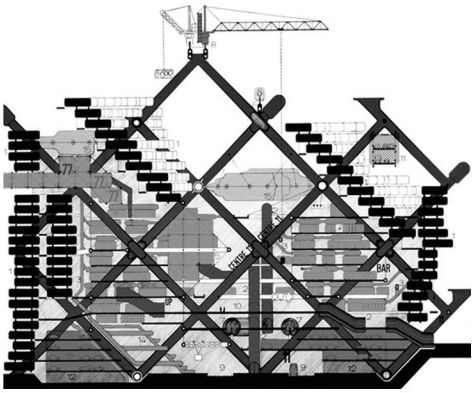
11 A Internacional Situacionista (IS), foi fundada pelo artista, intelectual e ativista político, Guy-Ernest Debord, com a fusão de nomes como Asger Jorn, Constant e Gilles Ivain, e a convergência de grupos contestatários dos anos de 1950, como o Internationale Lettriste, o International Movement For An Imaginist Bauhaus, e a London Psychogeographical Association. A IS consistiu num coletivo crítico da arquitetura no contexto socioeconómico da segunda metade do século XX. Movimento extremamente crítico da arquitetura e urbanismo modernista, que invalidava o poder de decisão do arquiteto em prol do poder de decisão e intervenção do habitante. A IS tornou-se numa das vanguardas mais influentes do século, mostrando uma vertente radical através de conceitos como Urbanismo

atrofia da arquitetura.

É então nas décadas de 1950-1970, que Alison e Peter Smithson, importantes líderes do Team Ten[16], revelam influências do projeto de Constant, explorando a cidade como fluxo – de relações e movimentos – e em simultâneo a cidade produtora de emoções e sensações. Num contexto pós-guerra, onde se erguia uma nova cultura, novos modos de vida, e a afirmação e consolidação quer do fenómeno do lazer, com a consequente ideia de um novo Homem, o "homo ludens", quer do fenómeno da mobilidade, o "homo movens" (Rouillard, 2004).

Contra os dogmas modernistas que estabeleciam que as cidades deveriam ser zoneadas em áreas específicas, a cidade ideal para os Smithson era, uma continuidade urbana que combinava atividades diferentes dentro das mesmas áreas. Previam habitações a serem construídas e ligadas entre si por ruas elevadas – *street-in-the-air*– em que a circulação de pedestres era rigorosamente separada do tráfego de veículos, um tema popular na década. O tema da rua era abordado por eles como um lugar a construir, como: um espaço de recreio, lugar de encontro, criação de comunidade e fluxo de mobilidade; "a rua não é apenas um meio de acesso, mas também uma arena para a expressão social" (Smithson & Smithson, 1956, p.15, tradução livre).

Estes princípios e o conceito de *street-in-the-air*, foram colocados em prática em duas propostas urbanas subsequentes: no projeto de *Golden Lane Housing* de 1952, e no projeto de *Berlim Haupstadt* de 1958. No *Golden Lane Housing*, Alison e Peter propuseram plataformas em três níveis que serviriam de passagem, com um acesso pedonal para cada apartamento criando uma rede espacial onde estas interligam os edifícios. O projeto tinha intenção de criar uma rede de edifícios ligados por essas ruas pedonais elevadas, criando uma estrutura tridimensional de cidade. Apresentam assim a rua enquanto edifício, numa rede de ruas elevadas e contínuas, com o objetivo de criar uma relação entre a habitação e as pessoas (Rouillard, 2004). As passagens aéreas formavam uma grande rede estrutural, quer de sociedade, quer de organização do construído. Formando um



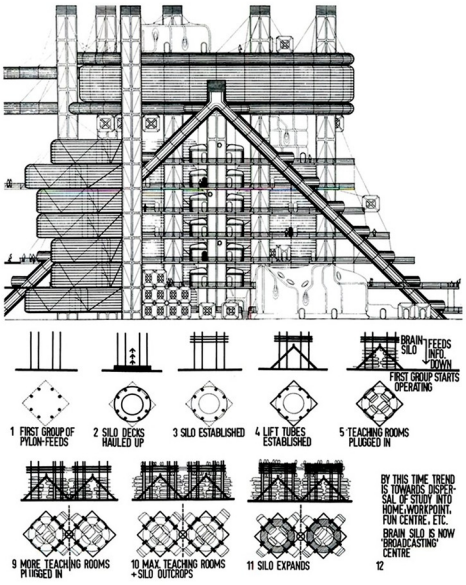


Imagem 16/17
Plug In City, Peter Cook, 1964

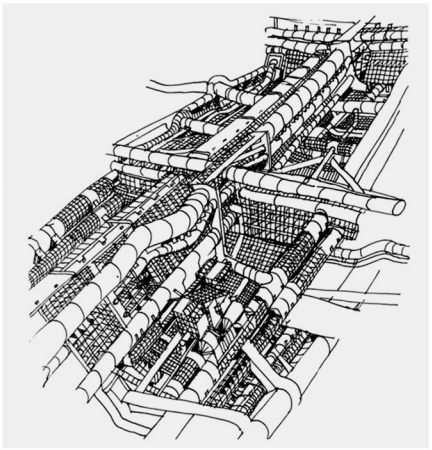


Imagem 18
Future City, Rossant e Conklin, 1973

Uma cidade desenvolvida em torno da comunicação, serviços e sistemas circulatórios. Com os interiores para as deslocações e o exterior para os usos privados e públicos/coletivos.

Unitário, situação construída, dérive e détournement. O principal objetivo do coletivo seria a reflexão sobre o espaço urbano, e potenciar a ação criativa individual do habitante, e num caracter lúdico. As suas principais obras, dentro do urbanismo e arquitetura, foram os mapas psicogeográficos de Paris, de Guy Debord e o projeto de *New Babylon* de Constant Nieuwenhuys (Sadler, 1999).

12 O Labirinto era utilizado como referência ideológica pela conceção dinâmica do seu espaço, oposto à perspetiva estática das linhas ortogonais.

13 A *dérive* era um exercício de reconhecimento da cidade e das suas ambiências distintas, de um modo não orientado ou referenciado; as situações construídas seriam momentos deliberadamente construídos, mas não necessariamente organizados, que enriqueceriam e fomentariam tanto as derivas como as relações sociais e a ação coletiva dentro do espaço urbano.

14 A dimensão piranesiana - Giovani Batista Piranesi (1720-1778), arquiteto e gravurista italiano - era composta pela condensação das experiências espaciais, os espaços complexos, não redutíveis ao plano, nos quais a realidade é o espaço, e não a matéria. A utilização de elementos geométricos e abstratos que criavam estados de perturbação, confusão, e continuidade espacial. Piranesi explorou o movimento e o percurso espacial, com aspetos variáveis, inesperados, desconhecidos e surpreendentes, onde os espaços conduzem a outros, oferecendo um sistema acumulativo de perspectivas insinuando um espaço infinito.

15 Arquiteto holandês, Aldo Van Eyck (1918-1999) foi membro fundador do grupo Team 10 desde o início na década de 1950 até o fim.
No último congresso do

dinamismo orgânico. A tentativa de criar uma cidade pedonal que não se reduz apenas a um nível terrestre permitiria a criação de um tipo de urbanismo muito além das normas mais conservadoras: "de modo a conseguir fluidez de movimento, propomos uma cidade multinivelada com *streets-in-the-air* residenciais, conectadas entre si num complexo contínuo multinivelado, ligadas onde necessário" (Smithson & Smithson, 1956, p.26, tradução livre).

Nos finais anos sessenta, década que mudou o mundo numa série de transformações nas mais diversas áreas, e devido aos mais diversos factores, elaboraram-se dilacerantes críticas e alternativas a realidades existentes e dogmáticas. Emerge nessa década um novo movimento arquitectónico, com a pretensão de criar novos lugares, novos territórios. Declarando o fim dos princípios arquitectónicos e formais do Movimento Moderno, com o entusiasmo de perspectivas de progresso que a década apontava, surge em Itália o Movimento Radical. Num período de prosperidade e desenvolvimento capitalista, surge a *Pop Art*, com ideais críticos à sociedade de consumo da década, sendo adoptada a postura crítica da cultura Pop pelos grupos radicais. Teórico, politizado e experimental, o Movimento Radical gerou novas linguagens, novas ferramentas, e novos paradigmas, através de projectos arquitectónicos de megaestruturas e cidades utópicas, assim como através do design (Fiell & Fiell, 2005).

Dentro da diversidade de grupos com propostas radicais e utópicas, podemos des- tacar os Archigram, arquitetos ingleses que fundamentavam ideias e princípios intrinsecamente relacionados às transformações provocadas pelos novos sistemas de transporte, comunicação e informação, e pelas novas tecnologias eletrónicas – o *high tech*. Deste modo, nos seus projetos, princípios como a mobilidade, a flexibilidade, a instabilidade, a mutabilidade, a instantaneidade, a efemeridade, e a obsolescência, estavam inerentemente presentes Consideravam a arquitetura um evento ativo, uma instância definidora de ideias, factos, fluxos e informação.

O projeto *Plug-in City*, de Peter Cook, elemento dos Archigram, apresentava a proposta de uma cidade construída a partir de uma mega-estrutura organizada, um *network*. Construída por elementos arquitetónicos móveis e intercambiáveis sobre patamares, com vias de comunicação e de acesso por elementos estruturais fixos interligando cada ponto do terreno. Criando uma malha de circuitos comunicacionais e informacionais, materializados por amplas tubulações e articulações metálicas que serpenteavam como passarelas por todos os setores. A cidade era considerada um organismo móvel, articulado, constituída por componentes integrados e interconectados, prevendo uma grua que a percorre para colocar ou desmontar células habitacionais.
Apesar de diferenças ideológicas, quer os radicais quer os situacionistas entraram num delírio tecnológico, numa quase ausência arquitetónica, onde se questionavam a necessidade das cidades. Uma arquitetura integrada, configurada por circulações e comunicações autónomas e protagonistas; referências fundamentais para as gerações de Rem Koolhaas, Bernard Tschumi e Arata Isozaki, entre outros.

Tal como os situacionistas, Bernard Tschumi[17] compreendeu a importância da situação, do acontecimento, da surpresa, da deriva, do movimento e da sequência para a compreensão do espaço[18].
Em 1982, no projeto para o *Parc de la Villette*, Tschumi aplica conceitos puramente teóricos já desenvolvidos anos antes, propondo para o parque uma cinematic promenade. Um percurso não planeado, entre caminhos sinuosos e lineares, através de encruzilhadas, jardins e *folies*, que pela sua semelhança formal, servem como elementos

CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) em 1959, reivindicou uma nova postura para a arquitetura moderna, procurando reunir as tradições clássica, uma maior relação com a história, as arquiteturas regionais e os elementos simbólicos.

16 Team Ten, ou Team X, foi um grupo de jovens arquitetos que iniciaram a crítica aos preceitos dos CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna), principalmente em relação ao urbanismo, ao contestar a famosa Carta de Atenas. Após o fim do CIAM, em 1959, o grupo manteve o espírito mas através de uma revisão crítica, atingiu um novo discurso à arquitectura Moderna, tornando-se referência para as novas vanguardas, a Arquitectura Radical. Entre os seus membros mais assíduos e importantes estiveram Jaap Bakema, Georges Candilis, Aldo van Eyck, Giancarlo

17 Bernard Tschumi (1944-) arquiteto suíço, é considerado um dos grandes teóricos da arquitetura contemporânea. Desde os anos 70 vem construindo uma reputação em torno da questão intelectual, sendo considerado um teórico de alto nível e um vanguardista.
É conhecido internacionalmente pelo seu projeto Parc la Villette, em Paris, geralmente referido pelos críticos de arquitetura, como um dos primeiros exemplos da arquitetura Descontrutivista. Tschumi procura refletir a sociedade contemporânea global, onde a forma resulta da sua própria deformação; deslocamento e desvio são operações que provocam a mutação necessária à sua configuração.

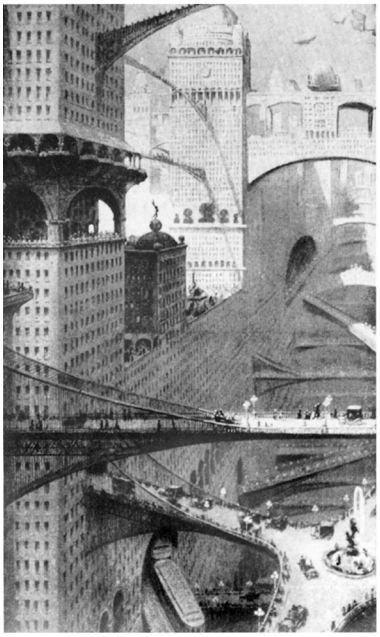
18 *Event* ou *movement* são termos frequentemente utilizados por Bernard Tschumi para definir as dimensões da arquitetura.

Imagem 19
Cartaz da Internacional Situacionista

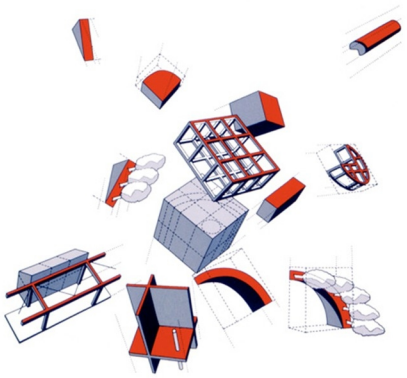


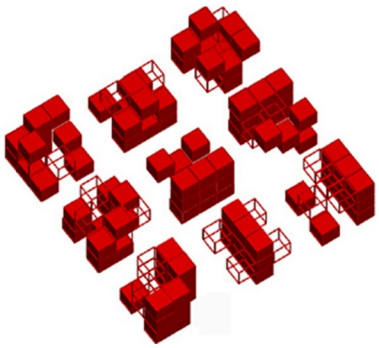
Imagem 20/21
Future New York, Richard W. Rummell, 1911





19 João Mendes Ribeiro é um arquiteto português, estabelecido em Coimbra, onde o seu trabalho atinge diversas escalas de projeto, uma transversalidade que vai da intervenção urbana à cenografia. Tendo já recebido vários prémios nacionais e internacionais.





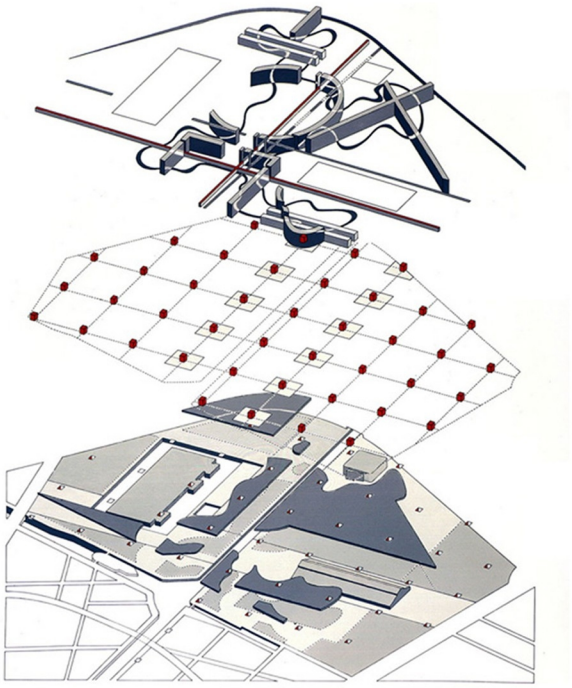


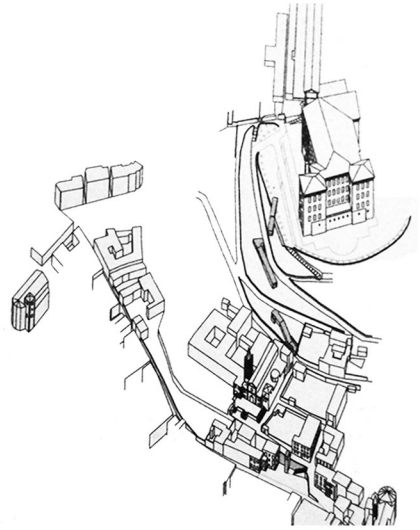
Imagem 22/23
Parc de La Villette, Bernard Tschumi, 1983-1990, Paris.
Elementos de desvio da estrutura inicial.

Imagem 24
Parc de La Villette, Bernard Tschumi, 1983-1990, Paris.
Sistema de linhas, de pontos e de planos.

desorientadores, numa espécie de labirinto clássico. As folies, seriam os estímulos dos próprios transeuntes.
As sequências são escolhidas pelo visitante, que cria o seu próprio percurso reinventando novos trajetos, criando múltiplas sequências de espaços. Num contraste absoluto com a *promenade architecturale*, correspondente à imposição de uma vontade arquitetónica.
O arquiteto vê a cidade como uma série de eventos, propondo a distribuição do programa ao longo de todo o parque, a partir de três sistemas abstratos: pontos, linhas e superfícies. A desconstrução do programa ao longo do parque tinha em vista uma intensificação da deslocação dos visitantes pelo parque. Num convite à deambulação pelo parque, na descoberta de eventos, programas e situações: "(...) não existe arquitetura sem evento, nem arquitetura sem ação, sem atividades, sem funções. Arquitetura (...) é a combinação de espaços, eventos, e movimentos, sem qualquer hierarquia ou precedência entre esses conceitos." (Tschumi, 1997, p. 255, tradução livre).
La Villette foi o planeamento duma enorme superfície de jogos e de experiencia do corpo liberto de arquitetura.

Ao contrário da promenade architecturale, em que o percurso era coreografado previamente por Le Corbusier, aqui, a paisagem forma-se com a espontaneidade do caminhar, de acordo com a sequência escolhida pelo visitante.
As sequências espaciais implicam geralmente o movimento do observador, que pode ser planeado pelo arquiteto, como acontece aos utilizadores da *Ville Savoye*; ou não planeado, como sucedia aos habitantes de *New Babylon* e aos visitantes do *Parc de la Villette*. Os visitantes são confrontados com uma série de encruzilhadas, vendo-se obrigados a escolher um caminho, a seguir a sua intuição, numa deambulação orgânica e labiríntica.

Em 2001, João Mendes Ribeiro[19] projeta para um concurso em Itália um percurso enquanto conceito espacial e ainda fenomenológico, por excelência. A *Risalita Meccanizzata al Castelo di Rivoli*, era um "condutor de espaços" que conectava dois pontos da cidade de Rivoli, que se encontravam a uma diferença de cotas muito acentuada, num trajeto contínuo e circunscrito, composto por escadas rolantes (Ventura, 2003). Os três volumes criados entram em diálogo franco com a sua envolvente arquitetónica precisando que, para não a interpelar, fosse criado um jogo de interrupções que são valorizadas pelos enquadramentos que o arquiteto faz sobre a paisagem e a luz da cidade. "Como numa dança, o espaço dos condutores é um movimento que, apesar de condicionado, explora diferentes sensações" (Ventura, 2003, p.235).



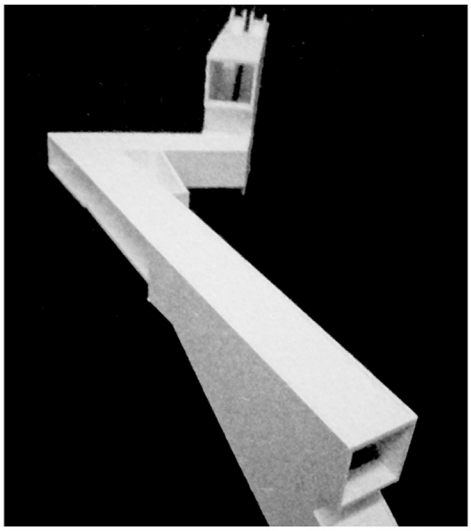


Imagem 25
Risalita Meccanizzata al Castelo
di Rivoli, João Mendes Ribeiro,
2001

Apesar das diferenças na forma como querem que o espaço seja percecionado e de que forma o é, os arquitetos referenciados celebram o movimento, valorizando o percurso como estratégia conceptual. A crítica sobre a conceção estática da arquitetura é então discutida, e explorada por diversos arquitetos, nomeadamente Rem Koolhaas, tratando o lugar como "um encontro de fluxos e acontecimentos, como espaço de transformações e metamorfoses" (Montaner, 2007, p. 94).
As vanguardas arquitetónicas dos anos de 1950 e 1960 provocaram novas reflexões e discussões em torno do tema da cidade, da monotonia, da fragmentação e da mobilidade, criando sucessores com Eisenman, Zaha Hadid, Libeskind e Bernard Tschumi, que deram origem a formas que representam um mundo sem lógica ou qualquer ordem. Um mundo composto por fragmentos ativados uns contra os outros, sem qualquer hierarquia.

O olhar sequencial em movimento foi a principal característica da arquitetura do século XX, e o principal responsável pela criação de experiências ricas do ponto de vista emotivo e sensorial, na arquitetura e do design de interiores. Desde então verificam-se claras repercussões da associação entre o tempo e o espaço em projetos contemporâneos, tais como o Centre Pompidou de Renzo Piano e Richard N. Rogers, e o Maxxi Museum de Zaha Hadid.

1.1.1 Espaço fenomenológico:
percurso enquanto experiência sensorial

Para Merleau-Ponty, o corpo é a nossa principal referência espacial e o espaço deve ser compreendido não só a partir dele, mas também como uma extensão dele. O corpo como veículo por onde o homem experimenta o mundo. Essa valorização do corpo humano é uma constante ao longo da história, onde o estudo da sua proporção, articulação e movimento nos espaços, assim como, a perceção das suas necessidades físicas e psicológicas, tornaram-no uma referência central na arquitetura e no design de interiores.

E se o olhar sequencial em movimento foi a principal característica da arquitetura do século XX, também a arquitetura fenomenológica é entendida e reconhecida como essencial na experiência arquitetónica contemporânea, desenvolvida por alguns autores, nomeadamente Maurice Merleau-Ponty, com a Fenomenologia da Perceção (1945) e Gaston Bachelard com a A poética do Espaço (1957).

O espaço fenomenológico[20] seria a intensidade entre o sujeito e o espaço, como fenómeno do sentido, tanto emocional como intelectual, ao contrário do olhar existencial[21]; contrariando o "intelecto do olho", a cultura histórica que privilegiava o sentido visual sobre os restantes sentidos, que segundo Martin Heidegger[22], Michael Foucault e Jaques Derrida era evidente no projeto modernista (Pallasmaa, 2010); "O acontecimento fundamental da idade moderna é a conquista do mundo como uma imagem", afirma Heidegger (Pallasmaa, 2010, p.20 cit. Heidegger, 1977, p.57).
Se o espaço fenomenológico é por excelência um palco de experimentação, vitalidade, um lugar intenso e sensorial, tornou-se necessário destacar a importância do sentido do tato para a nossa experiência e compreensão do mundo, combatendo a hegemonia do sentido da visão (Pallasmaa, 2010), "(...) a vista necessita da ajuda do tato (...) A pele lê a textura, o peso, a densidade e a temperatura da matéria" (Pallasmaa, 2010, p. 44, p. 58, tradução livre).

A fenomenologia da perceção basear-se-ia na suspensão do tempo: "Um conjunto de pontos, de instantes múltiplos, um tempo sem direção, carente de linearidade: "o tempo



Imagem 26/27
Promenade Plantée Viaduc des Arts, Paris, Mathieu, e Jacques Vergely, 1988

20 A fenomenologia corresponde a uma linha de pensamento filosófico, surgido no século XIX sendo estudado pelos filósofos Husserl, Martin Heidegger, Jean-Paul Sartre e Merleau-Ponty. Procura fazer a reflexão sobre à essência da experiência por si só, mas também o estudo da essência da perceção, e a essência da consciência.

21 O espaço existencial está associado a uma "consistência temporal", um lugar protetor. A casa existencial de Heidegger é como falar de uma cabana. Surge como o lugar do autêntico, "o refúgio que protege do exterior, da inclemência do tempo e dos agentes naturais, mas também do mundano e do superficial" (Ábalos, 2003, p. 51). O habitar existencial "ergue-se contra a cidade moderna e seus implementos técnicos, contra aquilo que leva tanto ao aniquilamento da natureza, quanto ao esquecimento da tradição" (Ábalos, 2003, p. 52).

22 Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, foi o maior representante do movimento existencialista, procurando reconstruir metafísica em novas bases, mediante a aplicação do método fenomenológico do estudo ser.
No seu livro Construir, habitar, pensar, o filósofo aborda a teoria da arquitetura, numa abordagem fenomenológica, tornando-se um dos representantes do tema, juntamente com outros filósofos clássicos: Edmund Husserl, Maurice Merleau-Ponty, Gaston Bachelard.







Imagem 28/29
High Line, Nova York, Diller Scofidio + Renfro, Nova York

não é uma linha, mas uma rede de intencionalidades" (Ábalos, 2003, p. 95).
Desta forma, o espaço "passa a ser um "ente habitado" por estímulos e reações, por vetores, por desejos e afetos que orientam, antecipam e dão sentido às coisas, e ao nosso corpo entre elas" (Ábalos, 2003, p. 97) e, ao contrário da casa existencial que procura a estabilidade, a casa fenomenológica surge como um "ser entreaberto (...) um espaço de transição onde se regulariam os intercâmbios e se organizaria a complexidade labiríntica" (Ábalos, 2003, p. 99), em busca da intensificação da experiência através da heterogénea multiplicidade de espaços e experiências sensoriais.
As texturas usadas, a cor, a luz, a sombra e a sonoridade dos ambientes surgem nesta casa como verdadeiros materiais de construção, um lugar sensorial cuja materialidade é "desinibida e sensual, (...), mais táctil do que tectónica" (Ábalos, 2003, p. 100), num contacto mais íntimo com o corpo onde este passa a ser a referência central para o mundo experimental (Pallasmaa, 2010).

A cidade fenomenológica teria "um caráter fragmentário, cenográfico e complexo, como uma soma densa de peças que a experiência e o tempo viriam destilando" (Ábalos, 2003, p. 102). Uma cidade formada por elementos que evocam a memória e por elementos que intensificam a experiência sensorial da perceção, tal como na proposta da Collage City, em 1981, de Colin Rowe e Fred Koetter.

A questão fenomenológica é também encontrada na *Promenade Plantée Viaduc des Arts*[23], em Paris. Um percurso bucólico elevado, construído sobre uma antiga linha

23 Promenade Plantée Viaduc des Arts é criada em 1988, por Mathieu, e Jacques Vergely.

ferroviária desativada, numa sucessão de jardins pontuados, ao longo de um percurso pedonal com 4,5km. Um percurso cenográfico, marcado por uma artéria verde que se transforma quer em pequenos caminhos arborizados, quer em túneis, numa constante metamorfose tipológica, marcada por diferentes ambientes.

Em 2009, em Nova Iorque, consequente à Promenade Plantée Viaduc des Arts, surge o High Line, uma iniciativa desenvolvida por James Corner Field Operations e Diller Scofidio + Renfro para a reabilitação duma via-férrea elevada e desativada da cidade, projetando-a de modo a criar oportunidades para uma a experiência e vivência da paisagem urbana pelos usuários, com vegetação ao longo de toda sua extensão. Um parque linear de aproximadamente 2,5km que também este vai reproduzindo uma promenade com eventos pontuados, fragmentos que levam o visitante a ter diferenciados momentos e vivências ao longo do percurso. Com espaços selvagens e espaços cultivados, íntimos e híper-sociais, o percurso é marcado por um ritmo lento, diferenciado do ritmo frenético das ruas da cidade, com distrações de caracter lúdico e social. Além dos jardins, foram instalados bancos para leitura, descanso, conversa ou mera contemplação.

De uma maneira geral, poder-se-ia afirmar que os elementos conectivos tornaram-se importantes do ponto de vista da experiência espacial apenas a partir do século XVI, uma vez que no Renascimento cumpriam de modo discreto a sua função de circulação vertical. Foram-se então criando narrativas a partir desse século, acrescentando à sua inevitável função, uma elaboração na sua conceção, forma, e ornamento, criando através dela autênticas cenografias.

1.1.2 Dispositivo de distribuição e conexão enquanto objeto plástico na arquitetura e design de interiores: passarela e rua

Como as escadas, ao longo da história da arquitetura, também as rampas, os espaços intermédios, os corredores, as antecâmaras, tornaram-se alvo de experimentações. Chegando em diversos casos a adquirirem autonomia plástica no projeto de arquitetura e design de interiores, tornando-se elementos de destaque, concebidos como elementos plásticos.

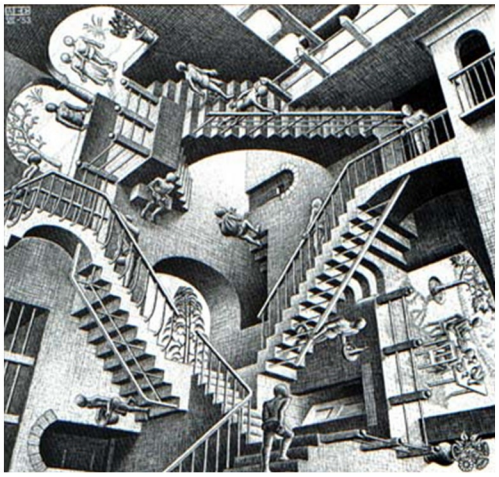


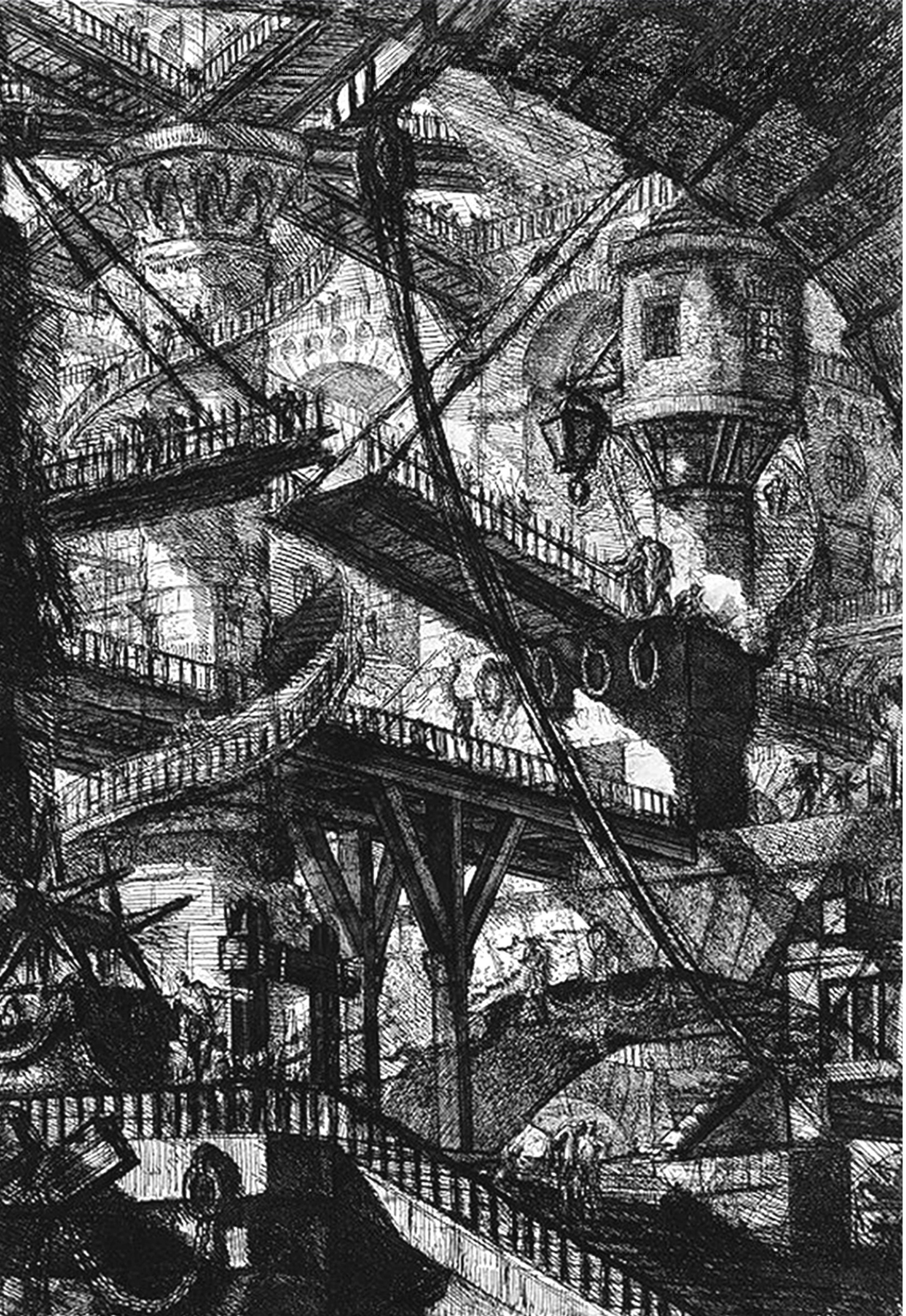
Imagem 30
Relativity, M. C. Escher, 1953

Os movimentos radicais, dos anos 60 do séc. XX, criaram um grande espólio de exemplos de projetos com características plásticas fortes, provenientes dos seus elementos de comunicação e articulação.

Essenciais ao funcionamento das megaestruturas, os transportes, redes e vias de comunicação não são mais apenas uma quarta função, tal como acontecia no urbanismo funcionalista dos CIAM. As circulações verticais substituem os elementos portantes da arquitetura e organizadores dos projetos, tornando-se elementos visíveis do projeto e elementos de grande impacto, sendo eles levados, por vezes, a consequências extremas (Rouillard, 2004). Provavelmente, o grupo que foi mais longe nesta exploração de futuro cibernético de "utopias 'supracomunicacionais' " (Rouillard, 2004, p. 209) foi o grupo arquitetónico Archigram. A *Plug-in-City*, anteriormente referida, e a *Computer City* são exemplos destes conceitos.

A *Computer City*, trata-se de uma cidade servida por um sistema de infraestrutura computadorizado. Interpretada como invisível pois não implicava a definição formal de componentes arquitetónicos, nem a articulação entre estes e os espaços urbanos. A *Computer City* representava um sistema tecnológico altamente sofisticado, que permitiria nutrir e equilibrar uma metrópole moderna, em permanente atividade e contínua transformação (Rouillard, 2004).

Em 1977, Renzo Piano e Richard N. Rogers, projetam um modelo arquitetónico baseado nas possibilidades da alta tecnologia, estruturado com um sistema de conexões e tubos, numa estreita influência das utopias arquitetónicas dos



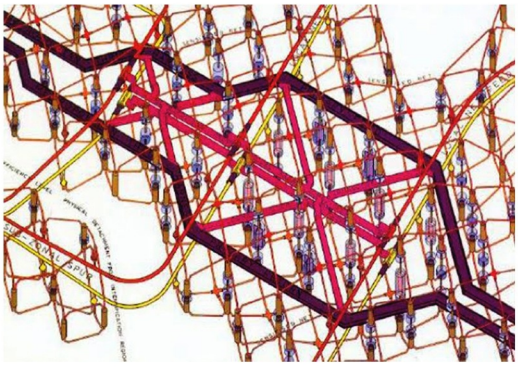
influência das utopias arquitetónicas dos Archigram e Superstudio[24]. Um centro de arte, o *Centre Pompidou*, onde esqueleto, órgãos e artérias do edifício estão visíveis, expostos à fachada. Evidenciando as circulações colocando-as nos extremos da arquitetura, para adquirir interiores amplos, os arquitetos expõem nas fachadas elevadores, monta-cargas, e caixas de escadas. Na fachada principal, uma grande escada mecânica externa percorre todos os andares do edifício em diagonal, pintada de vermelho nos seus planos inclinados inferiores.

Outro exemplo de elementos de circulação como objetos no projeto de arquitetura, é *Les Docks, Cité de la Mode et du Design*, de Dominique Jakob e Brenda MacFarlane. Adicionam uma escada a uma pré-existência, onde numa atitude parasitária a escada tira proveito e protagonismo ao seu hospedeiro, materializada como uma segunda pele externa à fachada. Apelidada de *Plug-Over*, esta permite aos visitantes acederem a todos os níveis da arquitetura. Também o projeto de Zaha Hadid, para o museu MAXXI, é composto pela forte presença dos conectores de espaços, evocando nervuras vegetais, oferecendo ao visitante uma liberdade de
percurso, de deslocação. Contrariamente ao projeto da dupla Jakob+MacFarlane, o o museu MAXXI para além de adquirir um forte grafismo formado por um condutor de espaços, tendo como conceito a ideia de movimento através do espaço.
"O movimento ao longo do museu é uma trajetória através de diferentes ambientes, de vistas filtradas, e de atmosferas luminosas diferenciadas" (Jodidio, 2007, p. 57), explica a arquiteta.

Carregados de um poder plástico e gráfico, estes acessos verticais, conectores de espaços, ou interfaces, não contribuem apenas para unir ou ligar lugares. Conseguem influenciar novos paradigmas e novas formas de pensar a arquitectura, o design de interiores e a cidade, quer na forma como estes se articulam, quer no grau de articulação. Assim como exploram diferentes formas de como o corpo humano se insere nessas ligações, ou do seu protagonismo nelas. Se numa visão prática e funcional de uma meta a atingir, um caminho a percorrer, ou se, numa viagem exploratória sem fim.

24 Superstudio, grupo fundado em Florença por dois jovens arquitetos radicais, Adolfo Natalini e Cristiano Toraldo di Francia, em 1966. Mais tarde, a eles se juntaram a Alessandro e Roberto Magris e Piero Frassinelli. Dissolvendo-se no final de 1970. Os Superstudio estavam no fulcro do pensamento de vanguarda na arquitetura e design, entre os mais vociferantes grupos radicais de design, desafiando as ortodoxias modernistas que dominaram o pensamento arquitetónico por décadas. O grupo desenvolveu cenários visionários na forma de fotomontagens, esboços, colagens e *storyboards* de uma nova cultura Anti-design.

Página 36
Imagem 31
Carceri Plate VII - The Drawbridge, Giovanni Piranesi



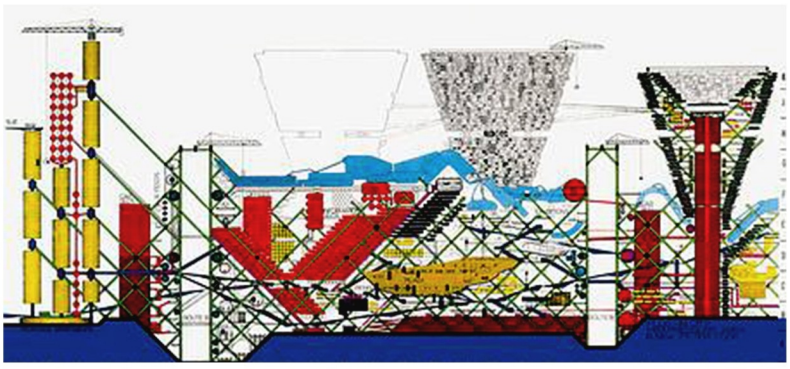


Imagem 32
Computer City, Dennis Crompton, 1964

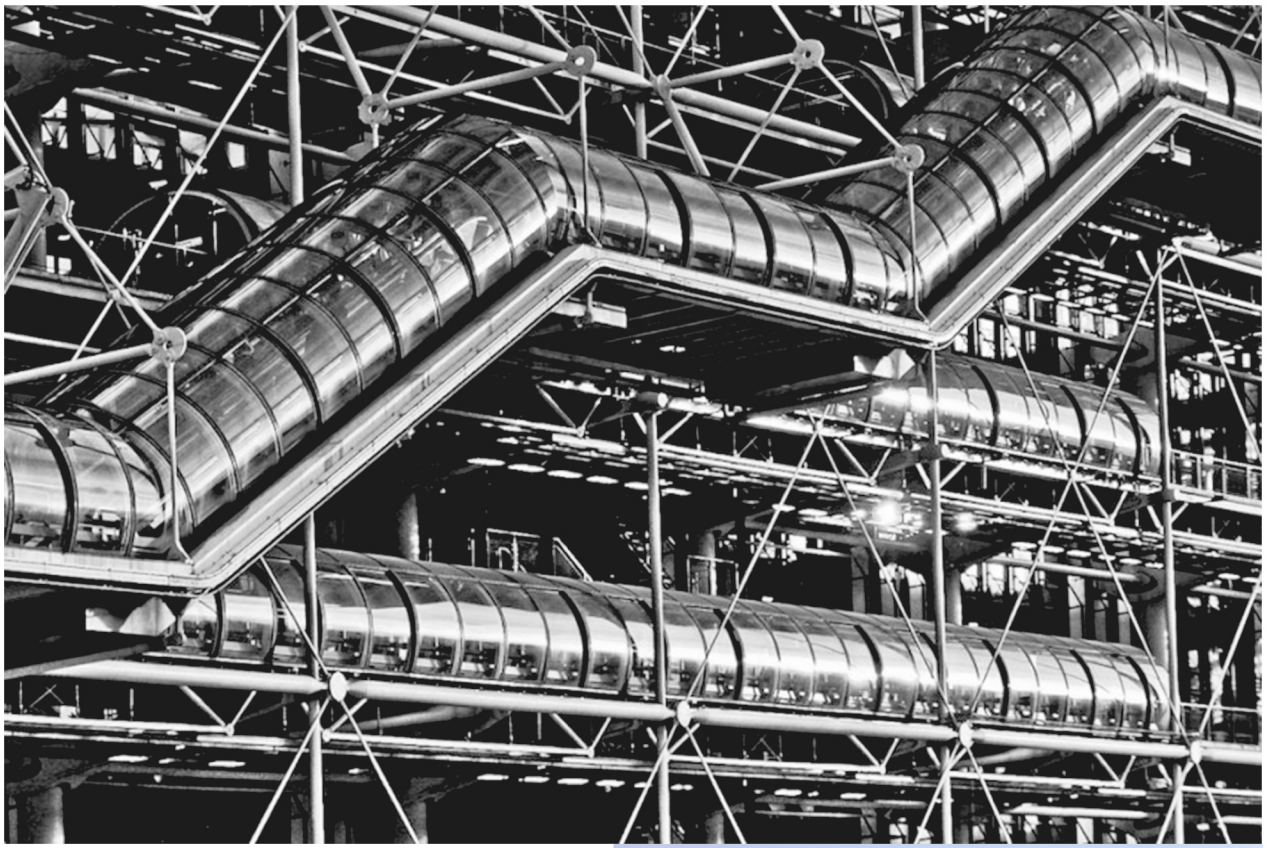
Imagem 33
Plug in City, Peter Cook, 1964



Imagem 34
Monumento Contínuo,
Superstudio, 1969

O Monumento Contínuo resultou num ensaio de imagens e colagens de um infindo monumento tecnológico com uma estrutura capaz de circundar o mundo. Numa justaposição à cidade e à natureza, esta estrutura seria como um novo layer criado sobre o mundo existente, onde por aberturas se escapam as torres das cidades.
O Monumento Contínuo seria a redução da arquitetura e do urbanismo a uma estrutura que se desenvolve a partir de uma malha cartesiana, estendendo-se até ao infinito.

Imagem 35/36
Centre Pompidou, Paris, Renzo Piano e Richard N. Rogers, 1977







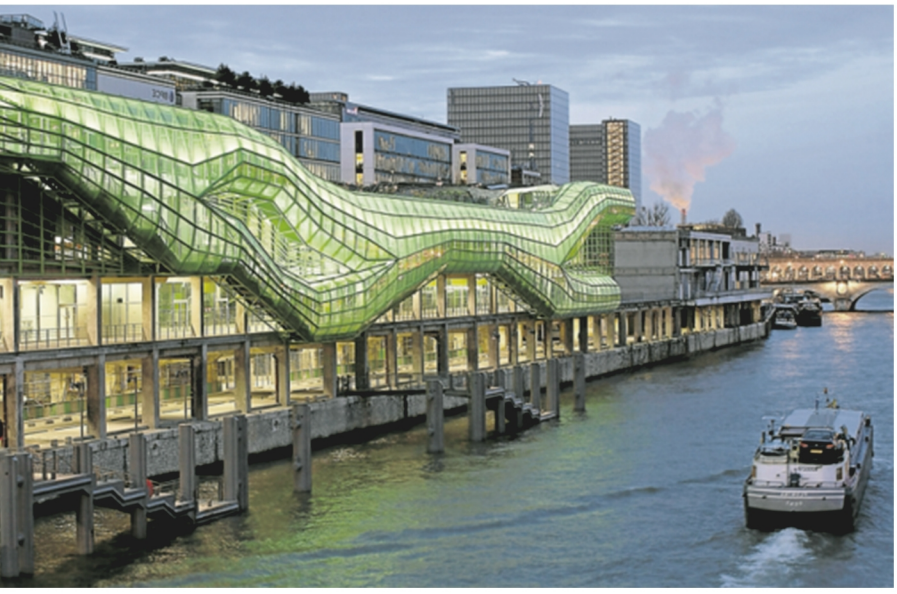






Imagem 37
(Dis)location, Filip Dujardin

Imagem 38
Les Docks, Cité de la Mode et du Design, Paris, Jacob + MacFarlane, 2008

Imagem 39
Maxxi Museum, Roma, Zaha Hadid, 2009

Imagem 40
Linked Hybrid, Pequim, Steven Holl, 2009





Imagem 41
Rua de moradias, sem transito, e de convivência, Rotterdão



Imagem 42
Bairro operário, Amesterdão

Imagem 43
Jardin des Tuilleries, Paris



Imagem 44
São João no bairro da Bouça, Porto

A recuperação do contacto físico e social do corpo humano com o espaço público, em particular com a rua, e vice-versa, é também um problema levantado.

As ruas, eixos de comunicação e deslocação, através do complexo urbano formam os meios mais significativos através dos quais o todo pode ser organizado. Não devendo ser entendida como elemento complementar aos blocos habitacionais, espaço residual, mas um elemento concentrador de hábitos, vivências e atividades. "Espaço para ações, revoluções, celebrações" (Hertzberger, 1999, p. 64).

Atualmente, a nova conceção do espaço público, nomeadamente as ruas, as praças, os largos, as escadarias, as pontes, está mais aberta à experimentação, pois é necessário recuperar a habitação destes territórios coletivos. Espaços reativados pela população que sai à rua para dialogar, para experienciar a cidade de uma forma criativa e espontânea.

No conceito original da rua havia uma forte ligação entre usuários, habitantes, e estes espaços. Eram entendidos como extensão do privado, locais de contacto social, de estar e de partilha. Essa desvalorização foi acontecendo com a modernização e reorganização do planeamento urbano e arquitetónico das cidades, com o aumento de tráfego motorizado, entre outros fatores.

Considera-se que vivemos numa sociedade individualista e hedonista, com uma frágil relação com o espaço público – "espaço onde o combinado ou o imprevisto dos encontros pode acontecer" (Dias, 2006, p. 119) – onde se encontram simples cenários, com ausência de corpos dinâmicos, de vivências, da qual não possuímos sentimento de pertença nem de responsabilidade. E ainda mais dificultada pela sua "impermeabilização" (Dias, 2006). Com cidades compostas por estruturas artificiais, climatizadas, como os *shoppings* e algumas ruas cobertas, urge dar aos transeuntes e moradores a rua melhorada e equipada, com o sol, o vento e a chuva, espaços de descanso e de partilha. Manuel Graça Dias diz-nos: "se comunicar é pôr em comum, precisamos de nos encontrar: face a face, preferencialmente. Teremos, então, de nos deslocar" (Dias, 2006, p. 121).

A procura de "rua reconquistada", que Hertzberger nos fala, com conotação existencial como lugar de encontro e relacionamento social pode ser estimulada pela aplicação eficiente de meios arquitetónicos e/ou de equipamentos, por parte dos projetistas. A exploração de soluções que impulsionem a vivência urbana deve ser feita através da rua, sendo ela o elemento catalisador da experiência corporal na cidade. Na rua também se está junto com outras pessoas, cruzam-se os seus caminhos e confraterniza-se, situações relacionais que devem ser valorizadas e educadas.
Um conceito que funciona mais facilmente numa escala controlada, num bairro, num condomínio, numa escala de unidade local onde existe uma homogeneidade cultural e social. O espaço público tem uma escala que permita criar uma apropriação por parte de uma comunidade.

Tendo a rua um principio e um fim, e quem a percorre por norma parte de um ponto de origem até a um destino, é nesse espaço intermediário, a viagem, que pode estar o conforto e uma experiência que torne apetecível percorrer a rua. Apreciá-la. Ações como a instauração de novos canais e novos meios de transporte ou formas de deslocação, e a redistribuição do espaço e do tempo podem criar um impacto positivo sobre a forma de se atuar e fluir na rua. Desde trajetos mais eficazes, mais rápidos ou apenas mais agradáveis de serem percorridos diariamente, à sua habitação com jardins, sombras, equipamento urbano, e até bancos junto às habitações para uma visão sobre a rua enquanto se conversa com o vizinho.

O Design, tal como a Arquitetura e o Urbanismo, tem neste tema capacidade e sensibilidade para encontrar incentivos para estimular as atividades coletivas, deixando em aberto as possibilidades de habitar e de apropriar o espaço público, que neste momento se encontra esquecido.

2. Projeto

O projeto centra-se na reabilitação de um conjunto arquitetónico excecional na relação com a cidade, pela sua morfologia, extensa área construída e pelas funções industriais que cumpriu. No entanto é um património sem requisitos artísticos, científicos, financeiros ou técnicos, que o enquadre como valor universal do ponto de vista histórico. Contudo, a cidade não resulta somente dessas obras-primas da arquitetura, e pelos diversos motivos enunciados o objeto de estudo selecionado apresenta valores que o tornam válido a ser reabilitado e reinserido na cidade, tentando garantir o equilíbrio na cidade, através de uma coerência construtiva e uma identidade própria (Flores, 2002).

O objeto de estudo escolhido para este projeto de investigação é o ex Matadouro Industrial do Porto. Integra-se no património industrial com conjunto de edifícios individuais, de construção sólida e de fácil manutenção, facilmente adaptáveis às normas de utilização atuais e de um novo programa público e privado.

Procurou-se encontrar um equilíbrio entre valorização do preexistente e a introdução do novo para a sua adequação com um novo programa. Tentando não negar a sua estrutura de matriz regular, numa regra compositiva ortogonal, nem anular as marcas do tempo e todo o processo de estratificação que este edifício sofreu.

Numa abordagem de valorização da preexistência edificada é de grande importância uma aprofundada análise morfológica, estrutural e patológica. Essa análise é fundamental para a atribuição de um novo uso, uma operação difícil e complexa, onde adequação deve ter em conta o fluxo de potenciais utilizadores. Essa adequação foi efetuada através do percurso que atravessa o edifício em toda a sua extensão, fornecendo o mote para as pequenas e cirúrgicas intervenções de redistribuição de funções e readaptação de um articulado sistema de percursos e circulação.

Defendemos neste projeto uma intervenção simples, em gestos mínimos, mesmo na introdução de novas estruturas com impacto visual, mas com um impacto reduzido sobre as construções existentes. Dando, no entanto, lugar a alguns esventramentos, alguns recortes, em situações inevitáveis, e para uma melhor exposição solar e ventilação.

Numa atitude de conservação e respeito pela preexistência, a nova intervenção foi vista como um valor acrescentado, que pusesse em diálogo o património edificado com os novos volumes, as novas funções, e do meio físico onde se insere e das necessidades dos habitantes da cidade contemporânea. Assim como o desenvolvimento de um conceito importante na cidade e na arquitetura: o percurso, a narrativa, o fluxo circulatório.

Entendemos que a cidade deva ser heterogénea, feita de dispersões, do fragmento, do instante, do movimento. A cidade contemporânea que aceite a cidade histórica, sem a destruir ou a anular, “aceitando a ideia de encadeamento, de continuidade e transformação” (Vieira, 2011, p. 47).


Porto
Boavista
Campanhã
Cedofeita
Baixa
V. N. Gaia

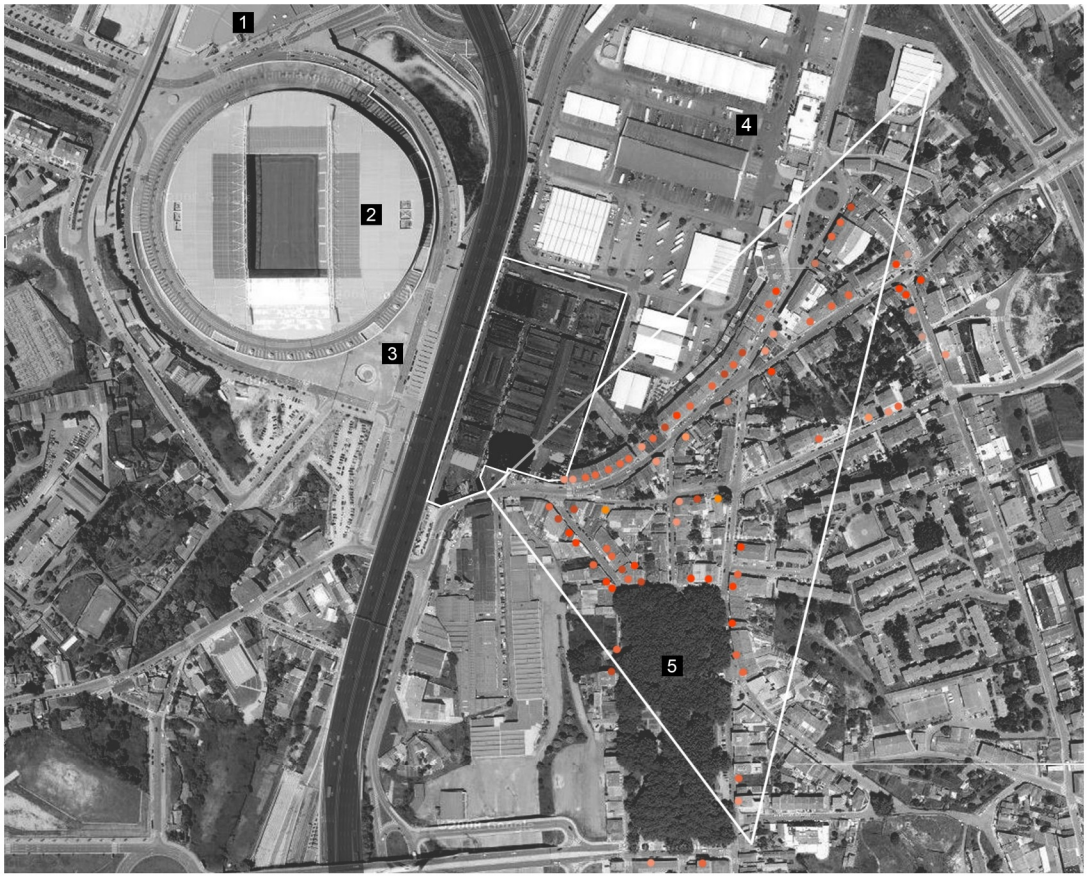
2.1. Reconhecimento do espaço

2.1.1. Antigo Matadouro Industrial do Porto:
Contextualização geográfica

O objeto de estudo integra-se na estrutura urbana de Campanhã, na Rua S. Roque da Lameira, zona oriental da cidade do Porto. Outrora Matadouro Industrial do Porto, atualmente desativado.
Integrado numa envolvente abrangente pelo Plano Pormenor das Antas, e sob o Plano Diretor Municipal, trata-se de uma área em transformação, onde tem vindo a desenvolver-se operações de requalificação urbana desta zona degrada da cidade. Tendo já beneficiado de um conjunto de dinâmicas revitalizadoras na última década, associadas à renovação da zona habitacional, comercial, associações e estruturas socioculturais, tais como o Estádio do Dragão, o centro comercial Dolce Vita, e o Complexo Desportivo Monte Aventino.
Analisando os pontos de interesse da envolvente destacam-se os já mencionados Estádio do Dragão e o centro comercial Dolce Vita, assim como um conjunto de espaços verdes e praças, nomeadamente pela Praça da Corujeira, Parque de S. Roque, e Praça Francisco Sá Carneiro.
Esta malha urbana é composta e servida por um interface, que inclui o transporte ferroviário, com estação de comboio e de metropolitano nas proximidades, e rodoviário, com destaque na ligação com a Via de Cintura Interna. A rede de transportes públicos existente amplifica a facilidade de mobilização na cidade, e para fora dela.
A envolvente é servida por uma vasta quantidade de funções, quer comerciais quer de serviços. Contudo, verifica-se na distribuição de funções, a saturação, ou contrariamente, a carência de determinadas valências. Estas observações foram feitas pela análise e levantamento de funções de toda a envolvente próxima do antigo Matadouro Industrial. Essas observações permitiram a exclusão de uma série de funções já existentes no momento da delineação do programa funcional a ser aplicado no objeto de estudo.



N



Página 44
Imagem 45
Localização do objeto de estudo

Aqui
Imagem 46
Localização da cidade do Porto no mapa de Portugal

Imagem 47
Levantamento de funções da envolvente do antigo Matadouro

- Espaço comercial
- Produtos alimentares
- Restaurante/Bar/Café
- Cultura/Lazer
- Serviços
- Instituição de ensino
- Instituição religiosa
- Instituição médica

1 Dolce Vita, shopping
2 Estádio do Dragão
3 Estação de metro
4 Mercado Abastecedor
5 Praça da Corujeira

2.1.2 Antigo Matadouro Industrial do Porto:
contextualização histórica

Edificado em 1910, foi inaugurado 1932. Trata-se de uma construção de influência alemã do género Offenbach, que veio substituir o antigo matadouro de S. Diniz pela sua insuficiência.
Foi projetado e implantado numa zona estratégica da cidade, que embora perto do seu centro, dispunha de acessos privilegiados de rede de transportes: caminho de ferro e rede viária. Acessos que permitia o abastecimento de vários conselhos envolventes, nomeadamente Gondomar, Maia e Santo Tirso, Vila Nova de Gaia, Matosinhos e Valongo.
Em julho de 1932, é inaugurado oficialmente, trazendo à cidade um estabelecimento de grande atualidade, equipado com a maquinaria mais recente, e obedecendo a todas as regras de higiene estabelecidas na época.
Composto por uma série de edifícios, o Matadouro Industrial do Porto ocupa assim uma área total de 30 000 m2. Todas essas dependências arquitetónicas foram concebidas para as diferentes operações de um processo industrializado.
Apesar das diversas atualizações que sofreu ao longo de décadas, as infraestruturas deste matadouro são ainda as de origem.



Imagem 48
Vista panorâmica sobre o antigo Matadouro Industrial do Porto

2.2 Fase de análise e objetivos

2.2.1 O objeto de estudo:
estudo e análise

A intervenção que propomos tem como finalidade ativar e reabilitar um património histórico corrente, e assim, revitalizar o tecido urbano onde este se insere. O sistema edificado que irá ser apresentado será adaptado às novas necessidades provenientes da definição do novo programa. O estudo e análise do conjunto edificado do antigo matadouro visa demonstrar as vantagens e as possibilidades existentes na execução de uma reabilitação e requalificação dos seus corpos industriais, focalizada num sistema de distribuição e ligação, um percurso.

Este complexo industrial é composto por onze edifícios distintos, dos quais somente três estão ocupados cumprindo as funções de canil e armazém, estando os restantes oito edifícios desativados, tendo deixado de cumprir a sua função inicial há mais de duas décadas. Através de visitas ao local procedeu-se à identificação dos diversos edifícios existentes, bem como ao levantamento fotográfico e métrico.

Com um total de 30 000 m2, o antigo matadouro é composto por um corpo central, formado por três edifícios unidos por uma rua principal interior, constituindo assim o edifício de maior dimensão de todo o conjunto, com aproximadamente 8 000 m2. Os restantes oito corpos arquitetónicos, sem ligação alguma entre eles, dispõem-se ao longo do perímetro do terreno. Todas estas dependências são servidas por ruas (eixos de comunicação) onde podem circular veículos e peões. Pela escala e densidade, formam um quarteirão, perfeitamente definido por acessos e construções.

Dada a quantidade de edificações que contêm, o conjunto arquitetónico é muito denso, apresentando ainda uma escassez de luz natural. Fatores que tornam alguns espaços pouco permeáveis às relações com o exterior, revelando também problemas de ventilação natural.

Ao longo do processo de análise, verificou-se que a maioria dos edifícios se encontravam inacessíveis com acessos vedados, quer através de cadeados, quer pelo excesso de vegetação, bloqueando as entradas, ou ainda por as entradas terem sido emparedadas. Os restantes acessos aos edifícios encontravam-se condicionados pelo avançado estado de degradação das coberturas e escadas, algumas parcialmente aluídas. E ainda pela função que desempenham, como é o caso do edifício que alberga os animais pertencentes à Sociedade Protetora dos Animais, impossibilitando a entrada, sem autorização prévia.
Devido ao abandono alargado do conjunto de edifícios estes apresentam uma degradação considerável nas estruturas, assim como um grau elevado de insalubridade devido à falta de limpeza.
Assim, pela impossibilidade de analisar todos os interiores, incluindo estruturas construtivas e materiais, a análise dos edifícios inacessíveis restringiu-se aos desenhos e mapas originais obtidos no arquivo histórico Casa do Infante. Logo, assumimos que poderão existir algumas incoerências entre o projeto original e a construção realizada.

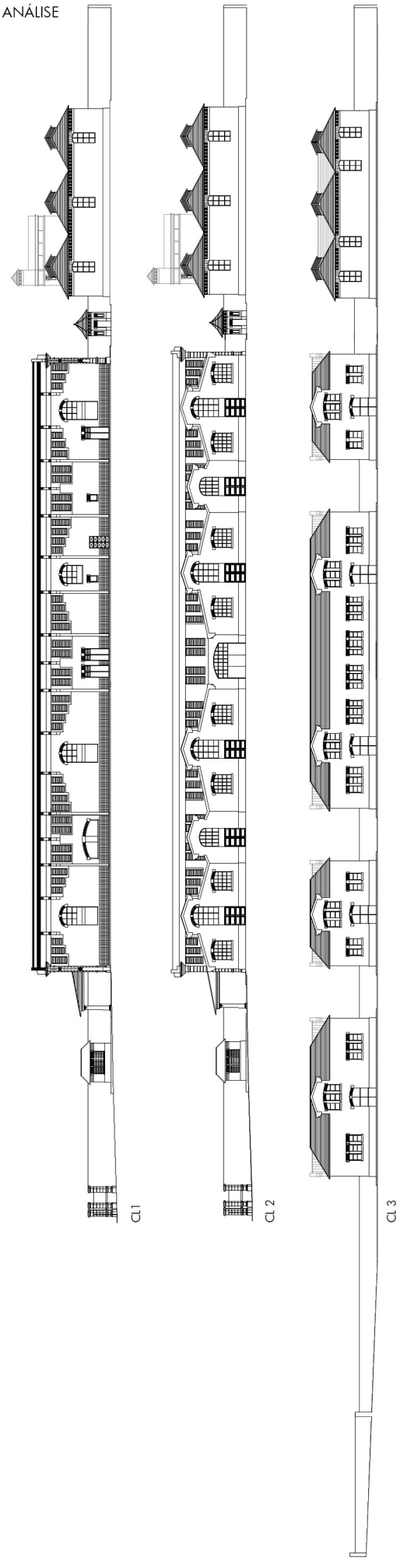
Nos edifícios aos quais se acedeu, principalmente o corpo central, foi possível fazer um levantamento fotográfico mais exaustivo e uma análise dos sistemas construtivos e materiais aplicados. Sendo o corpo central constituído por uma grande e ampla nave, uma rua interior e mais dois conjuntos arquitetónicos simétricos entre si. Um corpo arquitetónico bastante característico das influências e funções industriais. Marcado por estruturas de sustentação dos telhados, com asnas de madeiras, no Corpo 3, e estruturas de betão na rua interior e no Corpo 1.
Todos os edifícios têm paredes executadas em betão, e fenestrações muito semelhantes. Todas com caixilharias em betão e vidro simples.

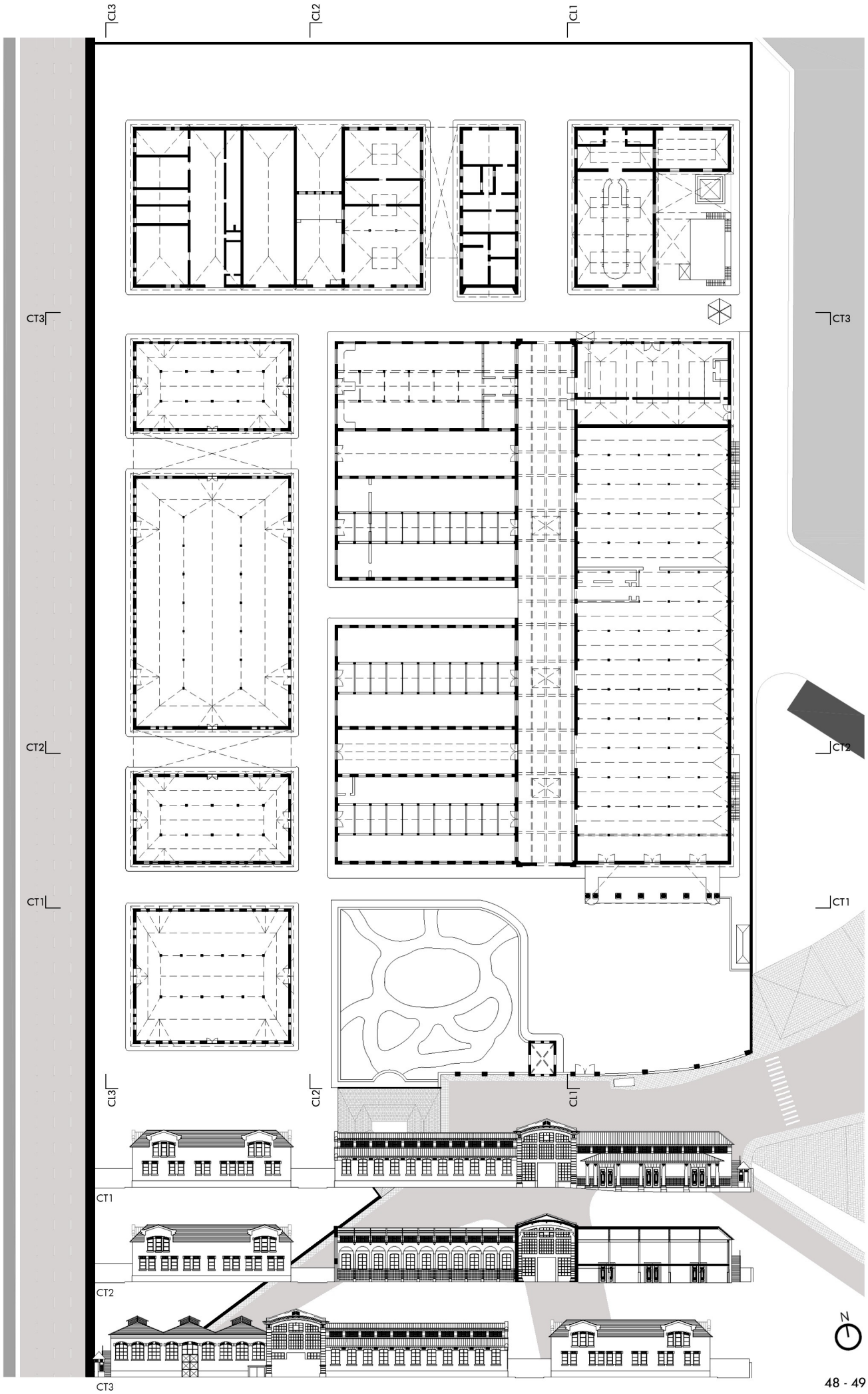
Desenhos da preexistência

Imagem 49
Levantamento da preexistência - cortes longitudinais: CL1, CL2, CL3
Escala 1:1000 (à escala 1:500 em anexo)

Página 49
Imagem 50
Levantamento da preexistência - planta
Escala 1:1000 (à escala 1:500 em anexo)

Imagem 51
Levantamento da preexistência - cortes transversais: CT1, CT2, CT3
Escala 1:1000 (à escala 1:500 em anexo)




CL3
CL2
CL1
CT3
CT2
CT1
N



1


2


3


4

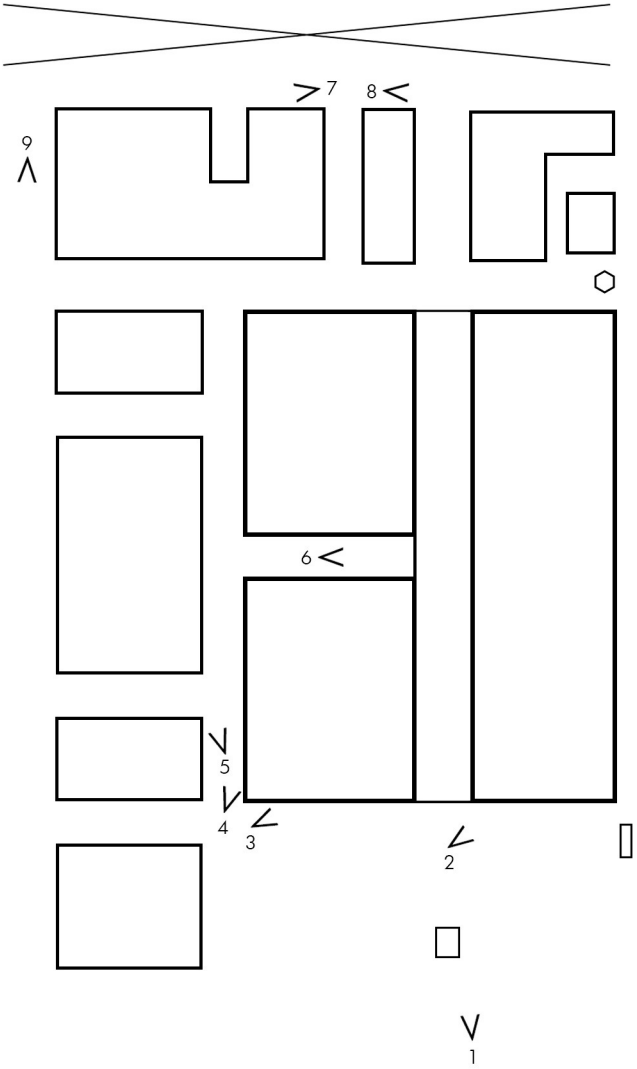

5

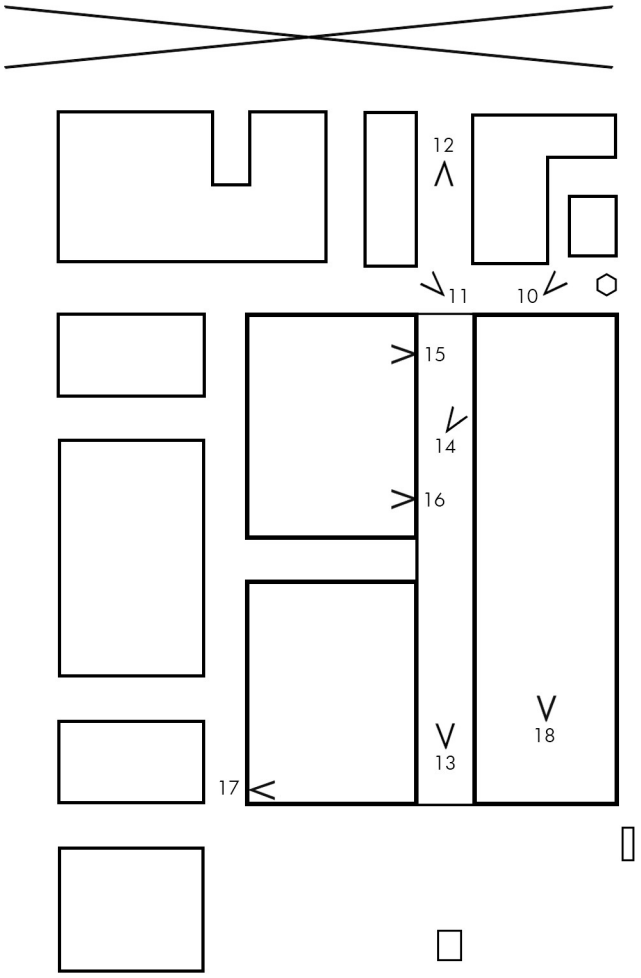

6


7


8


9


7
8
9
6
5
4
3
2
1


12
11
10
15
14
16
18
13
17

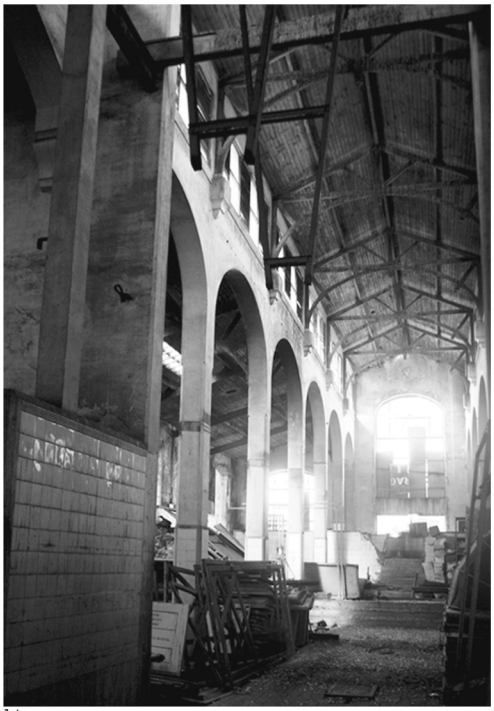

11


12


13


14


15


16


17


18


19

2.2.2. Estratégia e programa funcional

Através da implementação de um novo programa funcional, prevê-se conferir a este complexo arquitetónico novas valências de acordo com as necessidades atuais, aliado a uma estrutura que sustenta uma rede de ligações que interagem com a preexistência e a distribuição dos programas.
Propõem-se um *cluster*[25] com novas e diversas atividades, passível de contribuir para a dinamização da zona. Na ordem do dia tem-se verificado uma crescente importância das indústrias criativas na economia e a sua capacidade de se qualificar sectorialmente. Sendo apoiadas por forças políticas pelas suas vantagens, nomeadamente a sua contribuição para a notoriedade da região de implementação (Fundação Serralves, 1998)

A estratégia do projeto envolveu[26]:

1) a implementação de uma rede de circulação, um novo corpo estranho à pré-existência capaz de desempenhar a articulação e conexão entre os distintos edifícios do tecido pré-existente. Adquirindo um valor simbólico e referencial no projeto, estas passagens permitem a ligação entre programas funcionais e uma "*promenade*" induzida ao visitante. Esta estrutura circulatória atravessa e perfura os edifícios preexistentes, mostrando e enquadrando aspetos particulares quer dos edifícios, quer da envolvente. Incentivo o visitante a percorre-la e a mover-se pelos diferentes espaços e ambiente, explorando-os.

2) demolições cirúrgicas, através da eliminação de coberturas de alguns corpos, para aliviar alguma densidade existente, tornar permeáveis alguns espaços com luz e ventilação natural, e a demolição parcial de algumas paredes e fachadas de modo a fazer passar o dispositivo de distribuição e conexão por entre vários corpos arquitetónicos. Esses recortes acontecem em situações onde as regras do desenho dos novos volumes levam a sua interseção e intervenção na matéria existente.

Devido a diversos problemas identificados na análise do objeto de estudo e das necessidades do novo projeto propõem-se:

- a implementação de um novo programa funcional;
- a definição de pavimentos e seus limites;
- a reabilitação dos edifícios[27];
- a implementação de vegetação e equipamento urbano;
- demolições cirúrgicas dos corpos arquitetónicos;
- a implementação de novos volumes tridimensionais de ligação: passagens e túneis;
- o planeamento de estacionamento para veículos.

Após o delinear desta estratégia, foi idealizado um programa funcional para todos os edifícios que compõem o objeto de estudo. Contudo, não foi desenvolvido à escala de pormenor, e detalhe, visto não ser nenhum desses corpos arquitetónicos o elemento âncora do projeto, propondo-se sim um programa base desenhado. As funções programáticas incluem locais de trabalho em comunidade (coworking), locais de habitação, de comércio, de debate, e de lazer. Assim, propõem-se para cada edifício o seguinte esquema distributivo:

25 Michael Porter define um cluster como: "Uma concentração geográfica das empresas interconectadas, fornecedores especializados, prestadores de serviços, instituições e empresas associadas em indústrias relacionadas" (Porter, 1998)

26 Queremos sublinhar a participação dos orientadores na discussão, de modo a salvaguardar e tornar permeáveis as diversas fronteiras disciplinares: arquitetura e design de interiores.

27 A proposta de reabilitação foi apresentada na introdução ao capítulo "2. Projeto", descrevendo-se o modo de aplicar no projecto. Ou seja, na relação que a preexistência estabelece com o dispositivo de distribuição e ligação.

Página 50
Imagem 52/53/54/55/56/57/58/59/60
Levantamento fotográgico do antigo Matadouro Industrial do Porto

Página 51/52
Imagem 61/62
Mapas de localização dos pontos de vista do levantamento fotográfico do antigo Matadouro Industrial do Porto

Página 53
Imagem 63/64/65/66/68/69/70/71/72
Levantamento fotográgico do antigo Matadouro Industrial do Porto

CORPO 8
NAVE MÚLTI-MÉDIA
CORPO 7
NAVE MÚSICA
CORPO 6
GALERIA
CORPO 5
TEATRO
CORPO 4
EF M
CORPO 2
RESID. ARTIS-TAS
CORPO 1
COWORKING
DISPOSITIVO DE DITRIBUIÇÃO E CONEXÃO

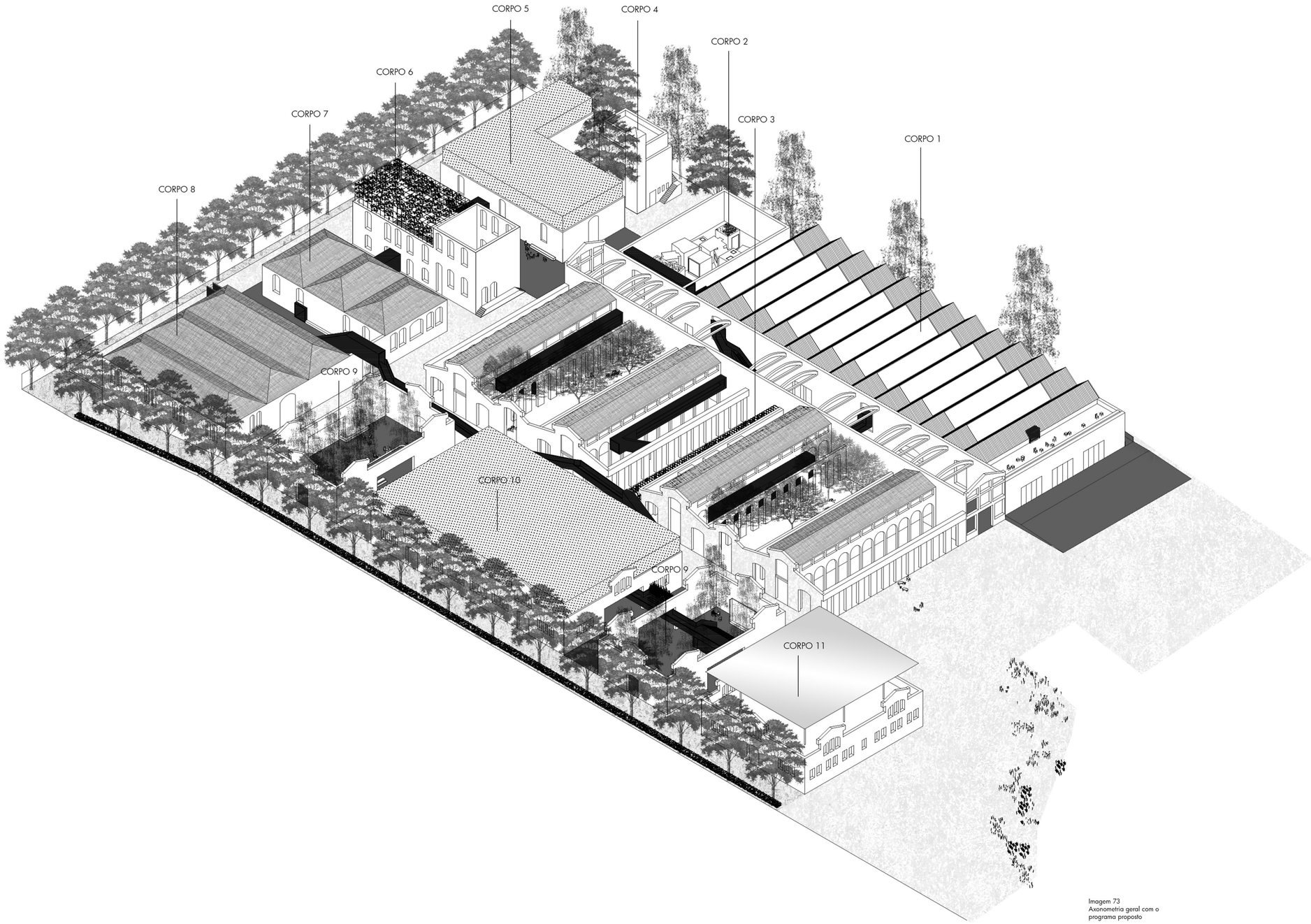


Imagem 73
Axonometria geral com o programa proposto

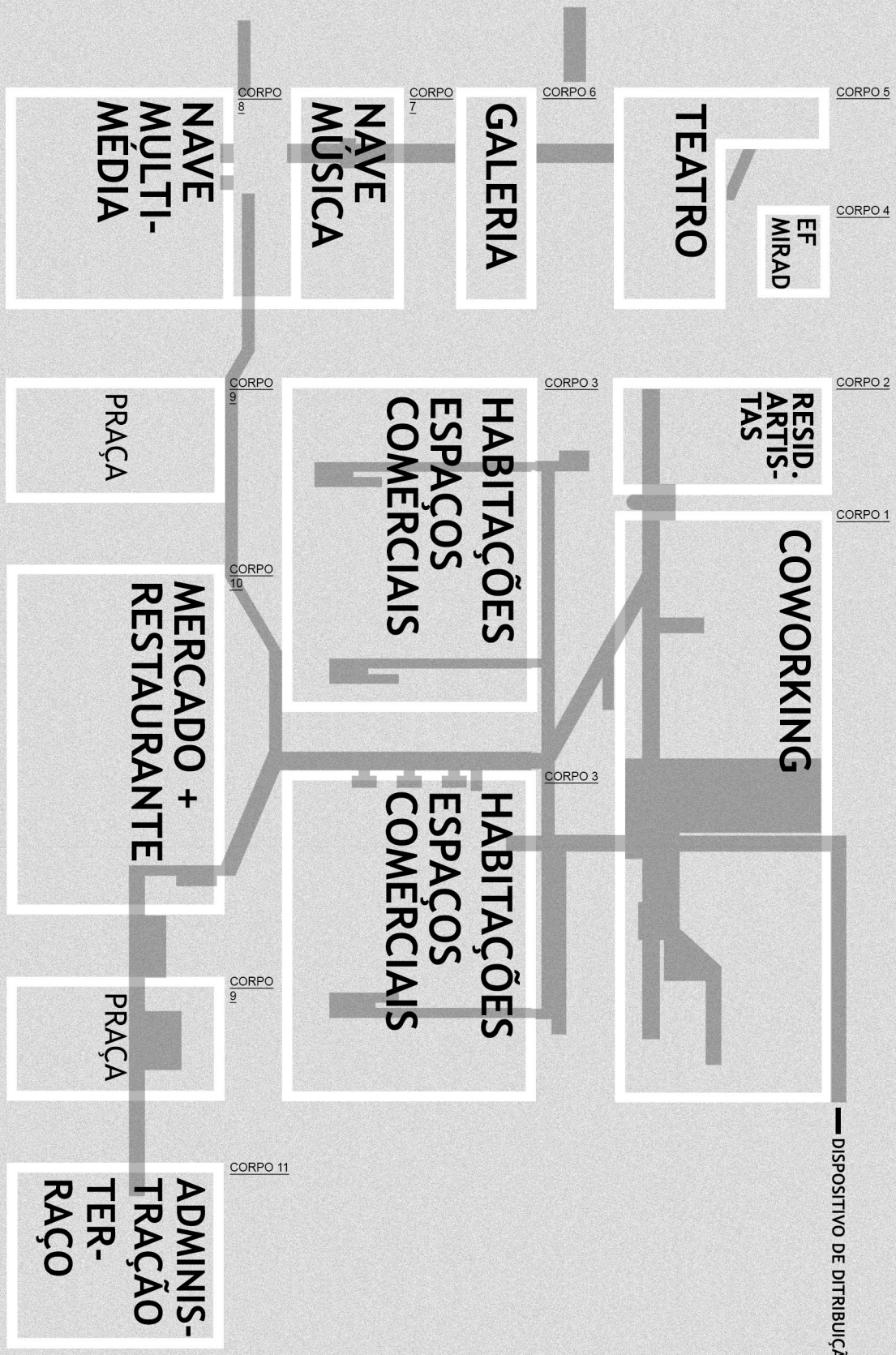


Imagem 74
Esquema distributivo do programa proposto

Corpo 1:
Espaços de trabalho, coworking (piso 0)
Zona expositiva (piso 0)
Oficinas (piso 0)
Cafetaria (piso 1)
Esplanada (terraço, piso 1)

Corpo 2:
Residência de artistas (piso 0)

Corpo 3:
Zona expectante/zona comercial (piso 0)
Biblioteca (piso 1)
Residências habitacionais (piso 1)

Corpo 4:
Estúdio fotográfico (piso 0 e 1)
Miradouro (piso 2)

Corpo 5:
Teatro (piso 0)

Corpo 6:
Galeria (piso 0)

Corpo 7:
Nave da música:
Sala de gravação áudio e visual (piso 0)
Salas de ensaio (piso 0)
Arquivo digital (piso 0)

Corpo 8:
Nave da multimédia
Sala de conferência (piso 0)
Salas técnicas (piso 0)
Sala de gravações (piso 0)

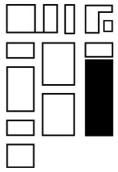
Corpo 9:
Praças (piso 0)

Corpo 10:
Mercado e restaurante (piso 0)

Corpo 11:
Administração (piso 0)
Terraço privado (piso 1)

Espaço coworking

Corpo 1



1 Terraço
2 Pórtico
3 Balcão de recepção do coworking
4 Zona de serviços
5 Oficinas
6 Espaços de trabalho

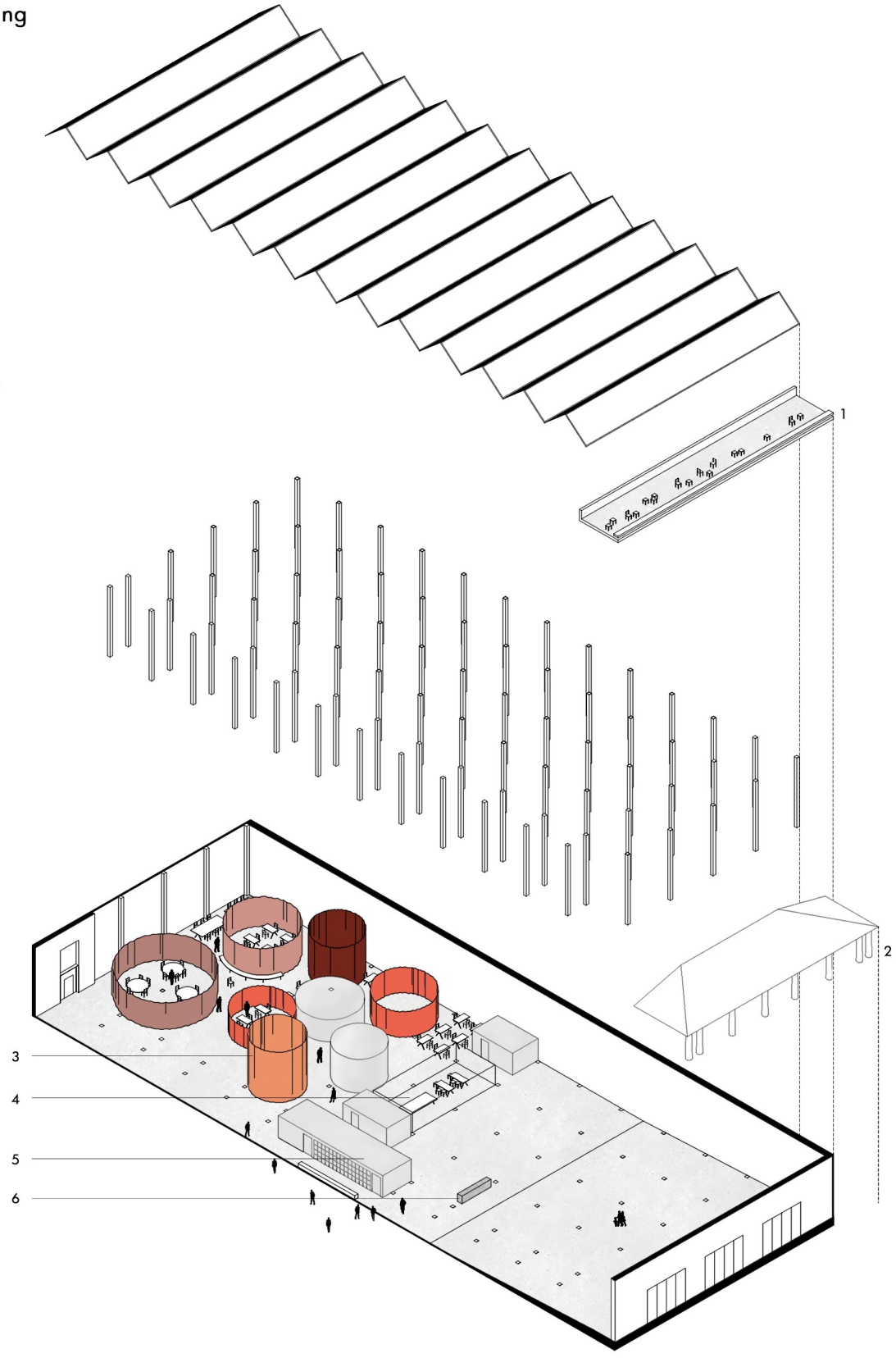


Imagem 75
Axonometria explodida do coworking, Corpo 1

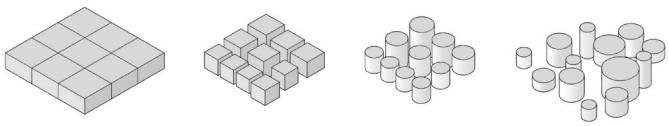


Imagem 76
Conceito formal dos espaços de trabalho em *coworking*.
Espaço flexível e maleável formalizado por cortina que possibilitam uma abertura dos espaços de trabalho ou pelo contrário, fecha-los. Os espaços de trabalho não se encontram apenas no interior dos círculos delineados pelas cortinas, mas também nos espaços entre elas, nos espaços sobrantes. Existem ainda dois espaços circulares de reunião com isolamento total deste espaço fluído.



Imagem 77
Cortinas que delimitam espaços de trabalho, em vinilo de cor.



Imagem 78
Material utilizado para revetimento das oficinas e salas de reunião.

Residências de artistas

Corpo 2

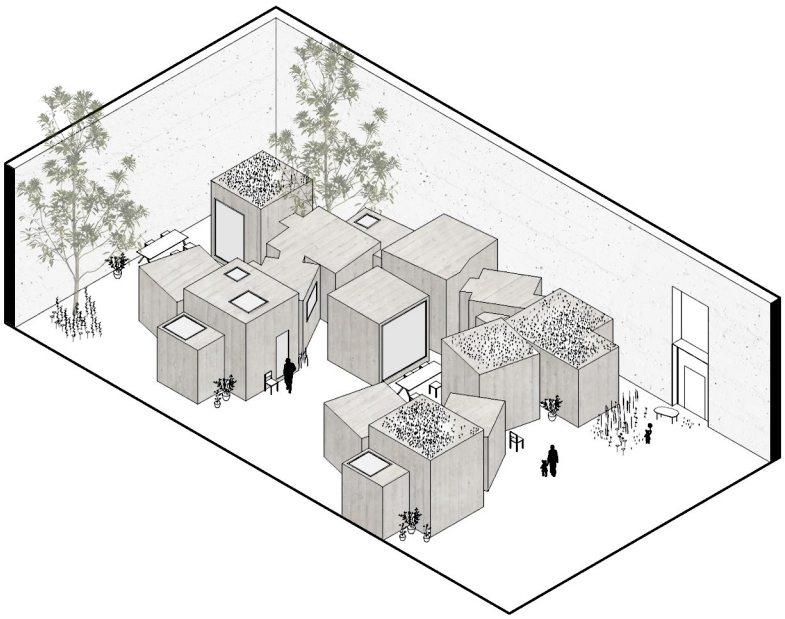
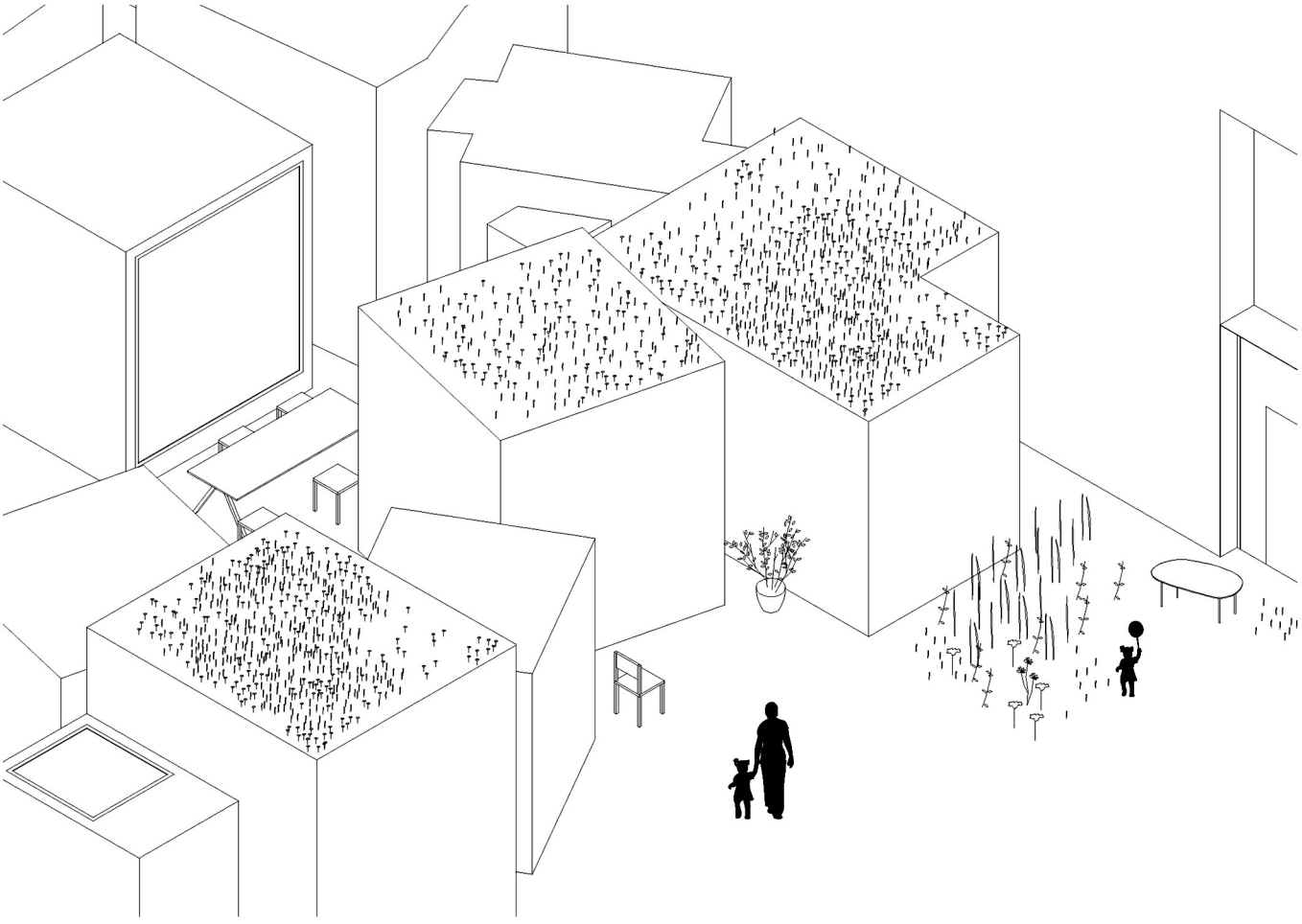
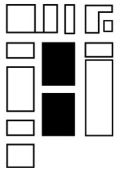


Imagem 79
Axonometria das residências de artistas, Corpo 2



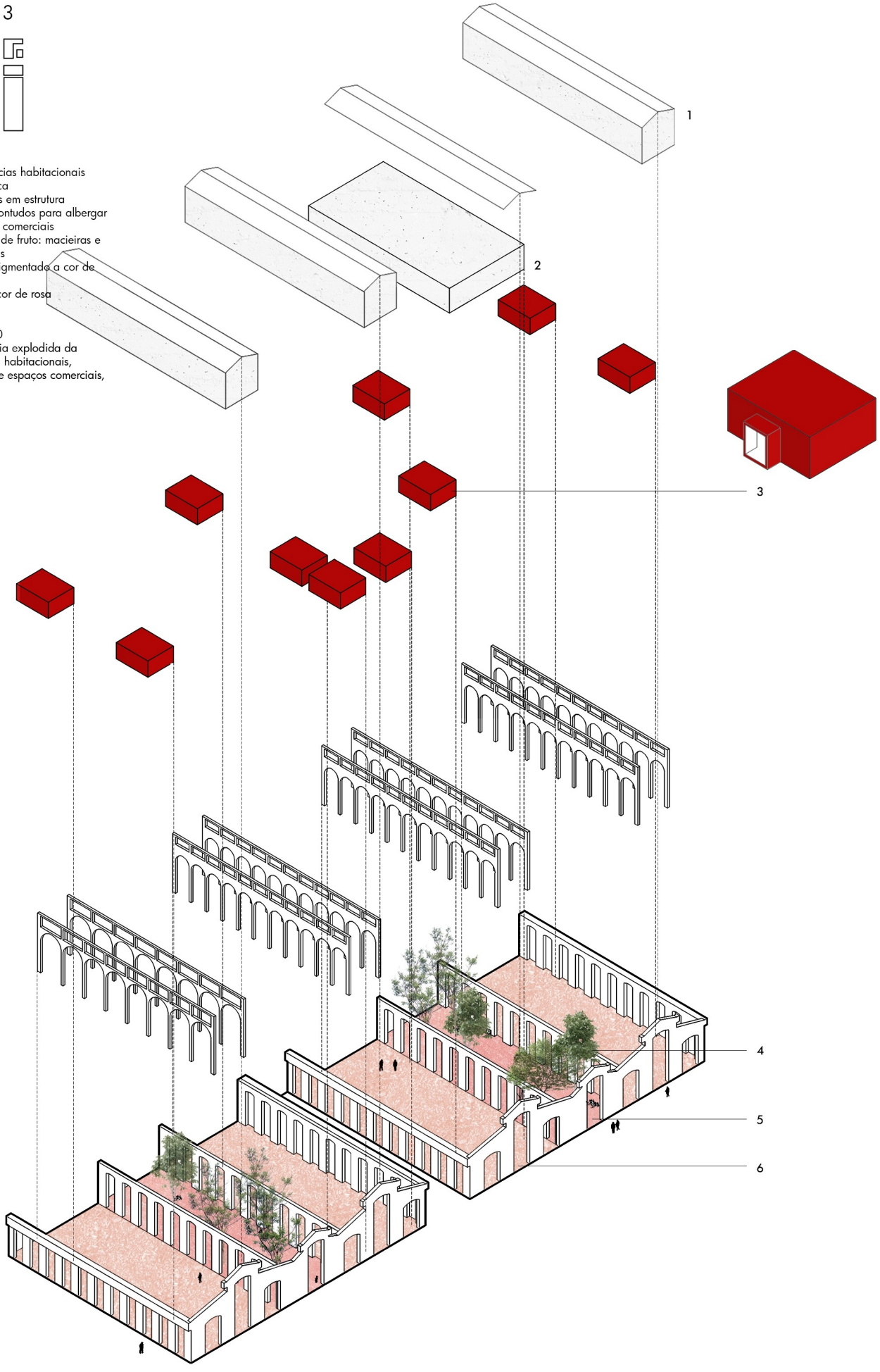
Residências habitacionais, biblioteca e espaços comerciais

Corpo 3



1 Residências habitacionais
2 Biblioteca
3 Módulos em estrutura metálica pontudos para albergar programas comerciais
4 Árvores de fruto: macieiras e ameixoeiras
5 Betão pigmentado a cor de rosa
6 Saibro cor de rosa

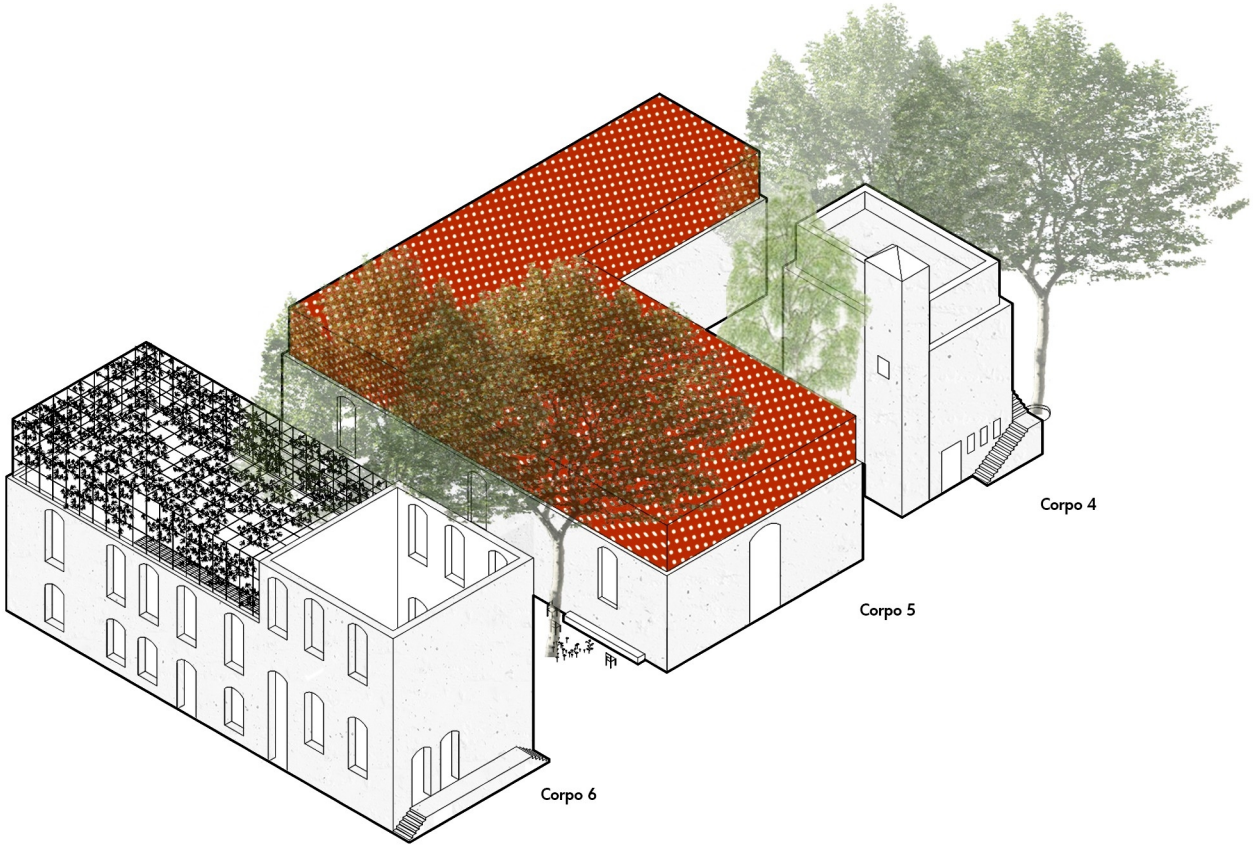
Imagem 80
Axonometria explodida da residências habitacionais, biblioteca e espaços comerciais, Corpo 3



Estúdio de fotografia/miradouro, teatro, galeria

Corpo 4, 5 e 6

Imagem 81
Axonometria do estúdio de
fotografia/miradouro, teatro, galeria



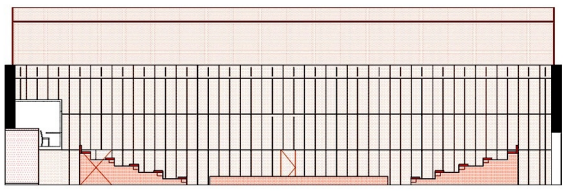


Imagem 82
Corte longitudinal do teatro



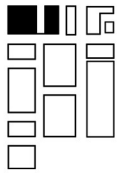
Imagem 83
Referência para o material que reveste as
paredes interior do teatro



Imagem 84
Vegetação que fará a cobertura parcial do edifício,
uma latada que substitui a antiga cobertura

Nave da música e nave da multimédia

Corpo 7 e 8



1 Salas de ensaio
2 Salas de gravação audio
3 Arquivo digital
4 Wc
5 Sala de confderência
6 Salas técnicas
7 Sala de gravações

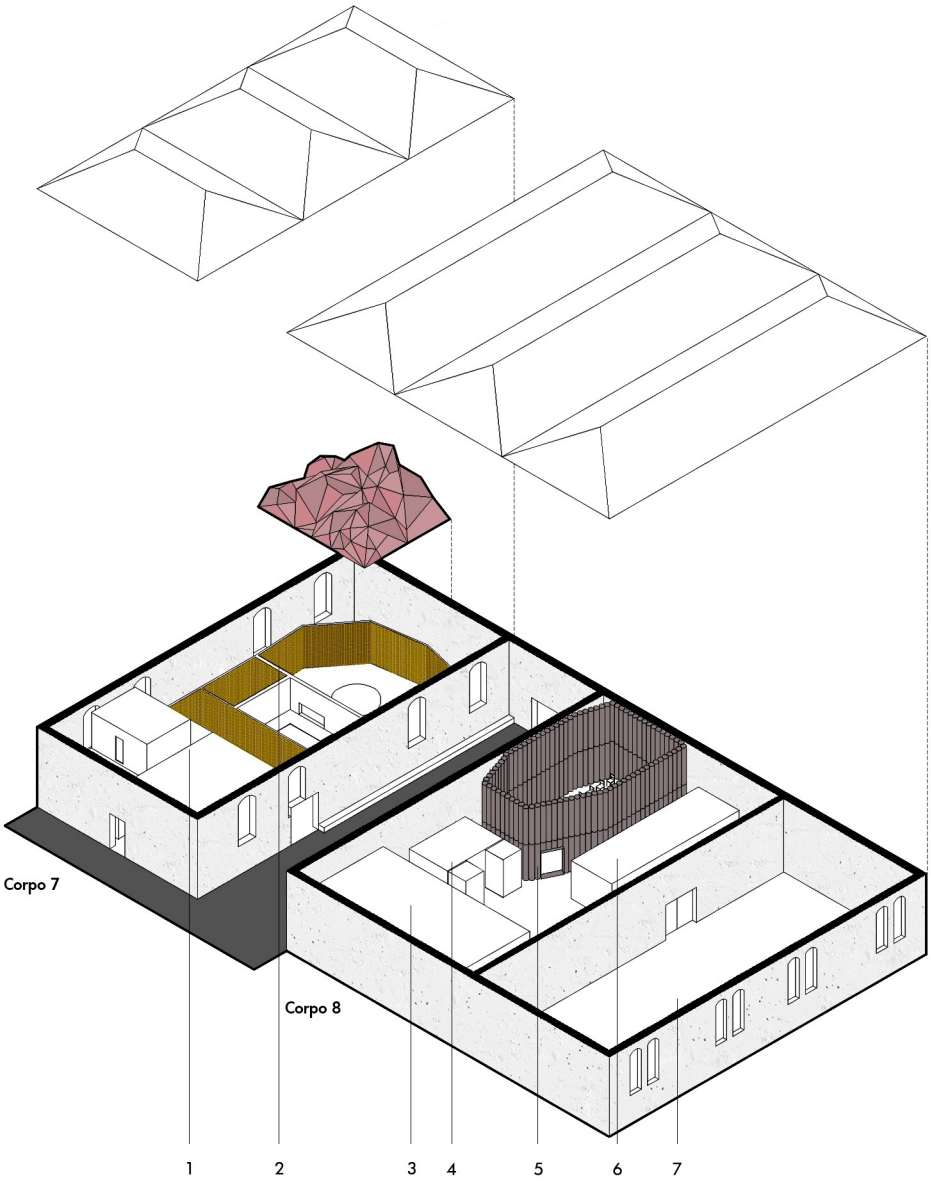


Imagem 85
Axonometria explodida da nave de música e nave da multimédia, Corpo 7 e 8



4
Imagem 86
Revestimento acústico para as paredes interiores da zona de gravação áudio

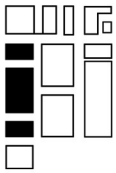


5
Imagem 87/88
Referência para as paredes da sala de conferências



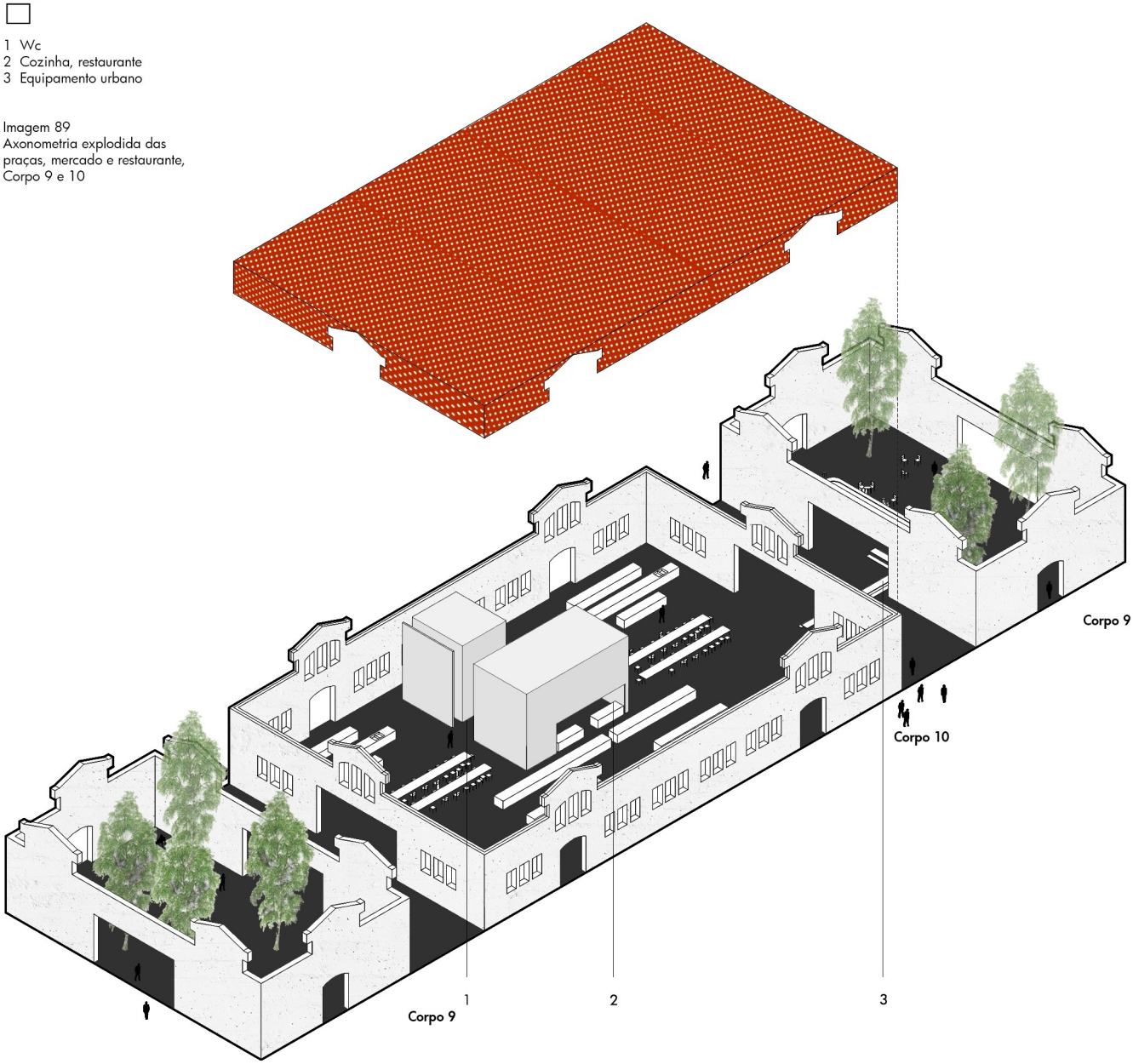
Praças, mercado e restaurante

Corpo 9 e 10



1 Wc
2 Cozinha, restaurante
3 Equipamento urbano

Imagem 89
Axonometria explodida das praças, mercado e restaurante, Corpo 9 e 10



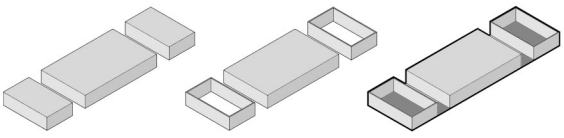
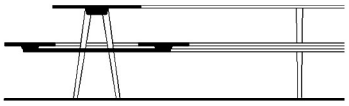
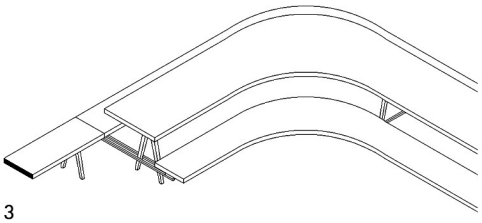


Imagem 90
Esquema da trasformação e agrupação dos três edifícios através do pavimento - tijolo preto com face à vista - e com a criação de duas praças





3
Imagem 91
Equipamento urbano: mesas com bancos corridos fixos, executados em contraplacado de teca

Administração/Terraço privado

Corpo 11

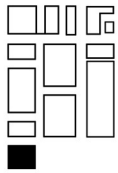
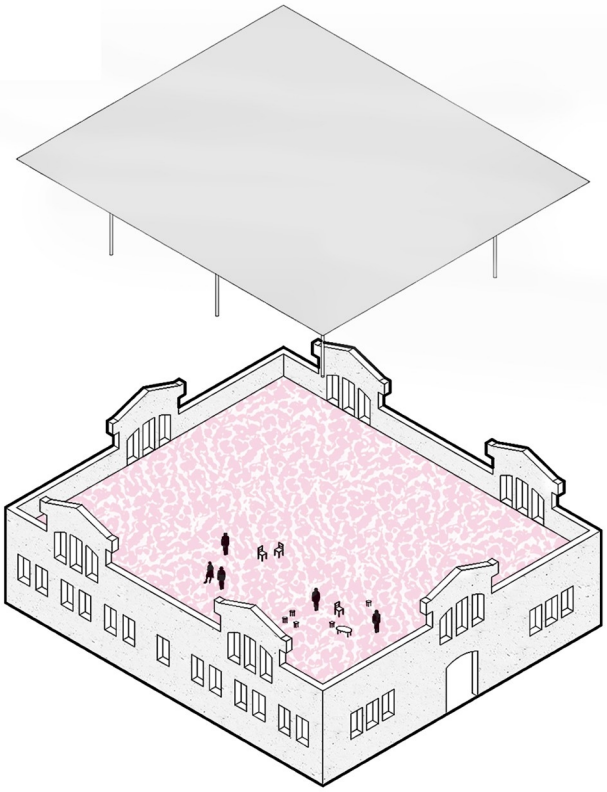


Imagem 92
Axonometria explodida da administração/terraço privado, Corpo 11



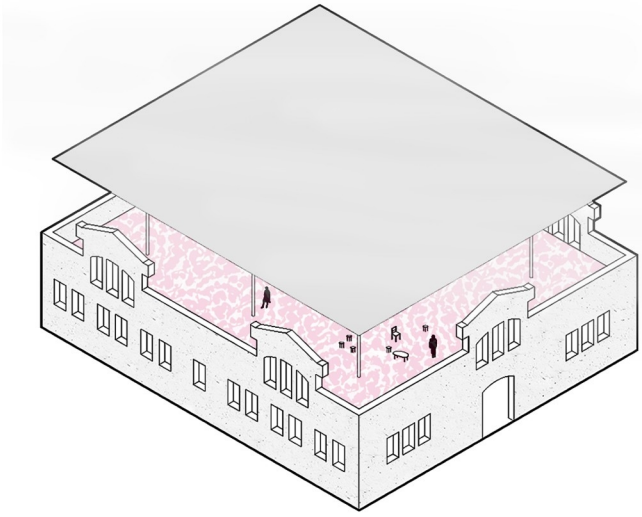
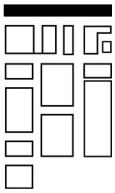




Imagem 93
Referência da nova cobertura para o edifício da administração. Uma cobertura em aço polido que reflete a sua envolvente.

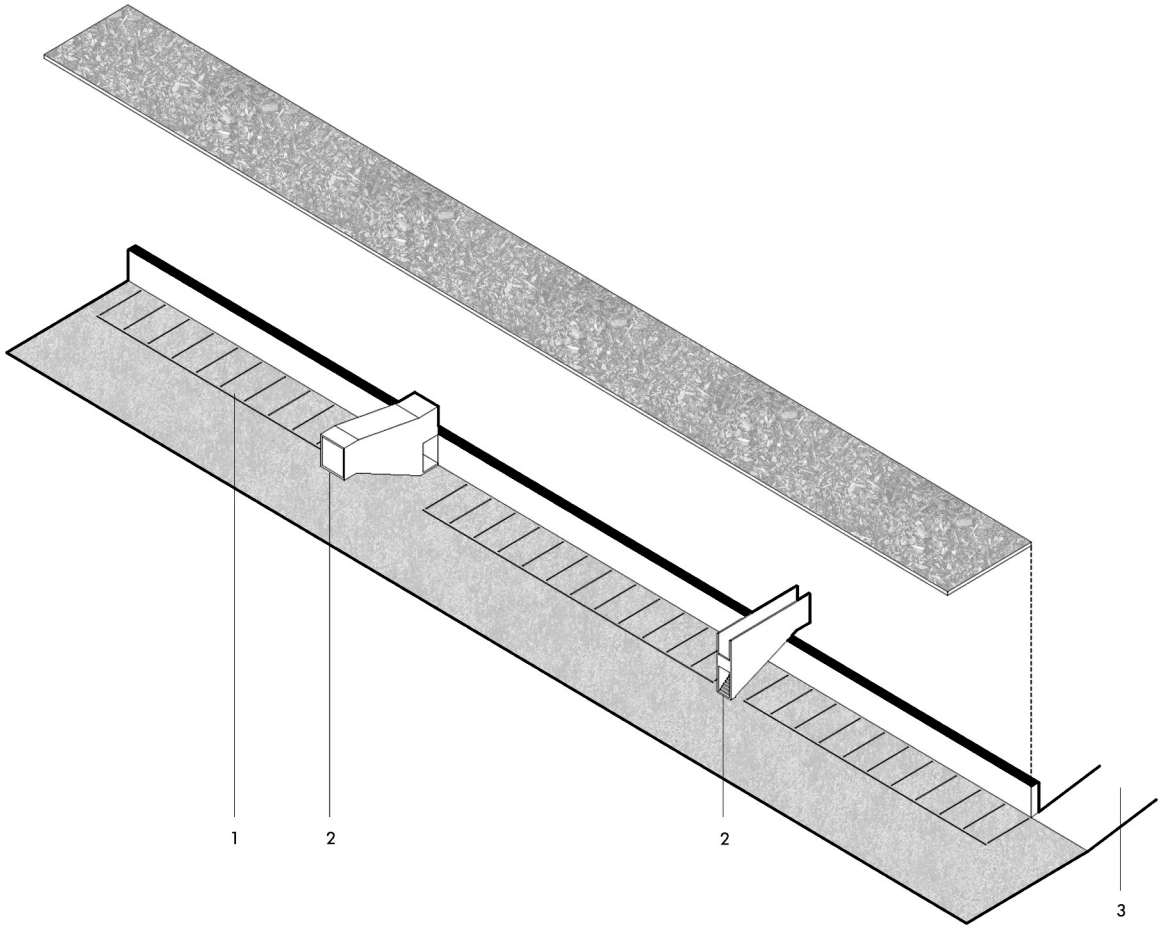
Estacionamento

Piso -1



1 Estacionamento
2 Escadas para acesso ao piso 0
3 Rampa para os veículos

Imagem 94
Axonometria explodida do estacionamento, piso -1



2.3 Proposta de projeto

2.3.1 Desenvolvimento do projeto

Dada a extensão do objeto de estudo, a estratégia partia por distribuir um programa funcional, atendendo a uma série de fatores, e chegar à concordância de um elemento que se mostraria fulcral e essencial no projeto. E assim, pormenorizá-lo e a enfatizá-lo.

O esquema distributivo foi idealizado tendo em consideração a análise à envolvente do objeto de estudo, quanto a serviços e estruturas inexistentes ou subaproveitadas. Assim, este insere-se num cluster criativo composto por espaços predominantemente ligados às artes e ao design multidisciplinar, mas também por habitações e serviços que tragam ambientes múltiplos, como um mercado, espaços de lazer, e espaços urbanos. Atividades que conectem o nicho criativo à cidade, tornando o espaço simultaneamente produtor e consumidor.

Apesar da densidade da edificação, não foram efetuadas demolições de quaisquer corpos arquitetónicos, uma vez que é essa a caraterística que torna o quarteirão integrado na malha urbana. Apenas foi depurado o ruído redundante na escala da grelha arquitetónica, como o antigo posto do porteiro, um pequeno espaço na entrada do objeto de estudo; um edifício, outrora sanitários; um jardim; e uma pequena construção entre o Corpo 2 e o Corpo 4. Essa subtração de elementos permitiu uma maior clareza e síntese das formas e da métrica do conjunto edificado, e garantindo uma maior salubridade.
Decidimos introduzir na sua renovação, a adição, a subtração parcial, e a justaposição, de forma incisiva e cirúrgica, de modo a não alterar essa característica morfológica.

Com o propósito de incrementar maiores entradas de luz nos longos e sombrios interiores dos blocos, e por consequência, o aumento de ventilação natural, optou-se pela subtração total e parcial de algumas coberturas, consoante o seu estado de conservação, localizadas em espaços estratégicos necessários para programas funcionais específicos. Em casos concretos, como no corredor central e nos dois edifícios que estão lado a lado ao mercado (Corpo 9 e 11), foram totalmente removidas as coberturas a fim de tornar estes dois casos em espaços públicos abertos. Criando num caso rua, e no outro, praças. Também nas alas residenciais foram removidas as coberturas, a fim de proporcionar o nível de iluminação desejado para permitir a implementação de áreas ajardinadas no nível térreo. O tecido edificado localizado no perímetro do antigo matadouro apresentam coberturas com maiores danos estruturais, e em alguns em estado de ruína, tendo sido algumas completamente retiradas (Corpo 2, 3, 6, 9 e 11), outras substituídas por coberturas semelhantes (Corpo 1, 2, 3, 7, 8) e em alguns casos substituídas por novas estruturas e materiais sem concordância com a pré-existência (Corpo 5, 10, 12). Em locais em que não foi vista a necessidade da retirada dos telhados para converte-los a espaços permeáveis, recorreu-se à criação de claraboias, com possibilidade de ventilação natural (Corpo 1).

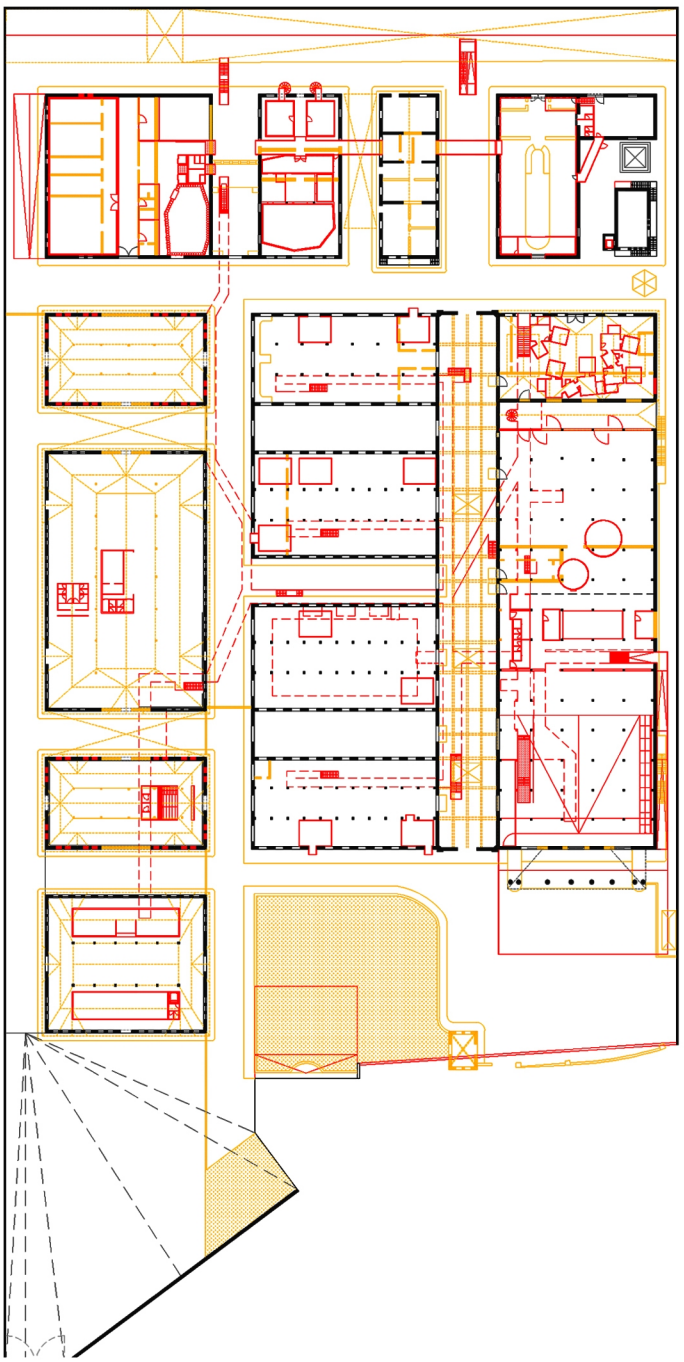


Imagem 95
Construções/demolições, planta do piso 0
Escala 1:1500 (à escala 1:500 em anexo)

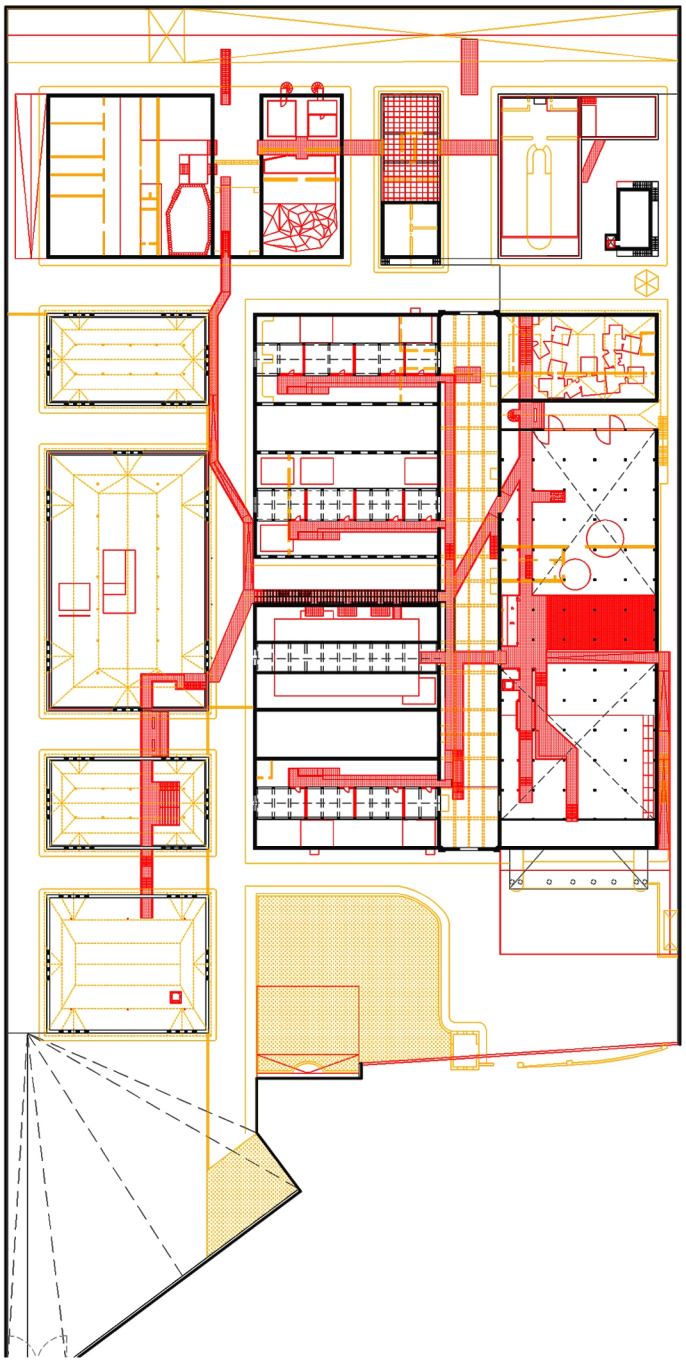


Imagem 96
Construções/demolições, planta do piso 1
Escala 1:1500 (à escala 1:500 em anexo)



Imagem 97
Proposta de intervenção - planta do piso 0
Escala 1:700 (a escala 1:350 em anexo)

Piso 0

Piso -1

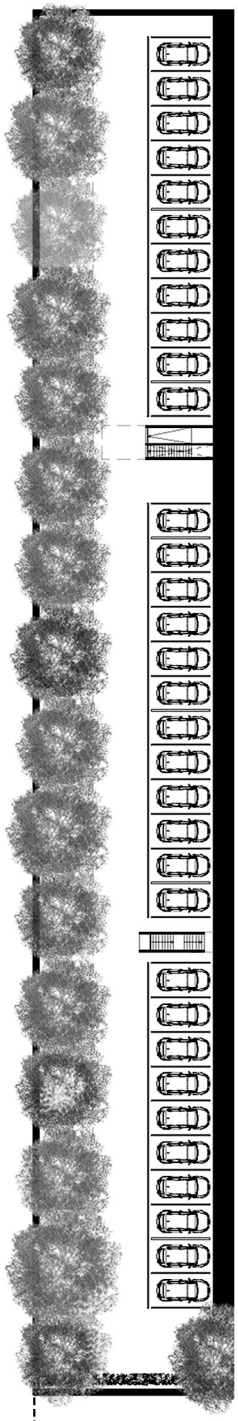


Imagem 98
Proposta de intervenção - planta do piso -1
Escala 1:700 (à escala 1:350 em anexo)

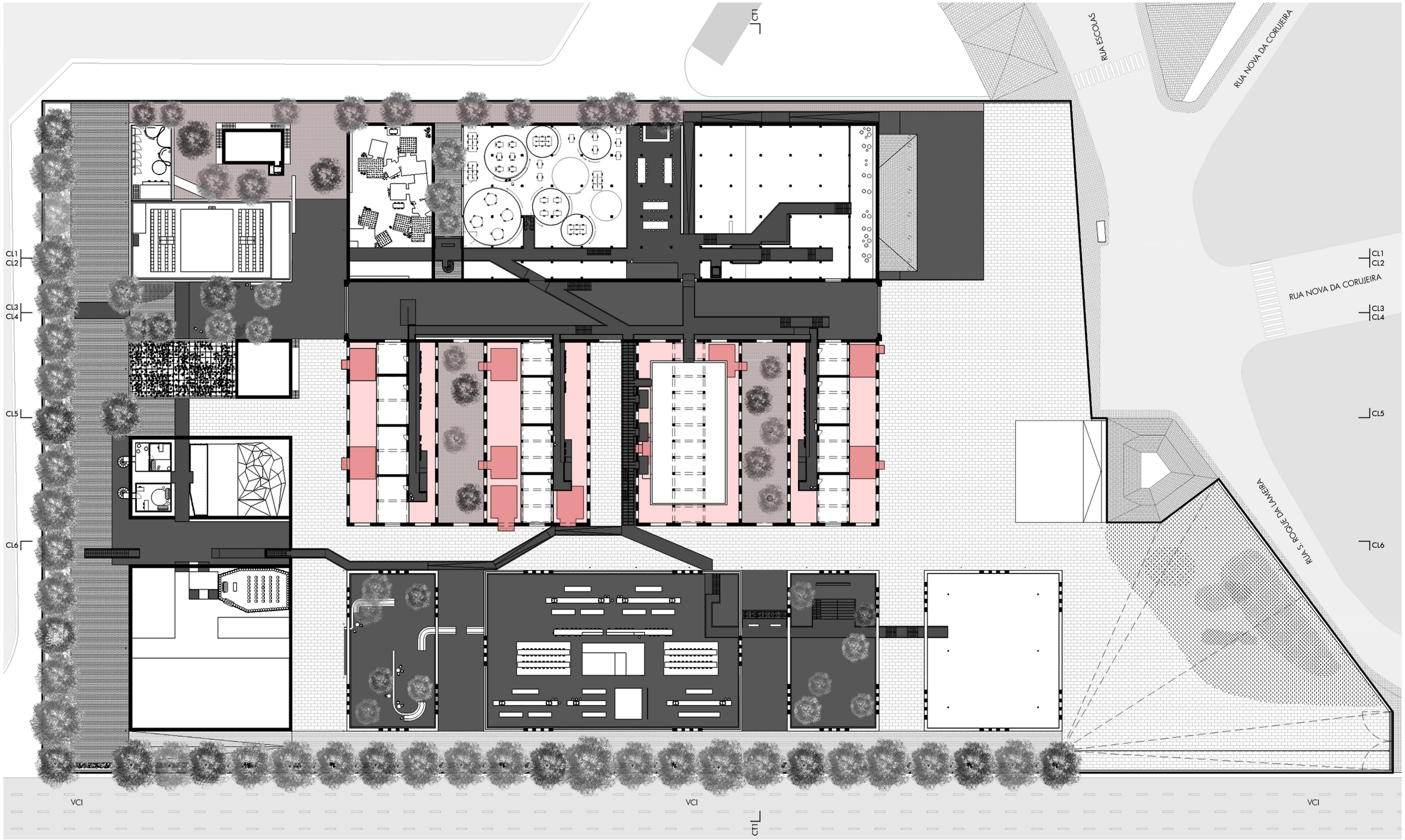


Imagem 99
Proposta de intervenção - planta do piso 1
Escala 1:700 (à escala 1:350 em anexo)

Piso 1

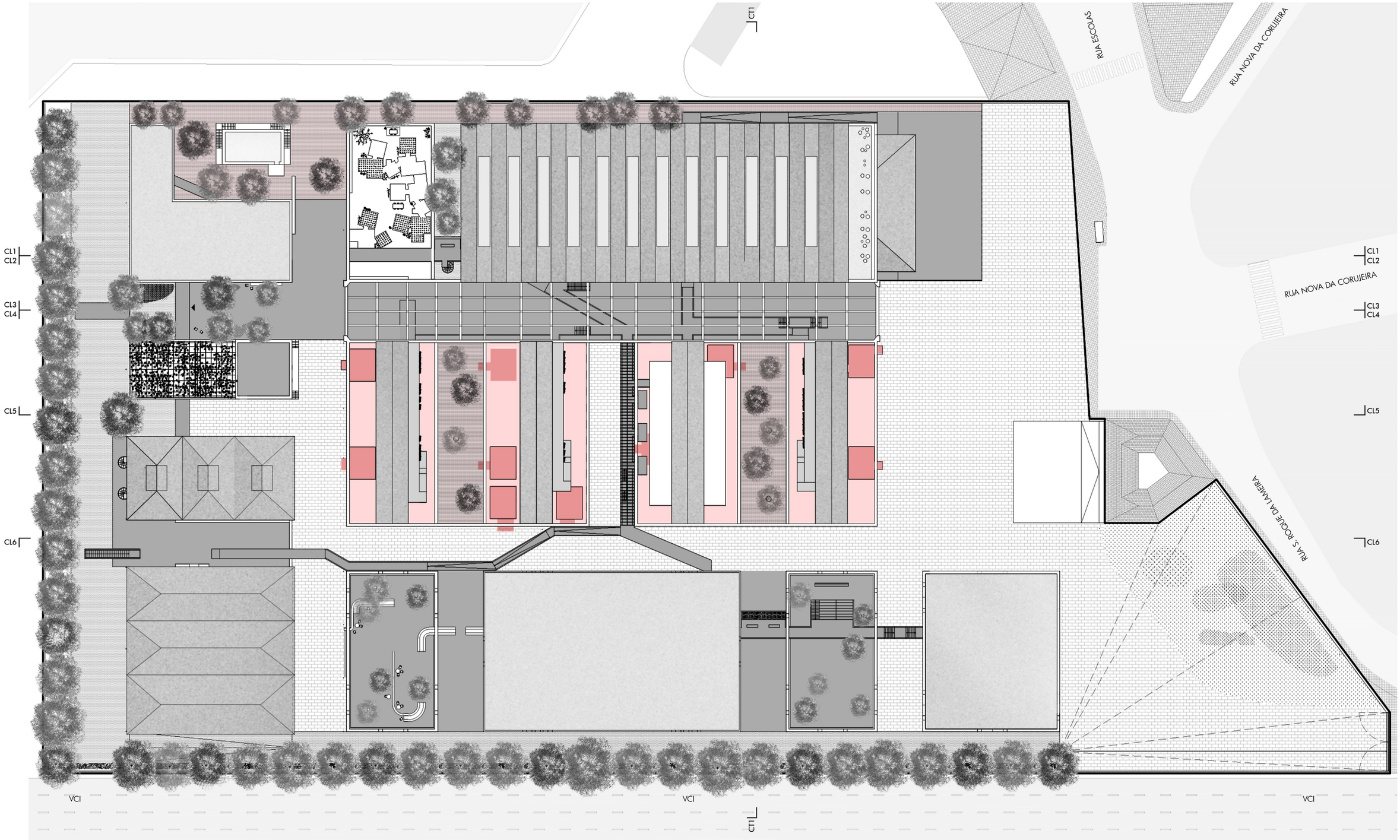


Imagem 100
Proposta de intervenção - planta do piso de cobertura
Escala 1:700 (à escala 1:350 em anexo)

Planta de cobertura

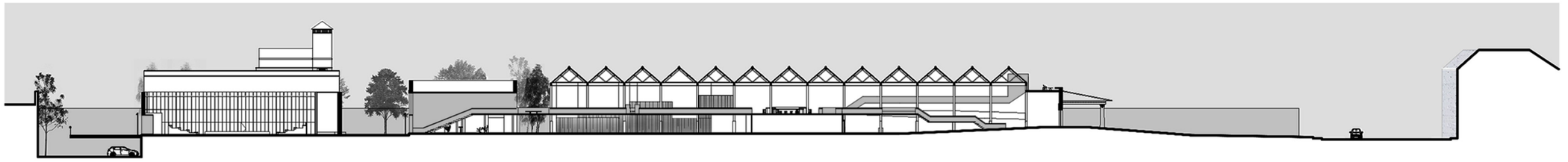
Para responder a problemas já mencionados, excesso de densidade e escassez de ventilação, também foram criados rasgos nos vãos das janelas já existentes (Corpo 3), assim como a abertura de novos vãos para a introdução de novos volumes: a passarela, o dispositivo de conexão e ligação.

Tendo em conta a densidade já existente, foi utilizada a adição de massas em casos reduzidos, nomeadamente, no interior do Corpo 3, novos volumes modulares a fim de albergar serviços comerciais. A difusão de novos elementos iguais, reforçando a ideia de células, embriões construtivos, abstraídos do contexto que se encontram. Autónomos à preexistência, entendem-se como objetos livres expectantes de uma apropriação de diversas tipologias comerciais. Num caracter conceptual semelhante à das *Folies* de Bernard Tshumi, estes espaços surgem pontuados e dispersos de modo a criar percursos aleatórios e de deriva.

A vitalidade principal deste projeto situa-se na ativação dos corpos arquitetónicos independentes na estrutura preexistente em que se inserem, mas criando uma estrutura celular única, numa lógica de sucessão e progressividade de espaços. Assim, a criação e justaposição na preexistência de um artificio como sistema de circulação representa o potencial das deslocações possíveis nesta franja programática. Assim como enfatiza a ideia de estrutura celular, visto que esta rede pretende também unir e compor um equilíbrio entre edifícios, adquirindo a função de interface[28].
Esta rede conectora, que é também um condutor do espaço, é composto na sua maioria por escadas, patamares e passarelas que não só conectam os diferentes pisos e edifícios, atuando como dinamizador e organizador do fluxo do movimento, do tempo e dos deslocamentos sequenciais.
Quando este volume se afasta do seu propósito inicial (pôr em comunicação, unir, narrar, veicular e estimular as perceções psicossensoriais) configurando-se como *promenade architectural*, ganha uma autonomia plástica, adquirindo uma forte influência como um objeto, assim como proporciona uma experiência sensorial ao utilizador.

Estas cadeias de correspondências ganham um caráter simbólico, referencial no projeto, onde os circuitos são encenados, com efeitos de surpresa, numa dimensão de conversa visual com as áreas transitadas; o individuo é inserido num percurso alimentado de situações visíveis mas inacessíveis de um modo imediato, por mante-lo a cotas diferentes da ação, numa valorização do olhar e do instante. Possibilitando a observação de atividades que ocorrem em várias partes do *cluster*. Essas situações consequentes da estrutura condutora de espaço introduzem dois conceitos: a heterotopia e a simultaneidade.

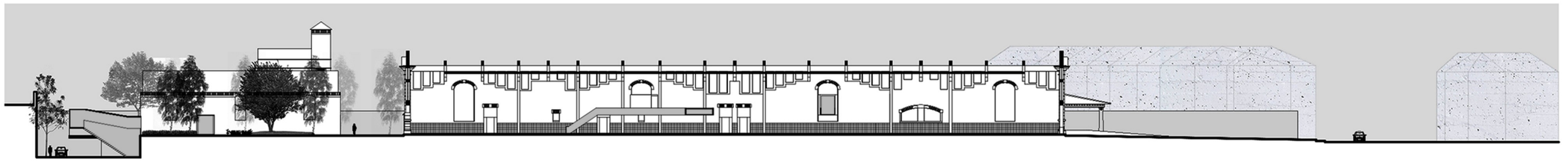
28 Interface - definição: adj. Contato, uma coisa que liga a outra ou um ponto a outro. O que faz a comunicação.



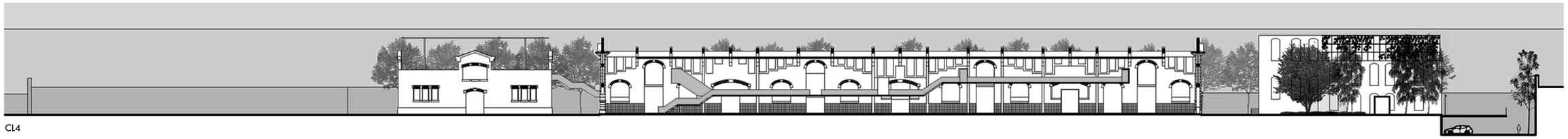
CL1



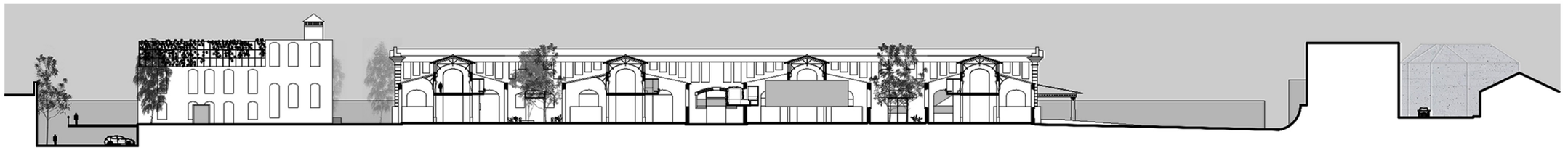
CL2



CL3



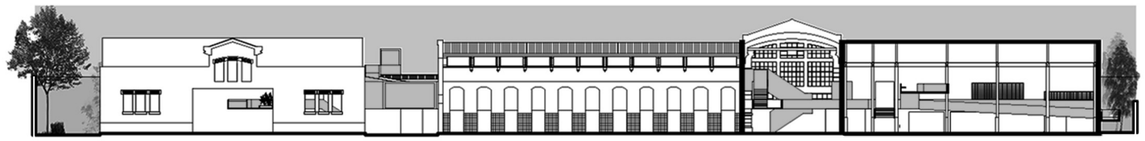
CL4



CL5



CL6



CT1

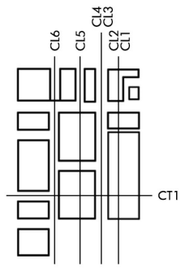


Imagem 101
Proposta de intervenção - cortes
CL1, CL2, CL3, CL4, CL5, CT1
Escala 1:700 (a escala 1:350 em anexo)

Cortes

Alguns lugares permitem ligação com todos os outros, suspendendo, neutralizando e invertendo o conjunto de relações que esses outros espaços expressam, como as heterotopias. “As heterotopias são lugares que estão fora de todos os lugares, mas que no entanto são localizáveis.” (Focault, 1997, p.72).
Assim, o projeto que nos propomos realizar é a simbiose entre o lugar de simultaneidade e o lugar heterotópico, que de alguma forma se encadeiam. Feito da simultaneidade, de estados antagónicos entre o próximo e o longínquo, o lado-a-lado e o disperso; próprios da contemporaneidade, época de justaposições. “Espaço que vivemos simultaneamente mítica e real” (Focault, 2005) associados ao tempo e ao espaço, inserido numa amálgama de relações, onde o indivíduo se situa num não-lugar[29] (de certa forma) que o permite ver tudo mas não atuar, onde o indivíduo está, mas simultaneamente não está, estando ausente da interação imediata com o que vê fora do lugar que o condiciona. Condição muito semelhante àquele que é uma heterotopia por excelência: o navio, “Um navio é um pedaço flutuante de espaço, um lugar sem lugar, que existe por si só, que é fechado sobre si mesmo e que ao mesmo tempo é dado à infinitude do mar” (Focault, 2005). Que apesar de algumas dissemelhanças, como o seu caráter móvel e efémero – “um lugar sem lugar”, configurou-se um elemento flutuante, um lugar real mas simultâneo ausente, que existe por si só, autónomo, mas que ao mesmo tempo é apoiado a uma estrutura arquitetónica já existente, vivendo da sua energia, mas retribuindo-lhe também ele energia.

29 O não-lugar é uma conceito proposto por Marc Augé, antropólogo francês, para designar um lugar não relacional, não identitário e não histórico, um espaço de passagem e transição, revelador de uma nova forma de viver o mundo. “O espaço do não-lugar não cria nem identidade singular, nem relação, mas solidão e semelhança.” No entanto é frequente que os lugares e os espaços, os lugares e os não-lugares se confundam e misturem (Augé, 1992).

Axonometria explodida

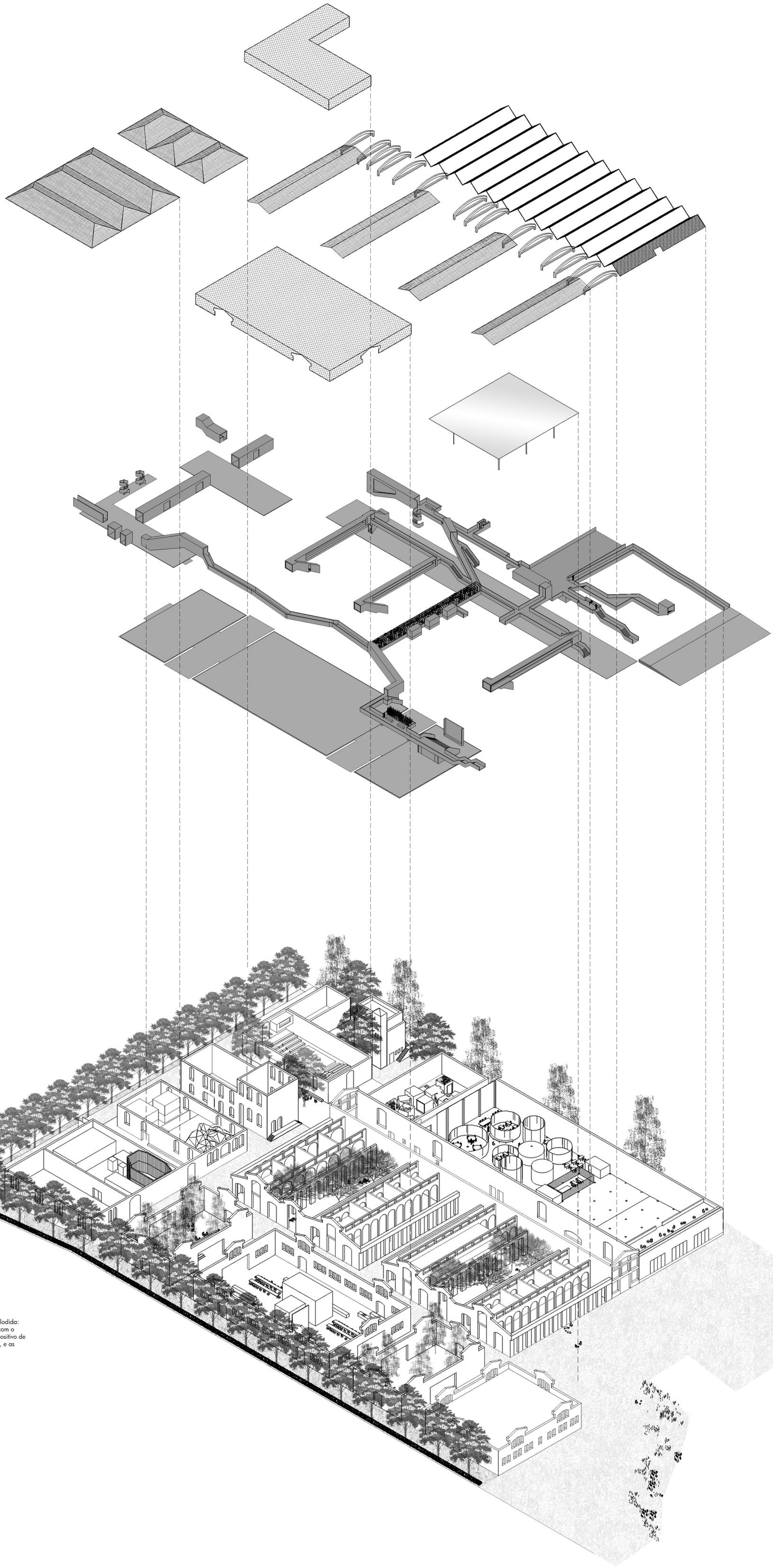
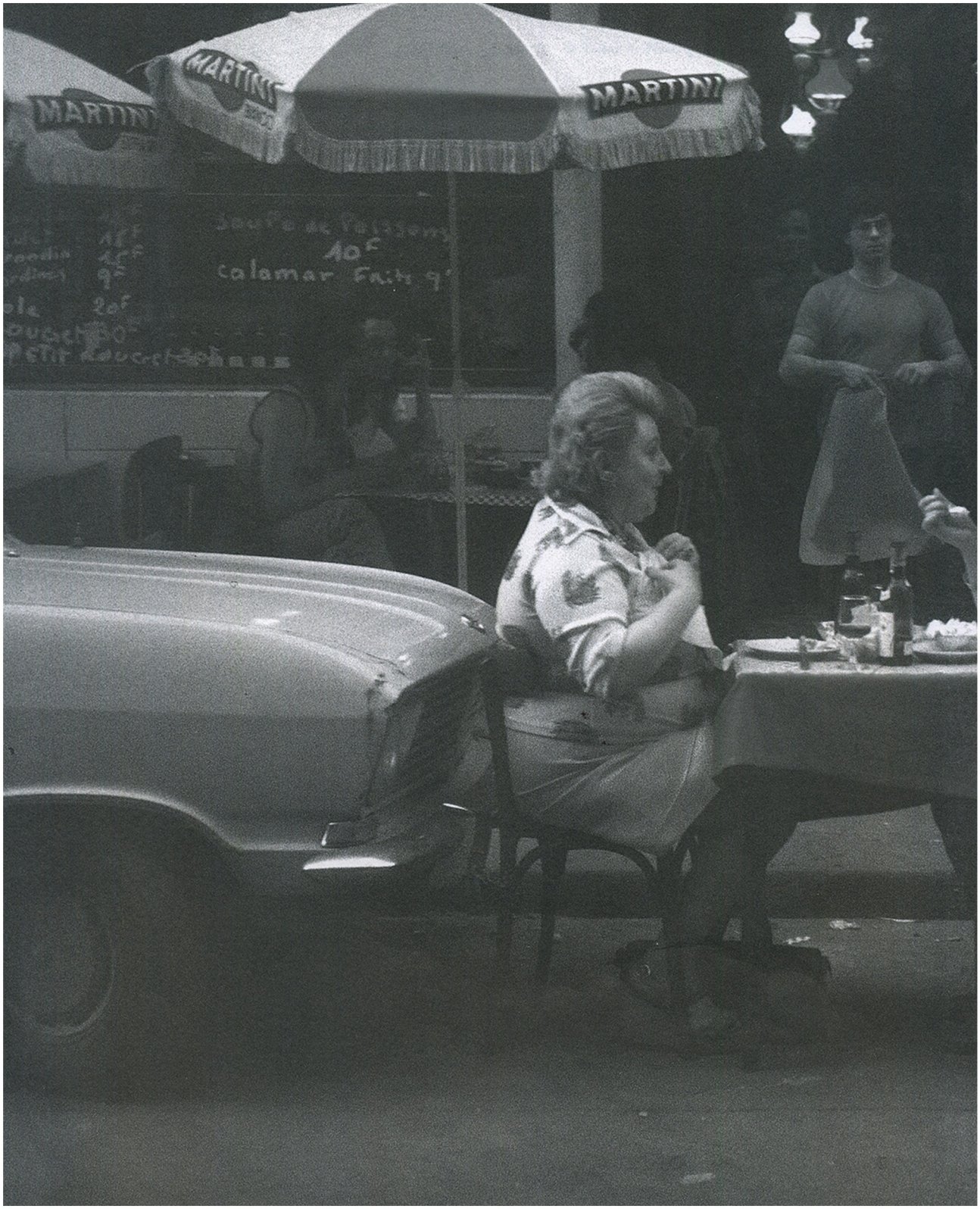


Imagem 103
Axonometria geral explodida: corpos arquitetónicos com o novo programa, o dispositivo de distribuição e conexão, e as coberturas

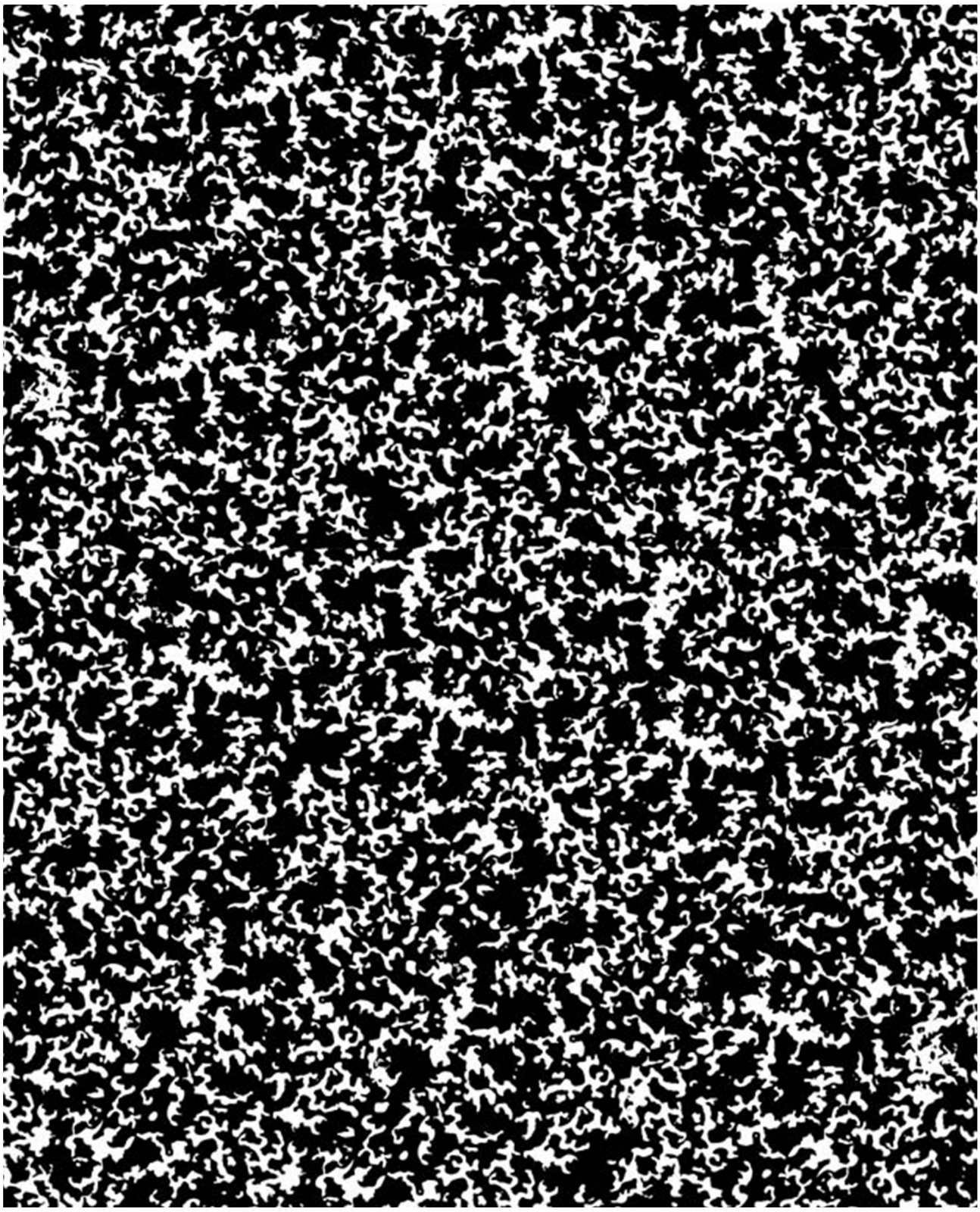
2.3.2. O percurso

“A viagem é uma possibilidade para sonhar com possíveis lugares de projeto” (Vieira, 2010, p. 50)

Conceito

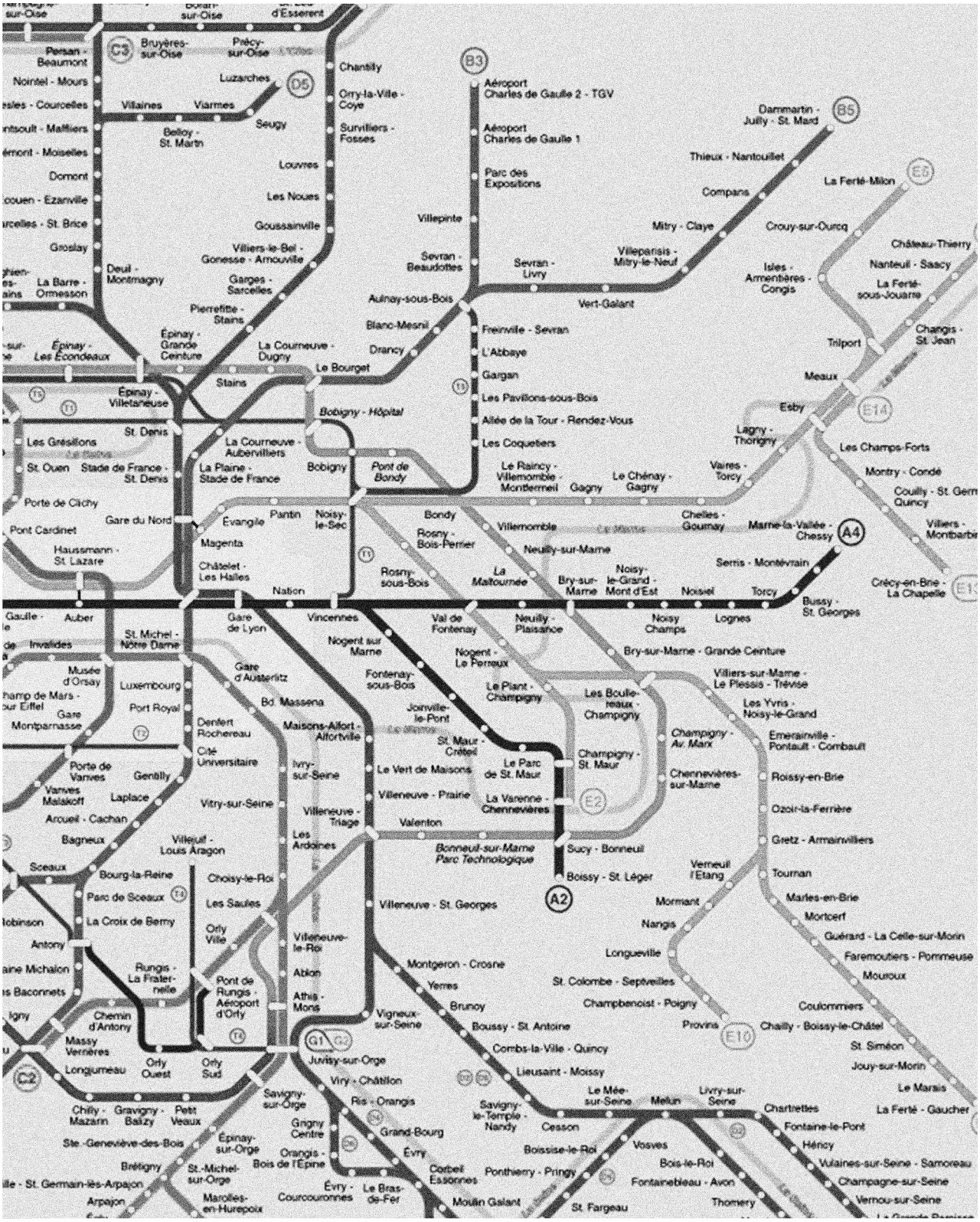

MARTINI
MARTINI
MARTINI
10F
Calamar Frits 9F


MARTINI
MARTINI



O andar é um ato cognitivo e criativo capaz de transformar simbólica e fisicamente tanto o espaço natural como o antrópico. (Careri, 2007)


Valmondois
Auvers-sur-Oise
L'Isle Adam
Parmain
Mériel
Méry-sur-Oise
Frépillon
Bessancourt
Taverny
Vaucelles
St. Leu-la-Forêt
Gros Noyer - St. Prix
Champ des Courses d'Enghien
Chaponval
Pont Petit
Épluches
Émont Halte
Franconville - Le Plessis - Bouchard
Chars
Santeuil - Le Perchay
Us
Montgeroult - Courcelles
Cergy - Le Haut
Cergy - St. Christophe
Boissy - L'Aillerie
Osny
Pontoise
Pierrelaye
Cergy Préfecture
St. Ouen - l'Aumône Quartier de l'Église
St. Ouen - l'Aumône
Liesse
Montigny - Beauchamp
Cernay
Émont - Eaubonne
Sannois
Neuville Université
Éragny - Neuville
Argenteuil - St. Ferdinand
Le Stade
Genneviller
Limay
Gargenville
Meulan - Hardricourt
Vaux-sur-Seine
Chanteloup-les-Vignes
Maurecourt
Conflans - Ste. Honorine
La Frette - Montigny
Val d'Argenteuil
Argenteuil
Issou - Porcheville
Juziers
Thun - Le Paradis
Triel-sur-Seine
Andrésy
Conflans - Fin d'Oise
Herblay
Cormeilles-en-Parisis
Colombes
Bois Colomb
Mantes Station
Achères Ville
Argenteuil - Le Val Notre-Dame
Asnières
Épône - Mézières
Aubergenville - Elisabethville
Les Clairières de Verneuil
Villennes-sur-Seine
Sartrouville - Union
Bécon-les-Bruyères
Achères - Grand Cormier
Pont de Bezons
Les Vallées
Clichy - Levallois
Les Mureaux
Vernouillet - Verneuil
Poissy
Maisons Laffite
Courbevoie
Pereire - Levallois
Nézel - Aulnay
La Garenne - Colombes
Grande Arche de La Défense
Porte Maillot
Poissy - Grande Ceinture
Sartrouville
Maule
Houilles - Carrières-sur-Seine
Nanterre Prépfecture
Av. Foch
Nanterre Université
Puteaux
Houdan
St. Germain - Grande Ceinture
St. Germain-en-Laye
Le Vésinet Centre
Suresnes - Mont Valérien
Av. Henri Martin
Nanterre Ville
Boulainvilliers
Mareil-sur-Mauldre
Rueil - Malmaison
Le Val d'Or
Le Vésinet - Le Pecq
Chatou - Croissy
St. Cloud
Kennedy - Radio France
Tacoignières - Richebourg
Garches - Marne-la-Coquette
Vaucresson
Issy - Val de Seine
Orgerus - Béhoust
Beynes
St- Germain - Bel Air
La Celle - St. Cloud
Issy
Garancières - la Queue
Bougival
Sèvres - Ville d'Avray
Clamart
Mareil - Marly
St. Nom de la Bretèche
Louveciennes
Meudon
Montfort-l'Amaury - Méré
Villiers - Neauphle - Pontchartrain
Marly-le-Roi
L'Etang-la-Ville
Chaville R.D.
Sèvres R.G.
Meudon - Val Fleury
Viroflay R.D.
Bellevue
Noisy-le-Roi
Montreuil
Meudon
Chaville - Vélizy
Plaisir - Grignon
Viroflay R.G.
Versailles R.D.
Porchefontaine
Bailly
Plaisir-les-Claies
Versailles R.G.
Petit Jouy - Les Loges
Vauboyen
Villecreux-les-Clayes
Versailles Chantiers
Jouy-en-Josas
Bièvres
Fontenay-le-Fleury
Massy - Palaiseau
St. Cyr-l'École
Palaiseau
Trappes
St.-Quentin-en-Yvelines
Palaiseau - Villebon
Lozère
La Verrière
Le Guichet
Orsay Ville
Coignières
Bures-sur-Yvette


Persan - Beaumont
Bruyères-sur-Oise
Précy-sur-Oise
Nointel - Mours
Luzarches
Villaines
Viarmes
Seugy
Belloy - St. Martin
Chantilly
Orry-la-Ville - Coye
Survilliers - Fosses
Louvres
Les Noues
Goussainville
Villiers-le-Bel - Gonesse - Arnouville
Deuil - Montmagny
Garges - Sarcelles
Pierrefitte - Stains
Épinay - Grande Ceinture
La Courneuve - Dugny
Le Bourget
Stains
Épinay - Villetaneuse
Épinay - Les Écondeaux
Dormont
Groslay
La Barre - Ormesson
Aéroport Charles de Gaulle 2 - TGV
Aéroport Charles de Gaulle 1
Parc des Expositions
Villepinte
Sevran - Beaudottes
Aulnay-sous-Bois
Blanc-Mesnil
Drancy
Bobigny - Hôpital
Bobigny
Pont de Bondy
Dammartin - Juilly - St. Mard
Thieux - Nantouillet
Compans
Mitry - Claye
Villeparisis - Mitry-le-Neuf
Sevran - Livry
Vert-Galant
La Ferté-Milon
Crouy-sur-Ourcq
Isles - Armentières - Congis
Château-Thierry
Nanteuil - Saacy
La Ferté-sous-Jouarre
Changis - St. Jean
Trilport
Meaux
Esby
Lagny - Thorigny
Les Champs-Forts
Montry - Condé
Couilly - St. Germain Quincy
Villiers - Montbarbin
Crécy-en-Brie - La Chapelle
Freinville - Sevran
L'Abbaye
Gargan
Les Pavillons-sous-Bois
Allée de la Tour - Rendez-Vous
Les Coquetiers
Le Raincy - Villemomble - Montfermeil
Gagny
Le Chénay - Gagny
Vaires - Torcy
Chelles - Gournay
Marne-la-Vallée - Chessy
Serris - Montévrain
Bussy - St. Georges
Noisiel
Torcy
Noisy Champs
Lognes
Les Grésillons
St. Ouen
Stade de France - St. Denis
La Courneuve - Aubervilliers
La Plaine - Stade de France
Porte de Clichy
Gare du Nord
Pont Cardinet
Haussmann - St. Lazare
Evangile
Pantin
Noisy-le-Sec
Magenta
Châtelet - Les Halles
Nation
Bondy
Rosny - Bois-Perrier
Rosny-sous-Bois
La Maltournée
Villemomble
Neuilly-sur-Marne
Noisy-le-Grand - Mont d'Est
Bry-sur-Marne
Gaulle - Auber
Invalides
St. Michel - Notre Dame
Gare de Lyon
Vincennes
Val de Fontenay
Neuilly-Plaisance
Nogent sur Marne
Nogent - Le Perreux
Bry-sur-Marne - Grande Ceinture
Musée d'Orsay
Champ de Mars - Tour Eiffel
Luxembourg
Port Royal
Gare Montparnasse
Gare d'Austerlitz
Bd. Massena
Fontenay-sous-Bois
Joinville-le-Pont
Le Plant - Champigny
Les Boullereaux - Champigny
Villiers-sur-Marne - Le Plessis - Trévise
Les Yvris - Noisy-le-Grand
Champigny - Av. Marx
Emerainville - Pontault - Combault
Denfert Rochereau
Cité Universitaire
Maisons-Alfort - Alfortville
St. Maur - Créteil
Champigny - St. Maur
Le Parc de St. Maur
Chennevières-sur-Marne
Roissy-en-Brie
Porte de Vanves
Vanves Malakoff
Gentilly
Laplace
Ivry-sur-Seine
Le Vert de Maisons
Villeneuve - Prairie
La Varenne - Chennevières
Vitry-sur-Seine
Arcueil - Cachan
Bagneux
Villejuif - Louis Aragon
Villeneuve - Triage
Les Ardoines
Valenton
Ozoir-la-Ferrière
Gretz - Armainvilliers
Sceaux
Bourg-la-Reine
Parc de Sceaux
Choisy-le-Roi
Les Saules
Orly Ville
Villeneuve - St. Georges
Bonneuil-sur-Marne Parc Technologique
Sucy - Bonneuil
Boissy - St. Léger
Verneuil l'Etang
Tournan
Mormant
Nangis
Marles-en-Brie
Mortcerf
Guérard - La Celle-sur-Morin
Faremoutiers - Pommeuse
Mouroux
Coulommiers
Chailly - Boissy-le-Châtel
St. Siméon
Jouy-sur-Morin
Le Marais
La Ferté - Gaucher
Robinson
La Croix de Berny
Antony
Rungis - La Fraternelle
Pont de Rungis - Aéroport d'Orly
Villeneuve-le-Roi
Ablon
Athis-Mons
Montgeron - Crosne
Yerres
Brunoy
Vigneux-sur-Seine
Boussy - St. Antoine
Combs-la-Ville - Quincy
Lieusaint - Moissy
St. Colombe - Septveilles
Champbenoist - Poigny
Provins
Longueville
Chemin d'Antony
Massy Verrières
Longjumeau
Orly Ouest
Orly Sud
Juvisy-sur-Orge
Viry - Châtillon
Ris - Orangis
Savigny-sur-Orge
Grigny Centre
Grand-Bourg
Évry
Corbeil Essonnes
Ponthierry - Pringy
Boissise-le-Roi
Savigny-le-Temple - Nandy
Cesson
Le Mée-sur-Seine
Melun
Livry-sur-Seine
Chartrettes
Fontaine-le-Port
Héricy
Vulaines-sur-Seine - Samoreau
Champagne-sur-Seine
Vernou-sur-Seine
Vosves
Bois-le-Roi
Fontainebleau - Avon
Thomery
St. Fargeau
Moulin Galant
Chilly - Mazarin
Gravigny - Balizy
Petit Veaux
Ste.-Geneviève-des-Bois
Épinay-sur-Orge
Orangis - Bois de l'Épine
Brétigny
St.-Michel-sur-Orge
Évry - Courcouronnes
Le Bras-de-Fer
Marolles-en-Hurepoix
Arpajon
Ile - St. Germain-lès-Arpajon
Tribunaux
Auber
Gare du Nord
Châtelet - Les Halles
Gare de Lyon
Nation
Vincennes
Bercy
Gare d'Austerlitz
Gare Montparnasse
Invalides
Musée d'Orsay
Champ de Mars - Tour Eiffel
Luxembourg
Port Royal
Denfert Rochereau
Cité Universitaire
Porte de Vanves
Vanves Malakoff
Gentilly
Laplace
Arcueil - Cachan
Bagneux
Sceaux
Bourg-la-Reine
Parc de Sceaux
Robinson
La Croix de Berny
Antony
Chemin d'Antony
Massy Verrières
Longjumeau
Orly Ouest
Orly Sud
Rungis - La Fraternelle
Pont de Rungis - Aéroport d'Orly
Choisy-le-Roi
Les Saules
Orly Ville
Villeneuve-le-Roi
Ablon
Athis-Mons
Villeneuve - St. Georges
Villeneuve - Triage
Les Ardoines
Vitry-sur-Seine
Ivry-sur-Seine
Maisons-Alfort - Alfortville
Joinville-le-Pont
Nogent sur Marne
Fontenay-sous-Bois
Le Vert de Maisons
Villeneuve - Prairie
Valenton
Le Parc de St. Maur
La Varenne - Chennevières
Champigny - St. Maur
Champigny - Av. Marx
Le Plant - Champigny
Les Boullereaux - Champigny
Bry-sur-Marne - Grande Ceinture
Nogent - Le Perreux
Neuilly-Plaisance
Val de Fontenay
Lognes
Noisy Champs
Noisiel
Torcy
Bussy - St. Georges
Marne-la-Vallée - Chessy
Serris - Montévrain
Bry-sur-Marne
Noisy-le-Grand - Mont d'Est
Neuilly-sur-Marne
Villemomble
Rosny-Bois-Perrier
Rosny-sous-Bois
La Maltournée
Bondy
Pont de Bondy
Bobigny
Bobigny - Hôpital
Le Raincy - Villemomble - Montfermeil
Gagny
Le Chénay - Gagny
Vaires - Torcy
Chelles - Gournay
Les Champs-Forts
Montry - Condé
Couilly - St. Germain Quincy
Villiers - Montbarbin
Crécy-en-Brie - La Chapelle
Meaux
Esby
Lagny - Thorigny
Trilport
Changis - St. Jean
Nanteuil - Saacy
La Ferté-sous-Jouarre
Château-Thierry
Isles - Armentières - Congis
Crouy-sur-Ourcq
La Ferté-Milon
Compans
Thieux - Nantouillet
Dammartin - Juilly - St. Mard
Aéroport Charles de Gaulle 2 - TGV
Aéroport Charles de Gaulle 1
Parc des Expositions
Villepinte
Sevran - Beaudottes
Sevran - Livry
Vert-Galant
Villeparisis - Mitry-le-Neuf
Mitry - Claye
Aulnay-sous-Bois
Blanc-Mesnil
Drancy
Freinville - Sevran
L'Abbaye
Gargan
Les Pavillons-sous-Bois
Allée de la Tour - Rendez-Vous
Les Coquetiers
Le Bourget
La Courneuve - Dugny
Stains
Épinay - Grande Ceinture
Épinay - Les Écondeaux
Pierrefitte - Stains
Garges - Sarcelles
Deuil - Montmagny
La Barre - Ormesson
Villiers-le-Bel - Gonesse - Arnouville
Goussainville
Les Noues
Louvres
Survilliers - Fosses
Orry-la-Ville - Coye
Chantilly
Luzarches
Villaines
Viarmes
Seugy
Belloy - St. Martin
Précy-sur-Oise
Bruyères-sur-Oise
Persan - Beaumont
Nointel - Mours
Dormont
Groslay
Les Grésillons
St. Ouen
Stade de France - St. Denis
La Courneuve - Aubervilliers
La Plaine - Stade de France
Porte de Clichy
Gare du Nord
Pont Cardinet
Haussmann - St. Lazare
Evangile
Pantin
Noisy-le-Sec
Magenta
Châtelet - Les Halles
Nation
Gaulle - Auber
Invalides
St. Michel - Notre Dame
Gare de Lyon
Vincennes
Bercy
Gare d'Austerlitz
Gare Montparnasse
Musée d'Orsay
Champ de Mars - Tour Eiffel
Luxembourg
Port Royal
Bd. Massena

Página 78/79
Imagem 104
Imagem de referências visuais:
habitar a rua

Página 82/83
Imagem 105
Imagem de referências visuais:
ligações

Apesar do seu caracter fenomenológico, o dispositivo de distribuição percorre ambientes diversificados tipologicamente na relação interior/exterior que vai estabelecendo, transformando esta rede de conexões numa metamorfose tipológica. Cumprindo função de comunicação vertical, de passagem, de praça, adquirindo formatos diferentes. As passagens vão-se transformando, criando vistas filtradas, onde zonas com parapeitos que possibilitam visibilidade plena sobre os espaços atravessados, fecham-se na totalidade, adquirindo a forma de túneis, protegendo alas mais privadas ou, em zonas específicas, o utilizador de intempéries. Noutros pontos deste espaço condutor, as passagens ou túneis simplificam-se tornando-se em plataformas térreas que marcam zonas, como praças. Deste modo, a exploração compositiva e noções de metamorfose do dispositivo vão decorrendo ao longo dos múltiplos espaços atravessados.

Conduzindo o sujeito ao longo de todo o *cluster*, esta estrutura vai passando pelos variados ambientes e os seus usos, decompondo-se e compondo-se em tempos e em espaços diferentes. Uma linha condutora que coze os numerosos volumes arquitetónicos, da qual o visitante vai tendo alternativas de percurso, proporcionando-se diferentes experiências, através de bifurcações das passagens, de escadas que permitem sair do percurso conduzido, ou aceder a outros níveis. Uma rede circulatória que estabelece fortes laços com o conceito original de rua: a rua habitada.

Com esses percursos incontáveis, propõem-se a expansão do conceito "andar" no projeto. Tido como uma ação que é simultaneamente leitura e conceção do espaço. Os percursos foram delineados, alguns consequentes a outros, com finalidade funcional e sensorial, através de mecanismos de perceção com várias gradações e intensidades, sendo mais ao menos planeados ao longo do território atravessando diferentes escalas e ambientes. Procuramos a simbiose entre percursos sequenciais de espaços, ordenados, com acontecimento e enquadramentos visuais, e a deriva intuitiva, sensorial e orgânica, onde o evento e a surpresa são uma constante.
Pois, para além de uma arquitetura sedimentada, existe a possibilidade de um território performativo e fluido. Em percursos exploratórios, pretendemos que os movimentos articulados deem visibilidade a lugares que se constroem em ações performativas valorizando a escala do corpo no objeto de estudo.

É precisamente por essas características ambivalentes que a rede circulatória e os seus espaços permitem aos indivíduos diferentes estados exploratórios. No entanto, as fissuras criadas nos espaços contínuos e lineares geram ambientes experimentais ideais para indivíduos despertos para tudo o que os rodeia, tal como o *flâneur* que vagueia num percurso sem rumo certo. É através desse andar errante que se vão percecionando os espaços ocultos dos espaços das cidades, considera Francesco Careri.

Deste modo, não é encontrado um percurso evidente, contudo, sugestões ao longo de todo o recinto, com desvios e atalhos.

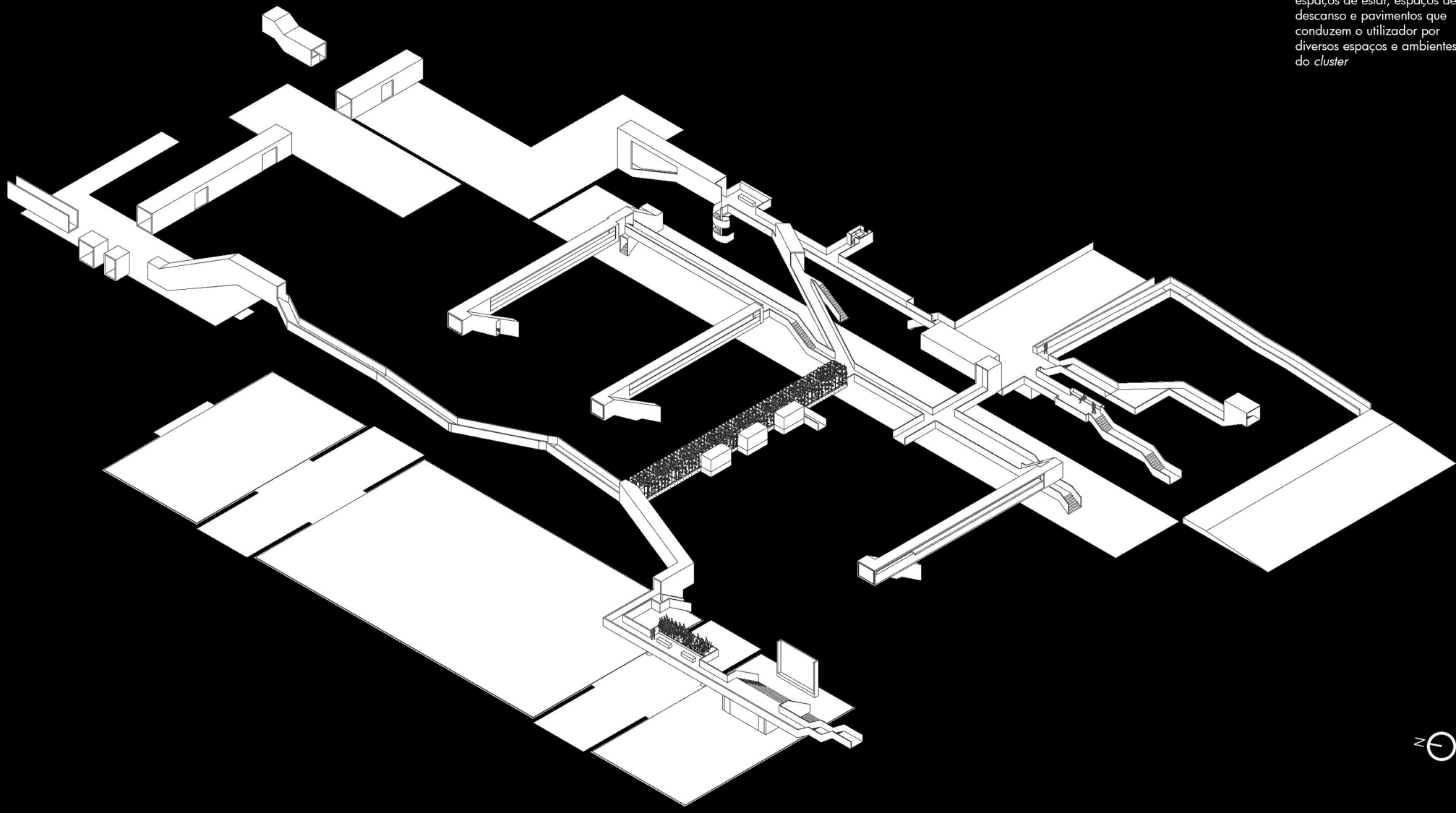
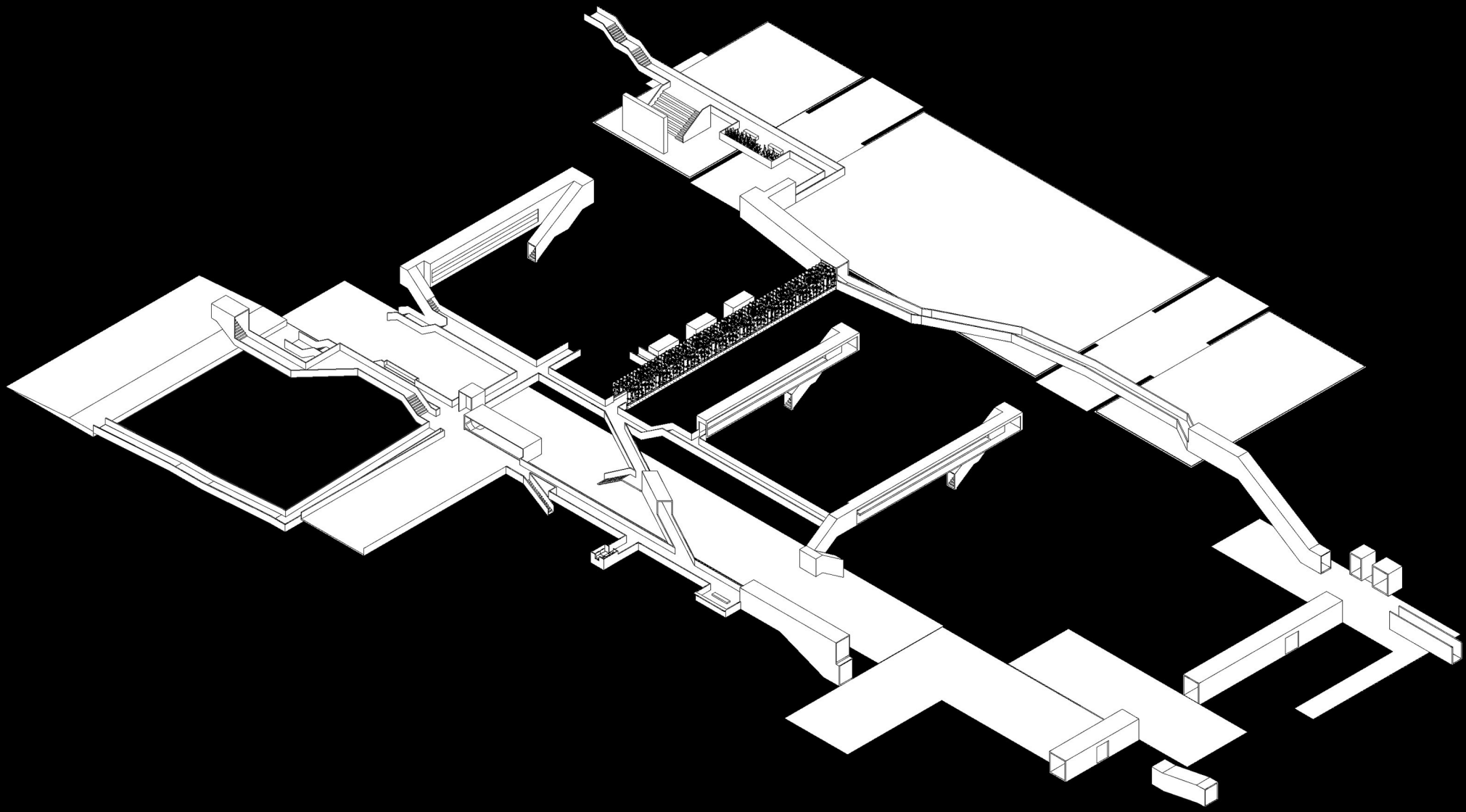


Imagem 106/107
Axonometrias do dispositivo de distribuição e conexão que dele faz parte volumes a diferentes cotas e de diferentes materiais e diferentes tipologias de espaço:
passarelas aréas, túneis, espaços de estar, espaços de descanso e pavimentos que conduzem o utilizador por diversos espaços e ambientes do *cluster*



O sistema construtivo tipo desta rede de circulação é composta por uma estrutura metálica com perfis laminados, chapa em aço termolacado a preto mate como revestimento, e com um pavimento em gradil.

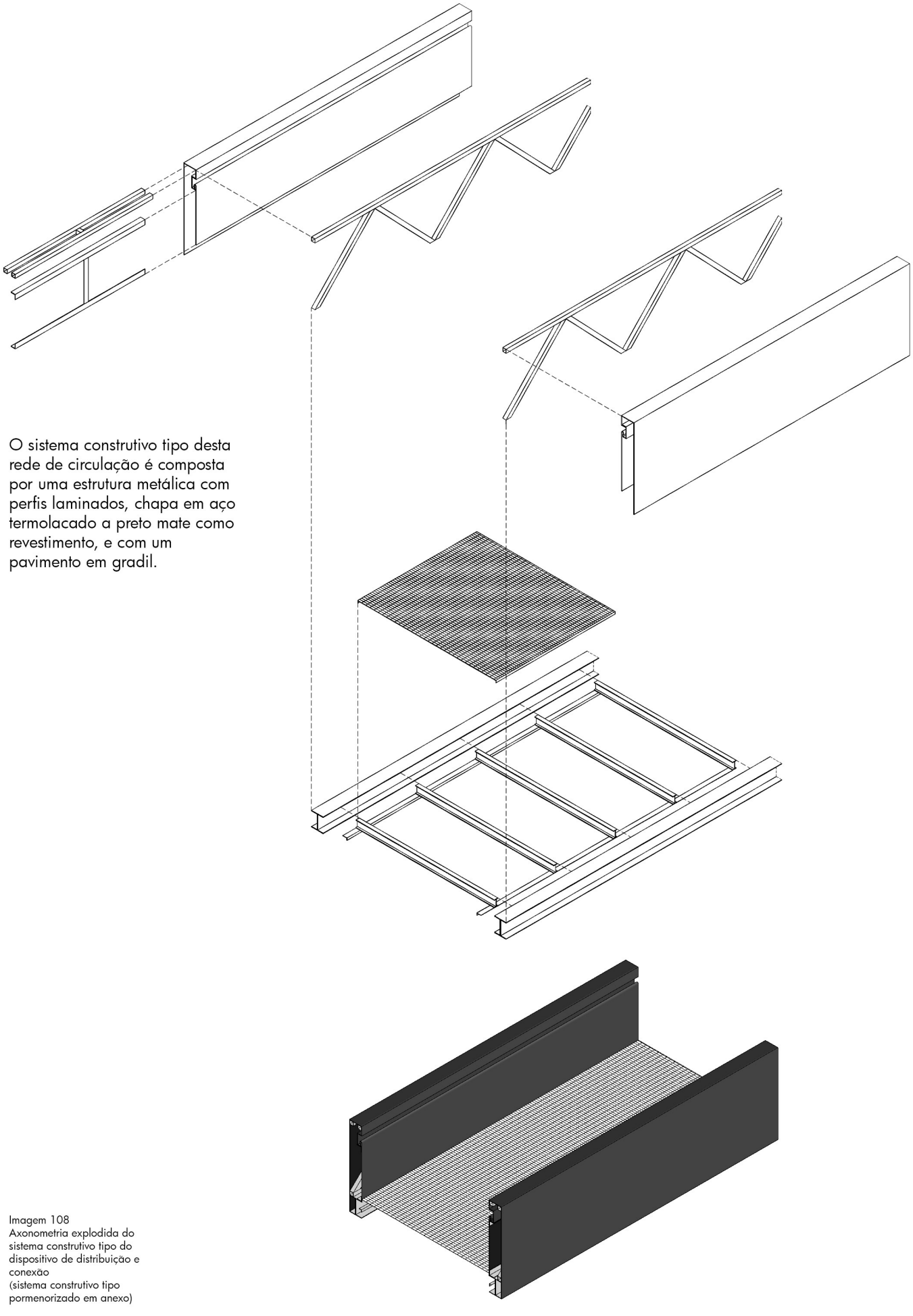
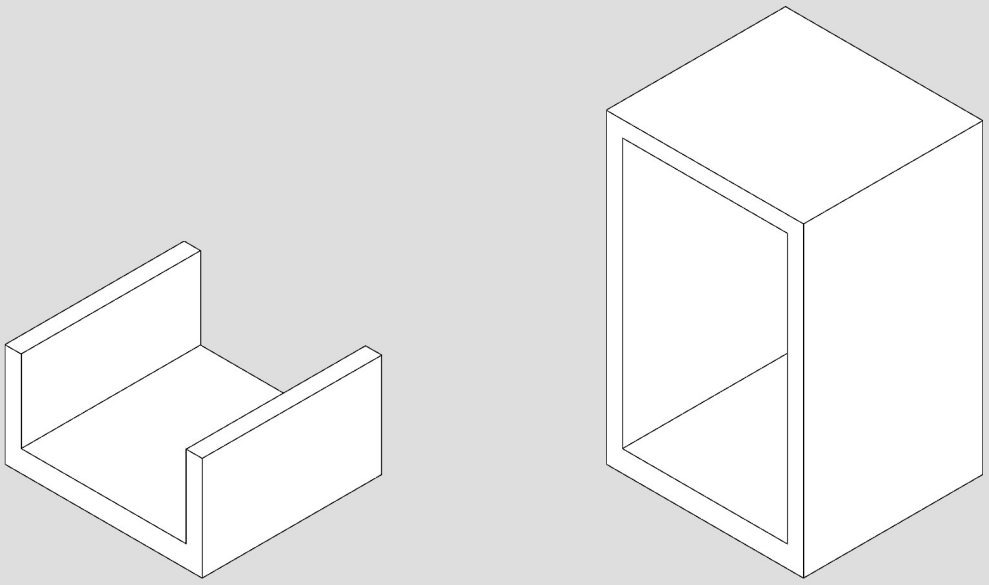
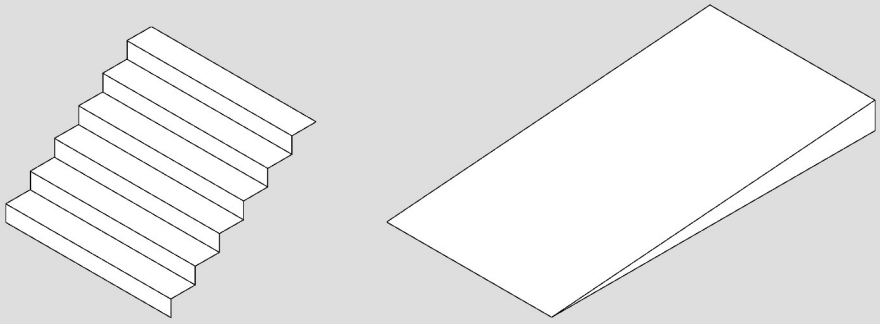


Imagem 108
Axonometria explodida do sistema construtivo tipo do dispositivo de distribuição e conexão
(sistema construtivo tipo pormenorizado em anexo)



PASSARELA + TÚNEL



ESCADA + RAMPA

Imagem 109
Axonometrias das diferentes tipologias e acessos do dispositivo de distribuição e conexão

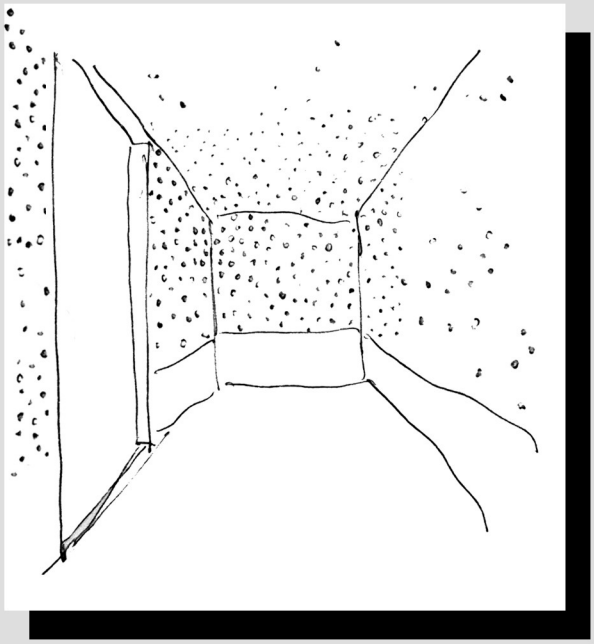
O dispositivo de distribuição e conexão é composto por duas tipologias de corredores: a passarela e o túnel.
As passarelas situam-se sempre a cotas elevadas do solo apoiando-se através de estruturas metálicas à preexistência. Também os túneis, quando suspensos, apoiam-se no mesmo tipo de solução. No entanto, os túneis também se encontram no nível térreo, sendo então autoportantes.

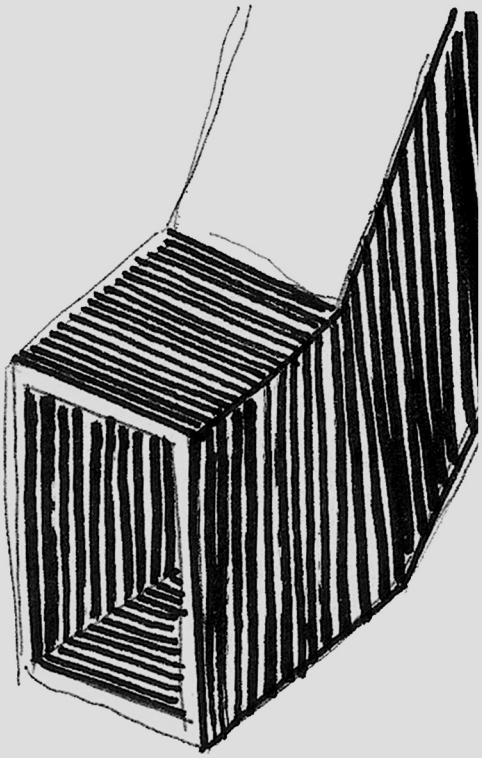
De modo a aceder às diferentes cotas criadas, a estrutura pontuada de vários acessos verticais.

De um modo geral a estrutura do dispositivo de distribuição e conexão é feito de elementos tipo que se repetem, quer na sua tipologia, quer na sua construção e modo de sustentação. Contudo, existem algumas variáveis e exceções.

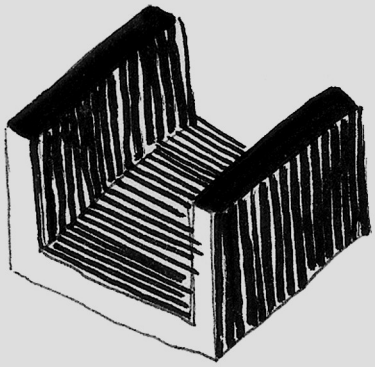
Imagem 110
Esquissos do percurso



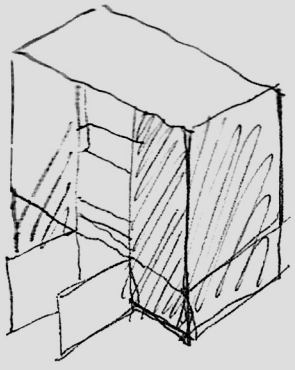


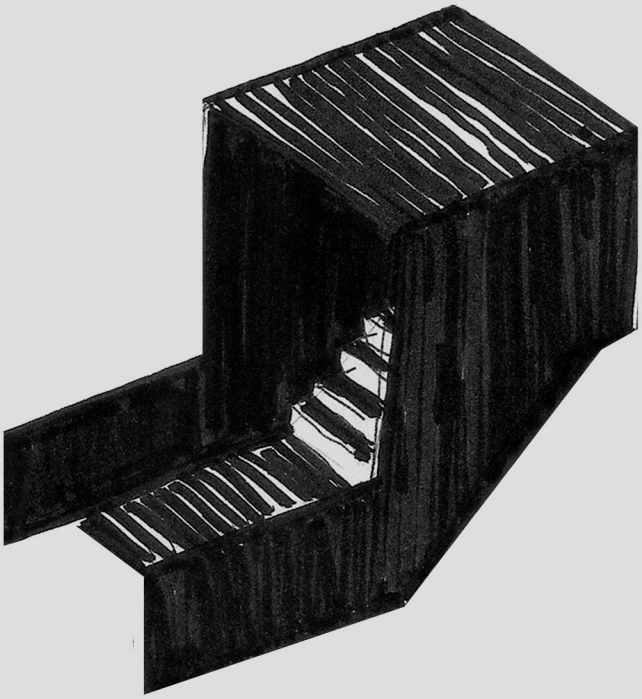


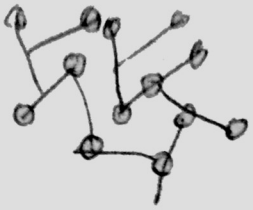


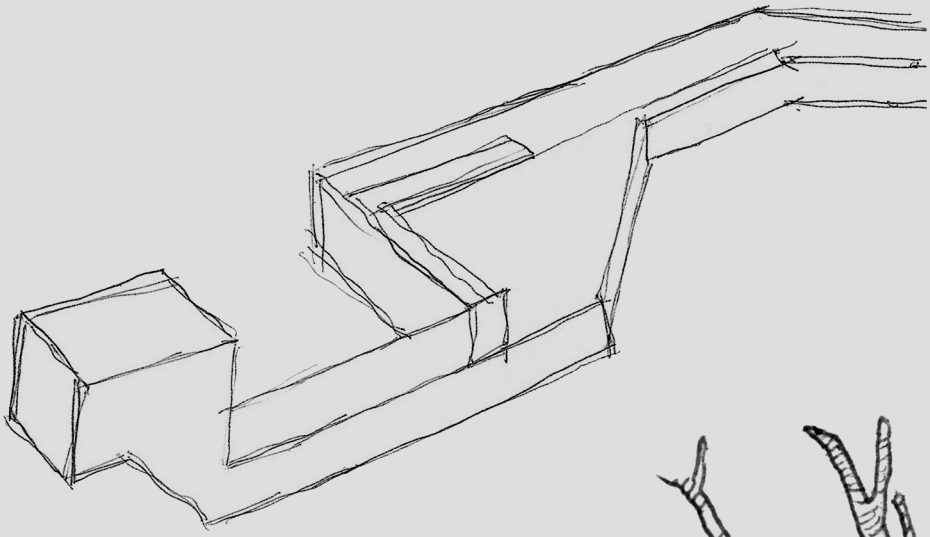


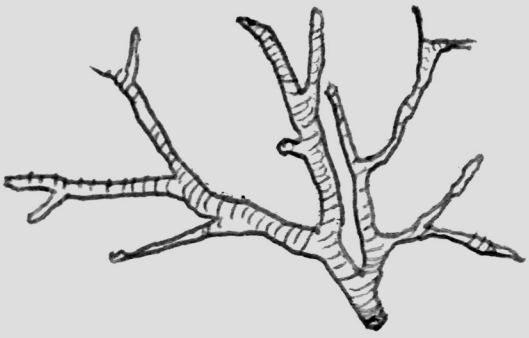


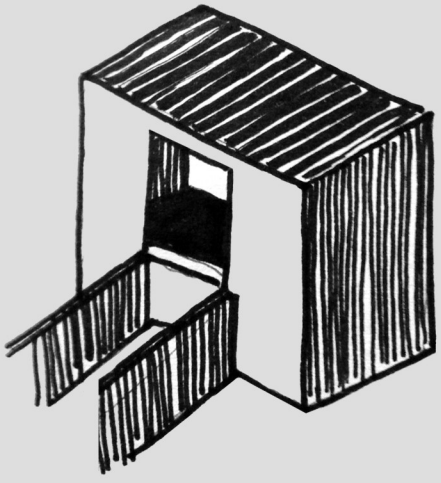


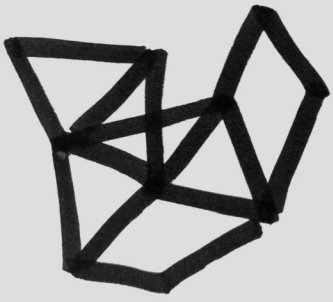


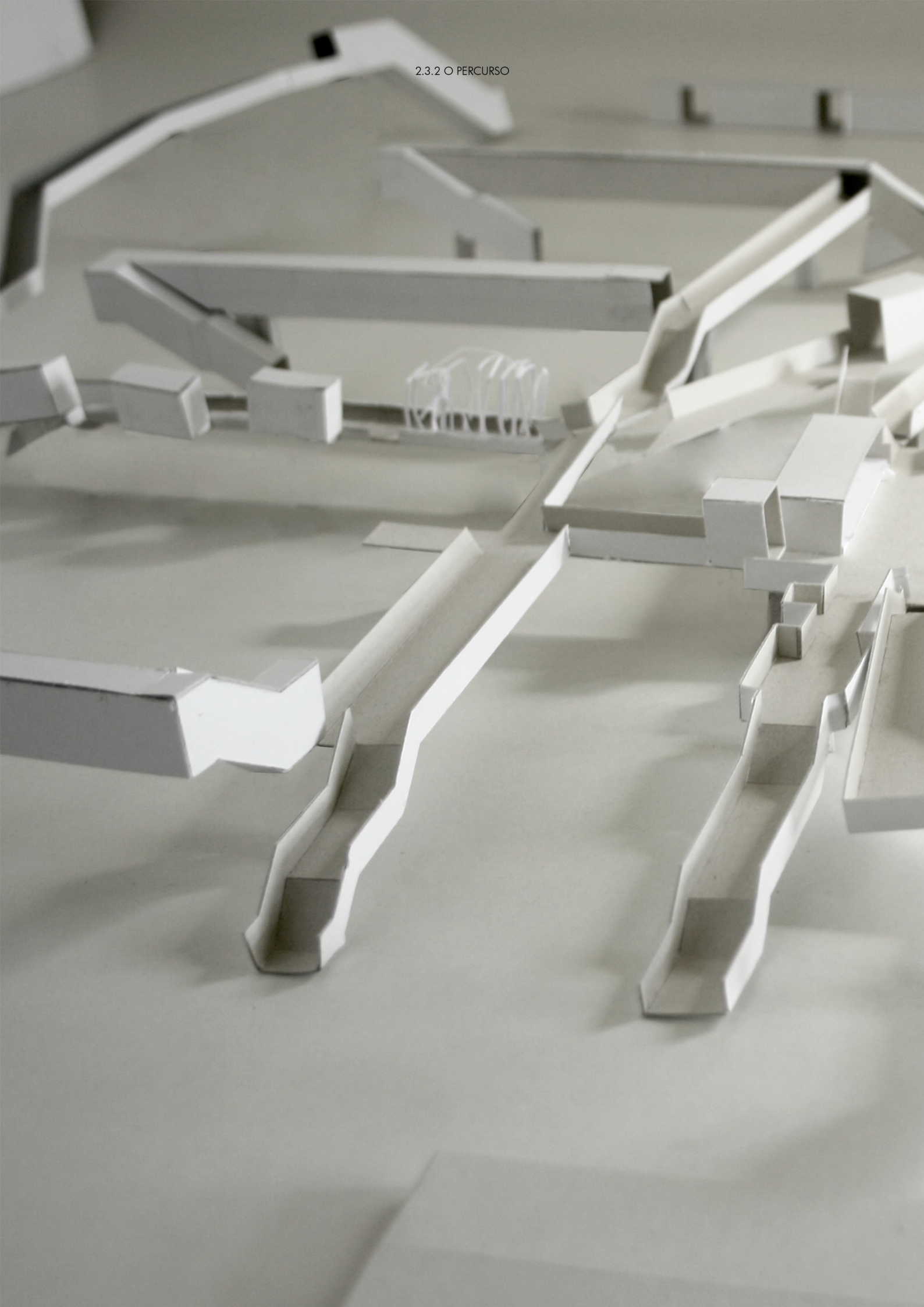


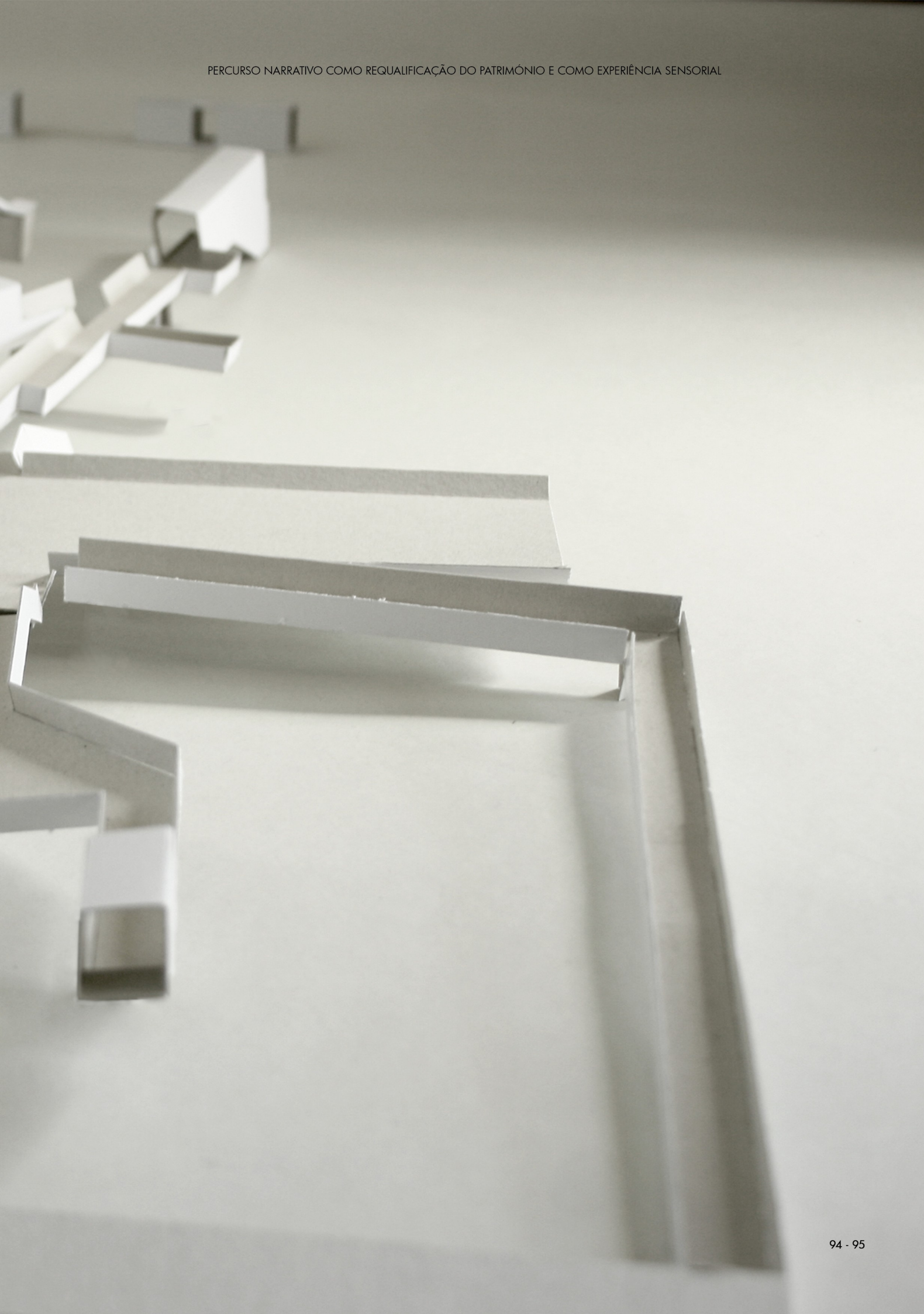


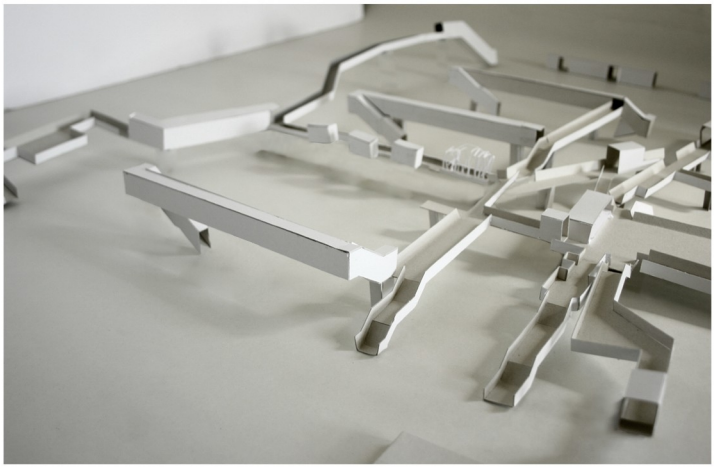






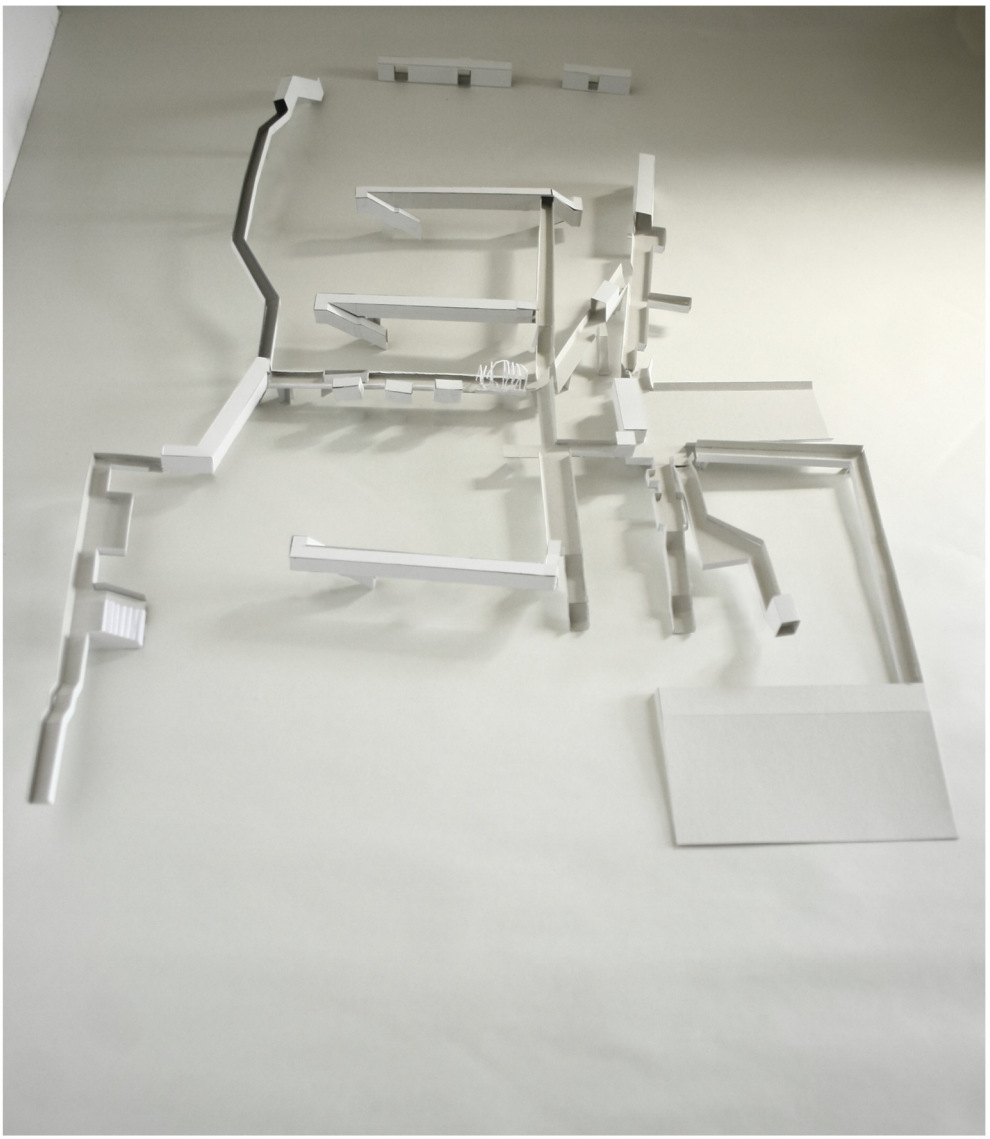


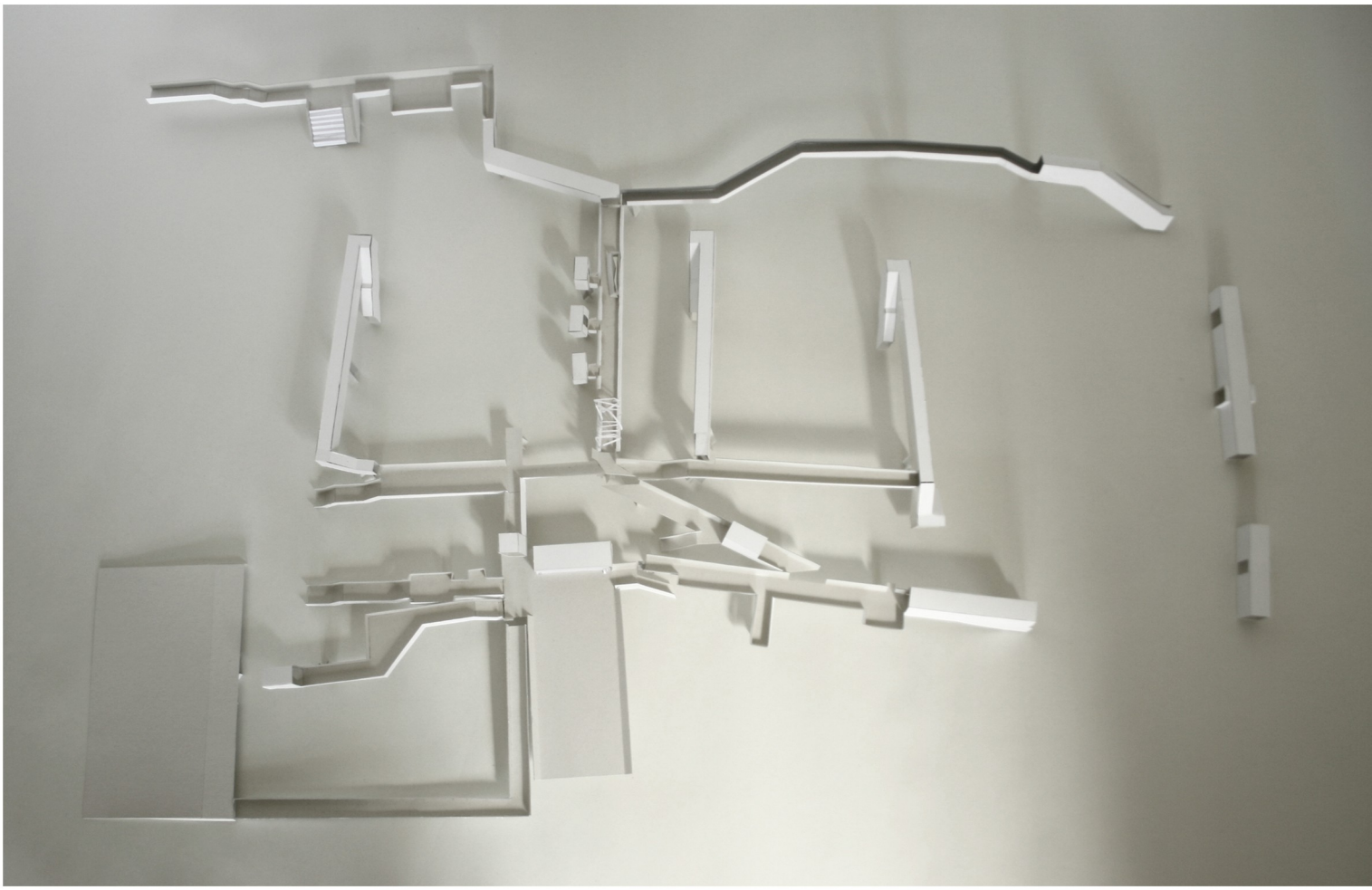


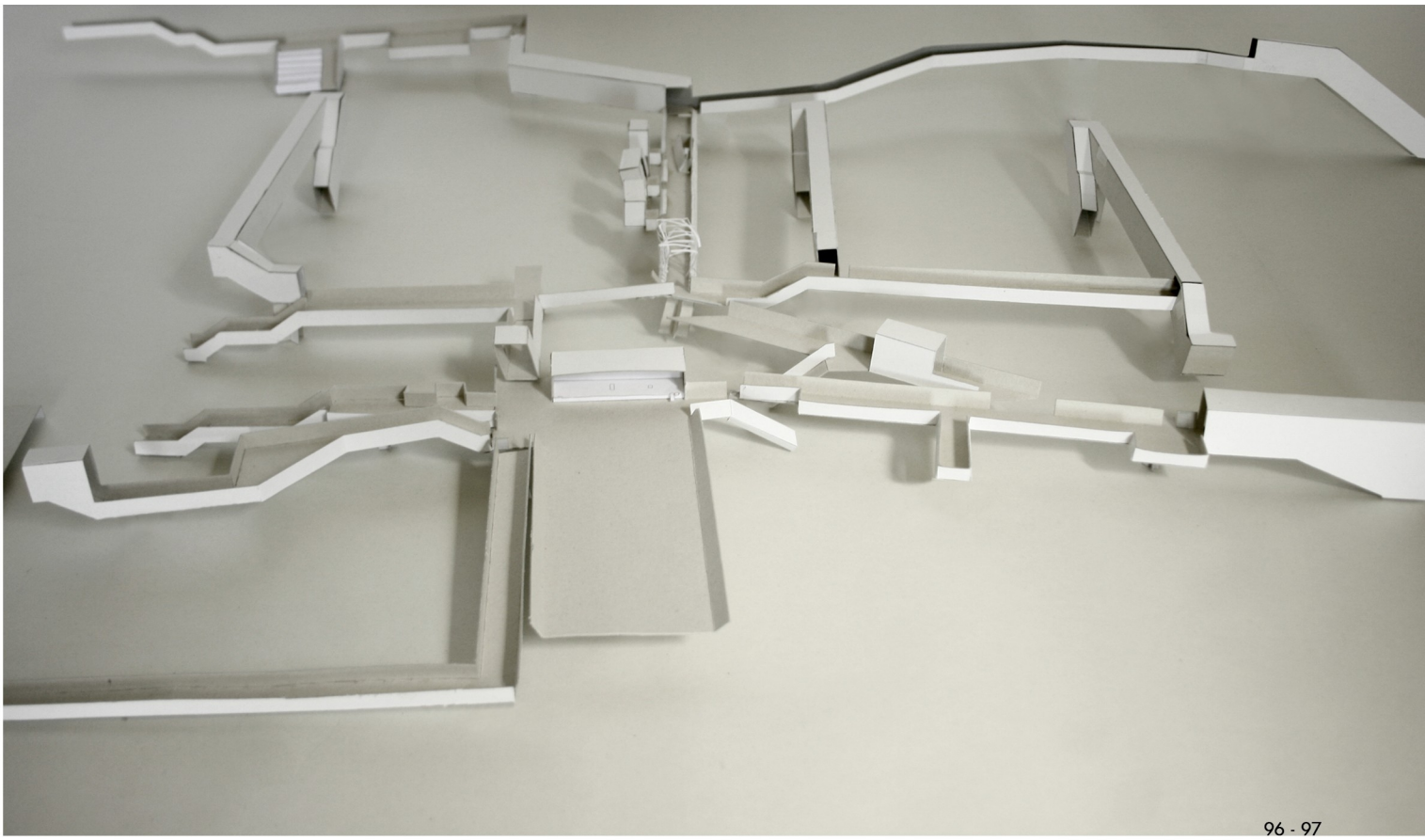


Página 92/93
Imagem 111
Maquete de estudo em cartão bristol

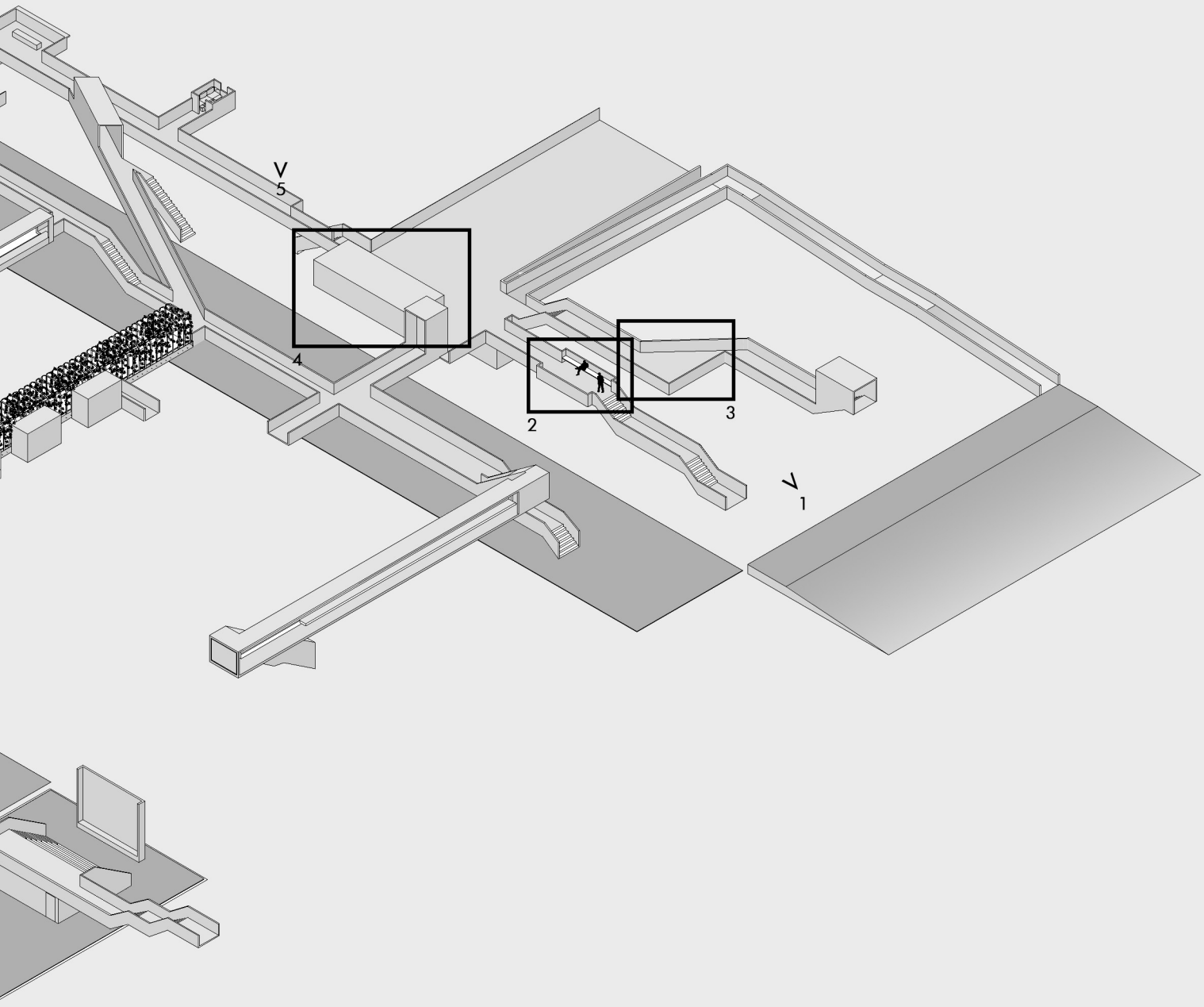
Aqui e página 95
Imagem 112/113/114/115
Maquete de estudo em cartão bristol

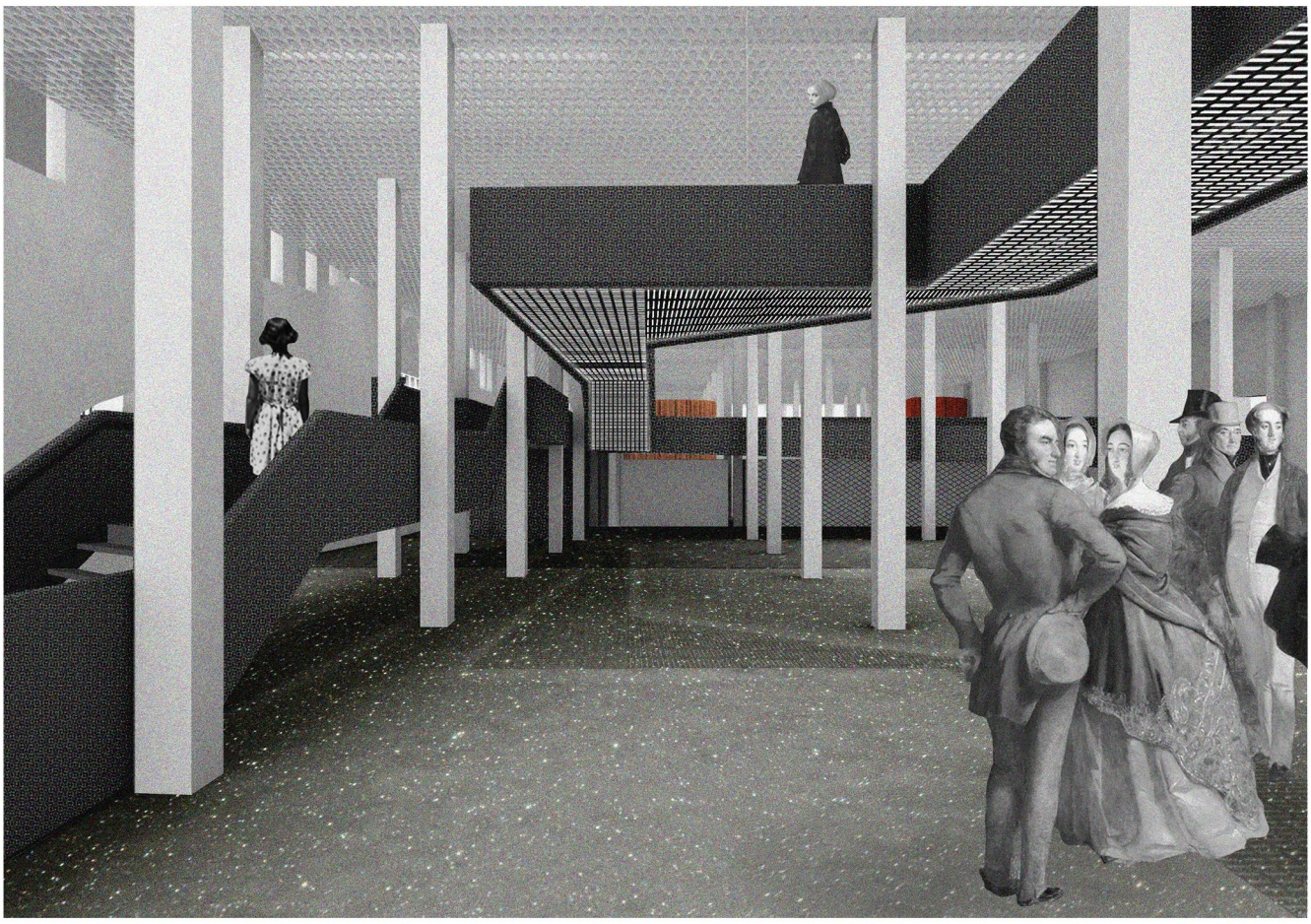






Apesar, como já referido, não definir um trajeto exato, porque este não existe, para ilustrar aquilo que pode ser uma narrativa neste *cluster*, vamos descrever um percurso possível. Um percurso por alguns dos variados ambientes e acontecimentos.

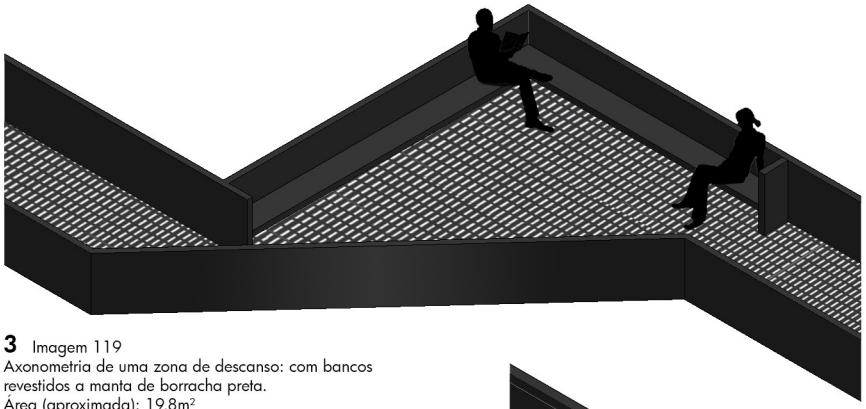




1 Imagem 117
Fotomontagem da entrada do Corpo 1

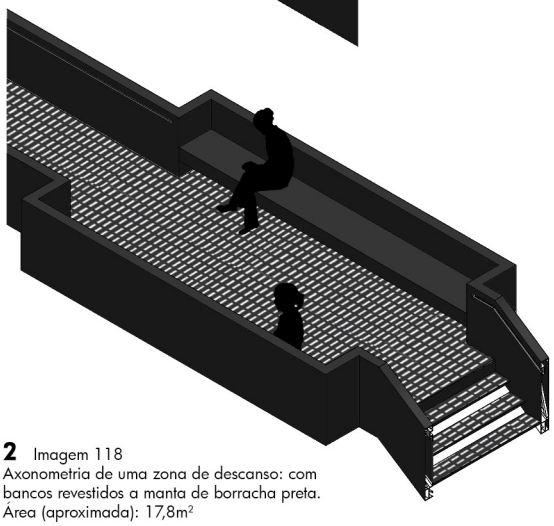
No interior do edifício do coworking, Corpo , é criado o acesso ao piso superior do coworking através de um acesso vertical no condutor do espaço. Elevado e suspenso, inicia um percurso pontuado de derivações e por recantos de estar e sentar, assim como pequenas praças interiores (...)

Página 96
Imagem 116
Axonometria parcial do dispositivo de distribuição e conexão

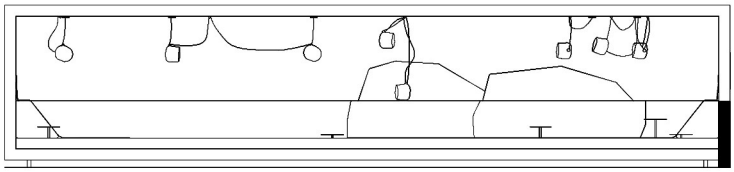


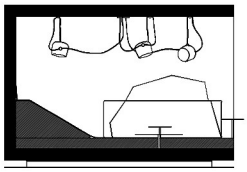
3 Imagem 119
Axonometria de uma zona de descanso: com bancos revestidos a manta de borracha preta.
Área (aproximada): 19,8m²

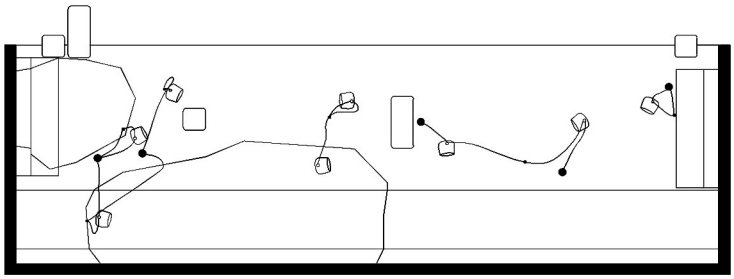
São encontrados pequenos parênteses espaciais que o utilizador vai cruzando de forma inesperada, para que possa habitar esses lugares de conforto e bem-estar.



2 Imagem 118
Axonometria de uma zona de descanso: com bancos revestidos a manta de borracha preta.
Área (aproximada): 17,8m²





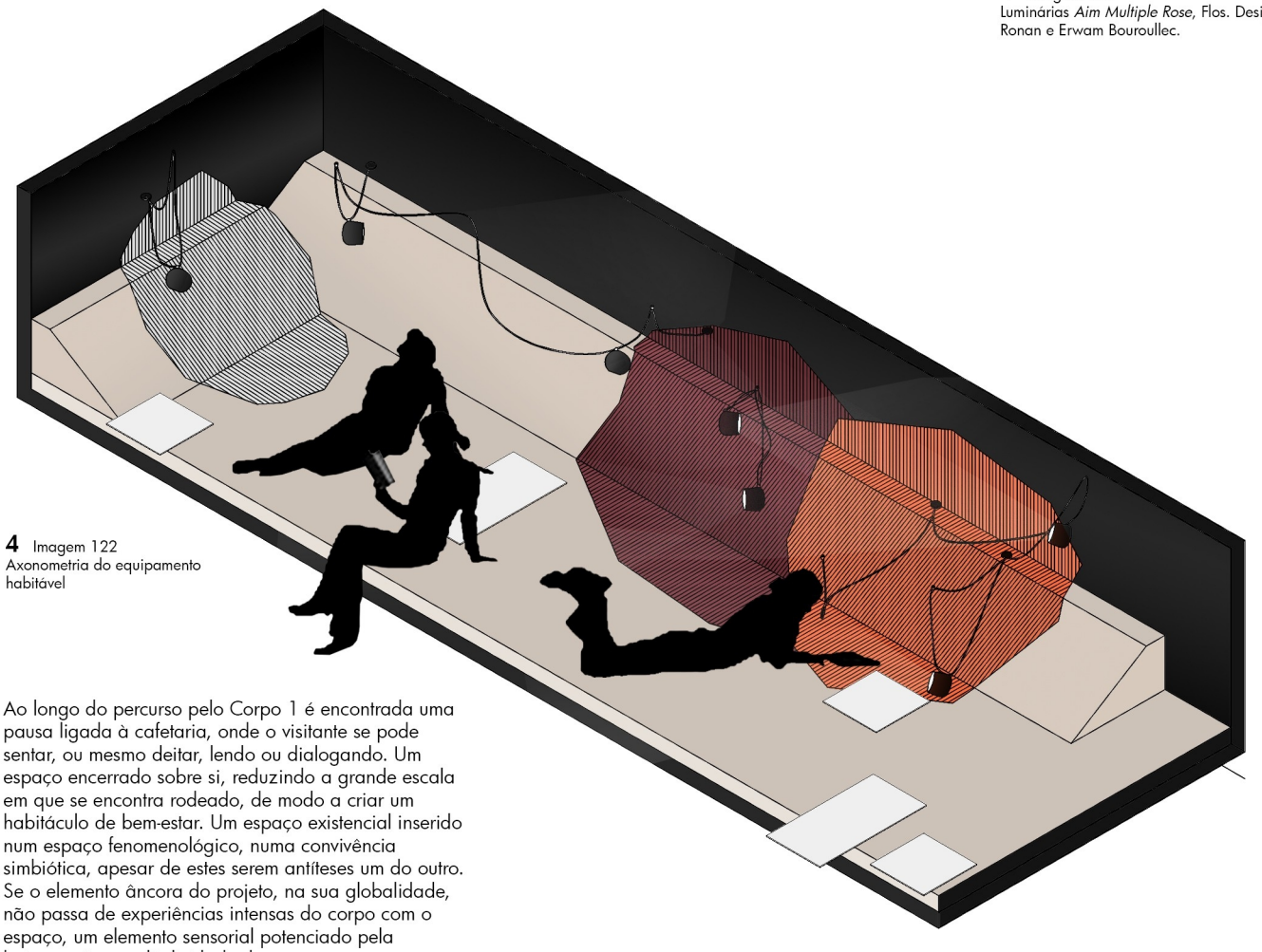


4 Imagem 120
Equipamento habitável criando um espaço de estar e conforto: com assentos e encostos em espuma, mantas texteis, e mesas pontuais fixas de metal termolacado mate. Luminárias pontuais e suspensas *Aim Multiple Rose*, Flos.

Vista frontal, corte lateral e planta
Área (aproximada): 30,5 m²
Escala 1:100

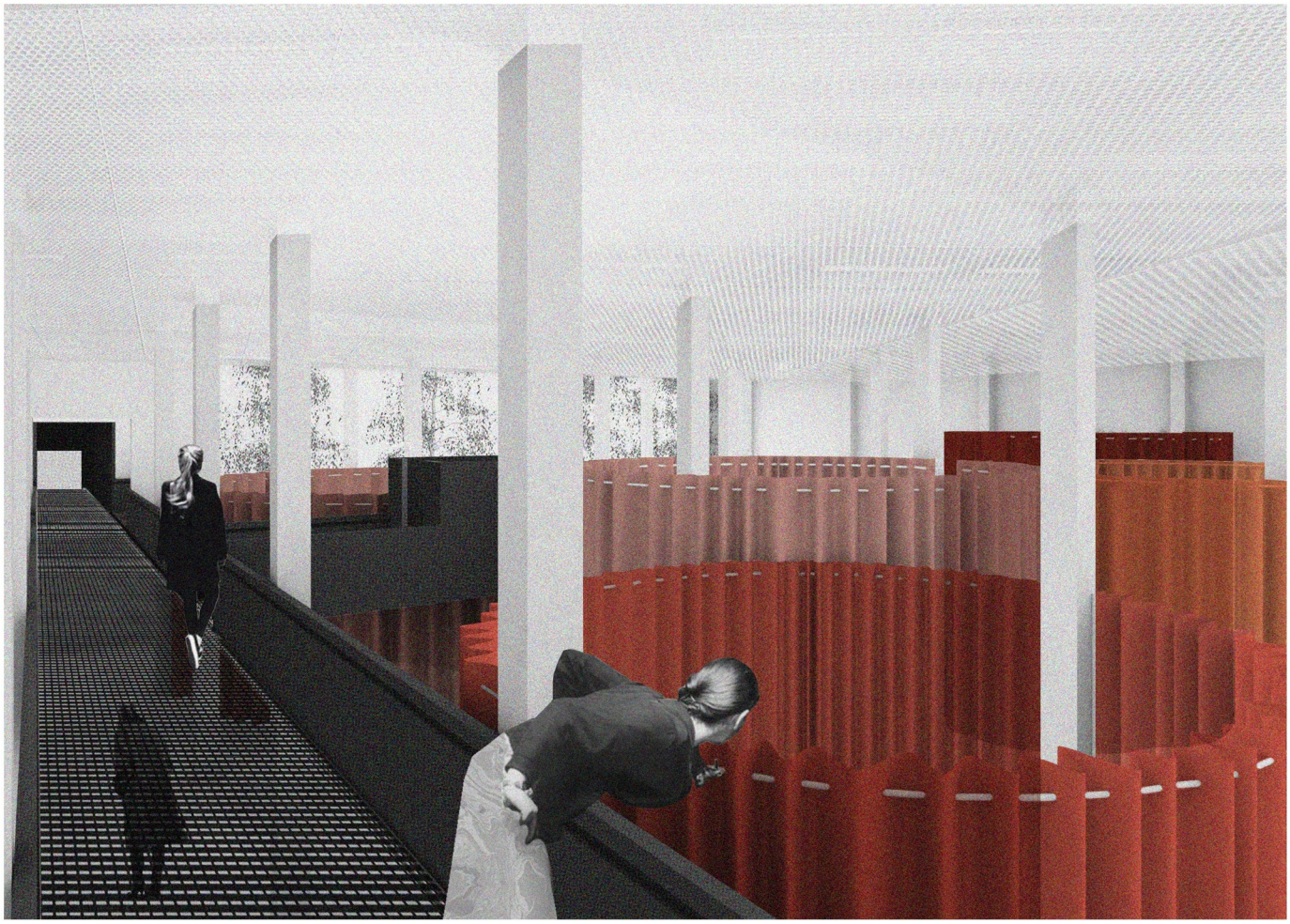


4 Imagem 121
Luminárias *Aim Multiple Rose*, Flos. Designers Ronan e Erwam Bouroullec.

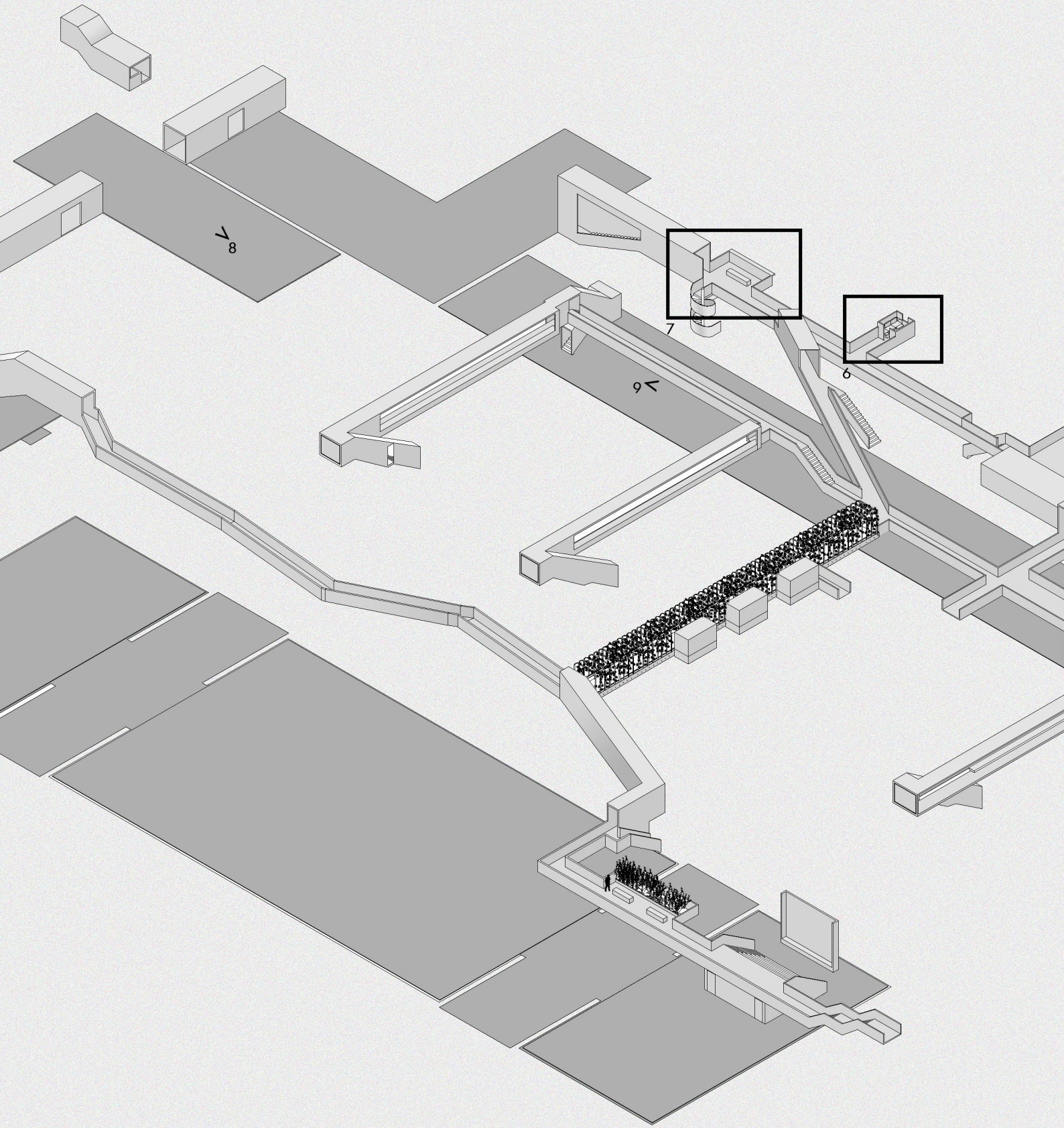


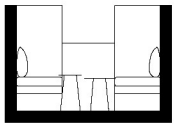
4 Imagem 122
Axonometria do equipamento habitável

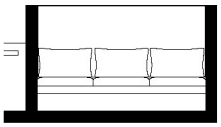
Ao longo do percurso pelo Corpo 1 é encontrada uma pausa ligada à cafetaria, onde o visitante se pode sentar, ou mesmo deitar, lendo ou dialogando. Um espaço encerrado sobre si, reduzindo a grande escala em que se encontra rodeado, de modo a criar um habitáculo de bem-estar. Um espaço existencial inserido num espaço fenomenológico, numa convivência simbiótica, apesar de estes serem antíteses um do outro. Se o elemento âncora do projeto, na sua globalidade, não passa de experiências intensas do corpo com o espaço, um elemento sensorial potenciado pela heterogenia e multiplicidade de espaços; nos seus pequenos recantos, espaços particularmente existencialistas, são criados ambientes de estar, quer em grupo quer de modo individual, e de bem-estar. O bem-estar, segundo Bachelard, devolve-nos à primitividade do refúgio, "Na felicidade física, o ser gosta de recolher-se ao seu canto" (Bachelard, 1989, p.104). Deste modo, a noção de conforto anda a par da noção de refúgio e segurança, que para Bachelard materializa-se na figura do ninho de pássaro, enquanto que para Heidegger, o lugar protetor é materializado na figura da cabana.

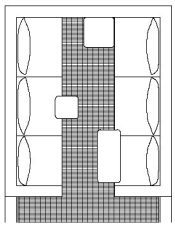


5 Imagem 123
Fotomontagem sobre os espaços de trabalho do coworking: vista apartir da estrutura distributiva.


8
7
6
9

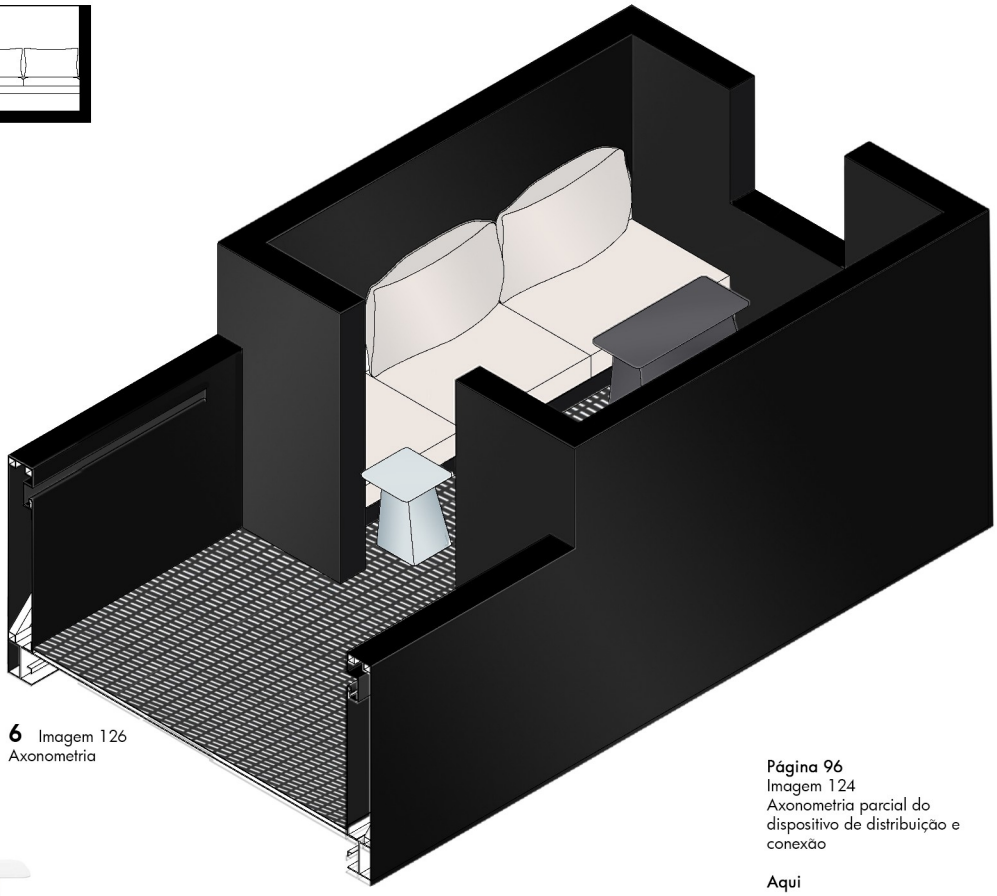






6 Imagem 125
Espaço de reuniões informais: com encostos e assentos almofadados e estofado com texteis, e mesas metálicas.

Corte transversal, corte longitudinal, planta
Área (aproximada): 12,1 m²
Escala 1:100



6 Imagem 126
Axonometria

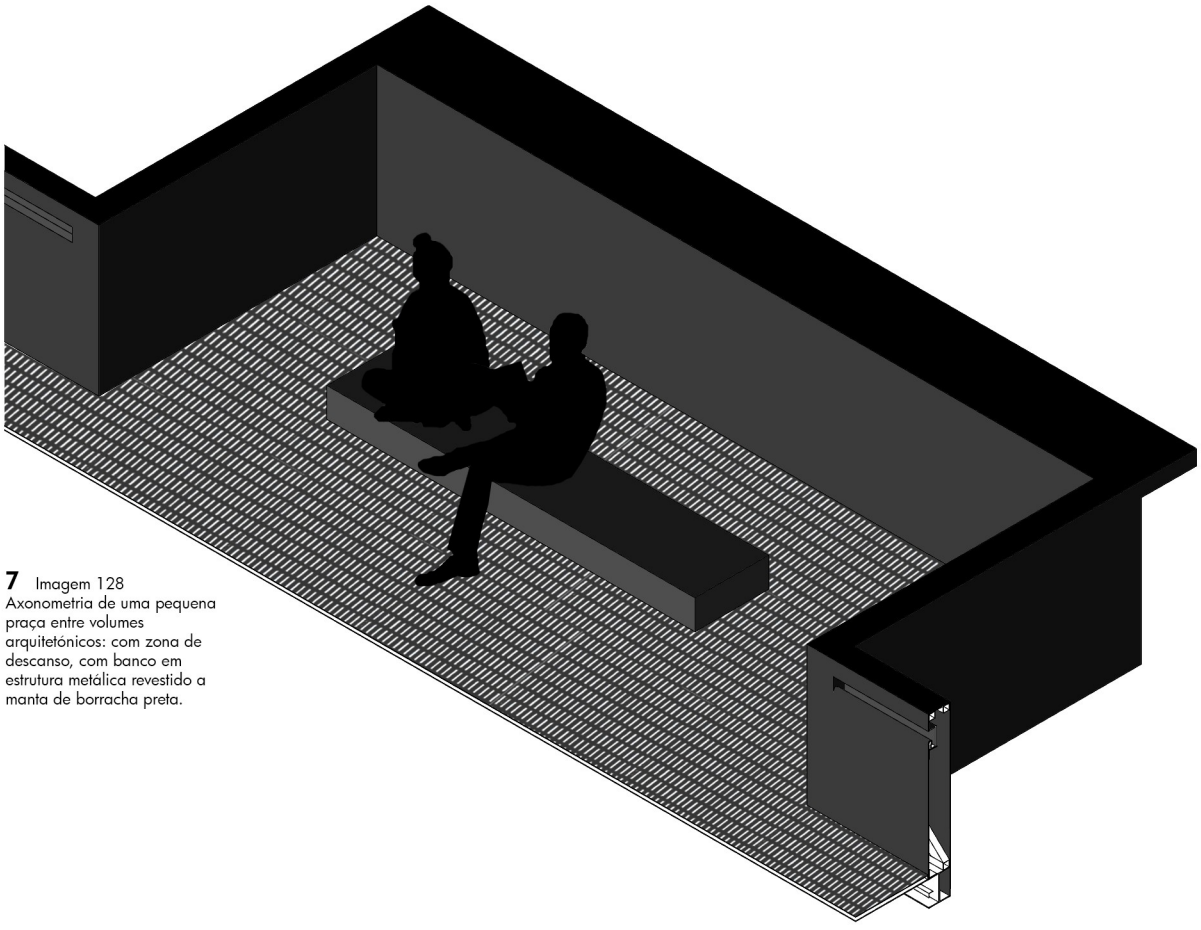


6 Imagem 127
Metal Side Table, Vitra

Página 96
Imagem 124
Axonometria parcial do dispositivo de distribuição e conexão

Aqui

8 Imagem 129
Fotomontagem do jardim entre o Corpo 5, do teatro, e o Corpo 6, a galeria

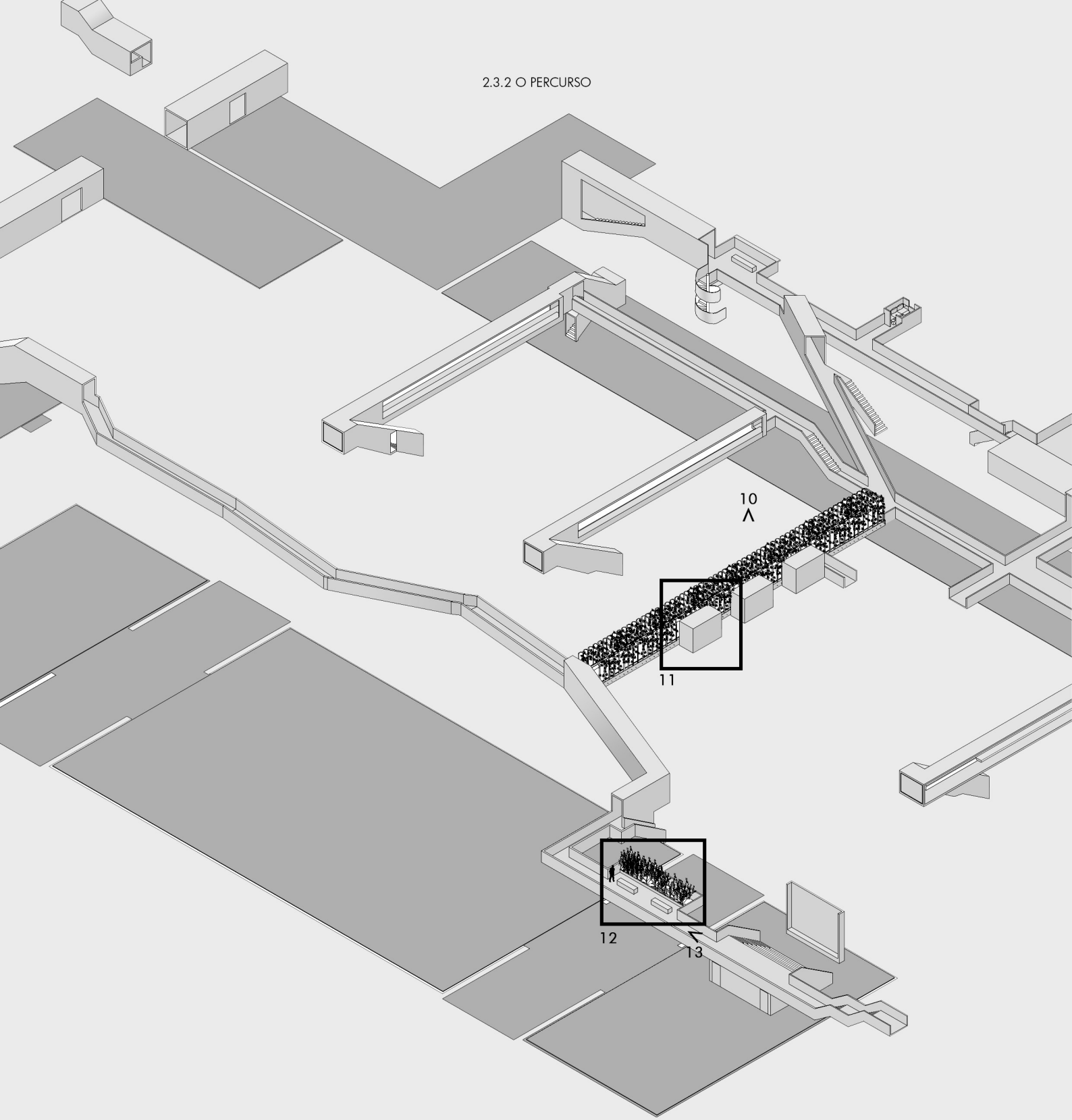


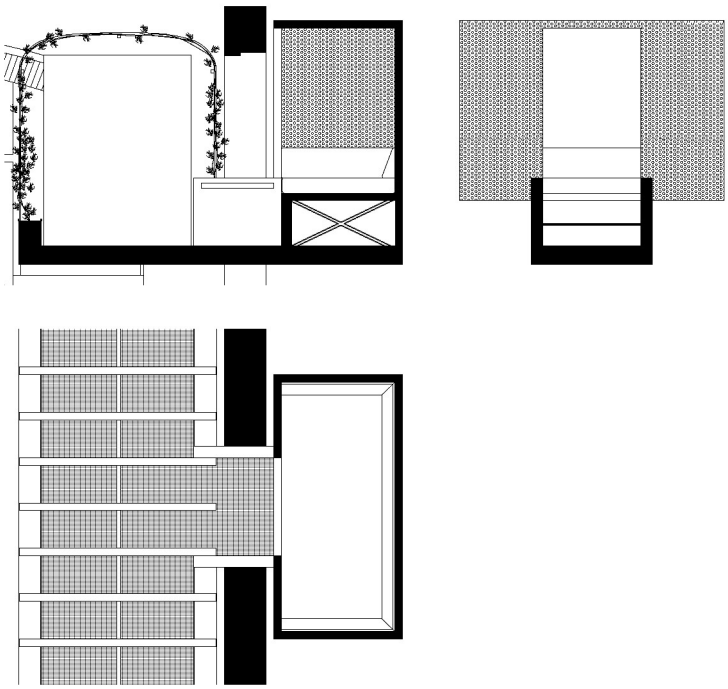
7 Imagem 128
Axonometria de uma pequena praça entre volumes arquitetónicos: com zona de descanso, com banco em estrutura metálica revestido a manta de borracha preta.





9 Imagem 130
Fotomontagem do corredor central, entre o Corpo 1 e Corpo 3


10
11
12
13

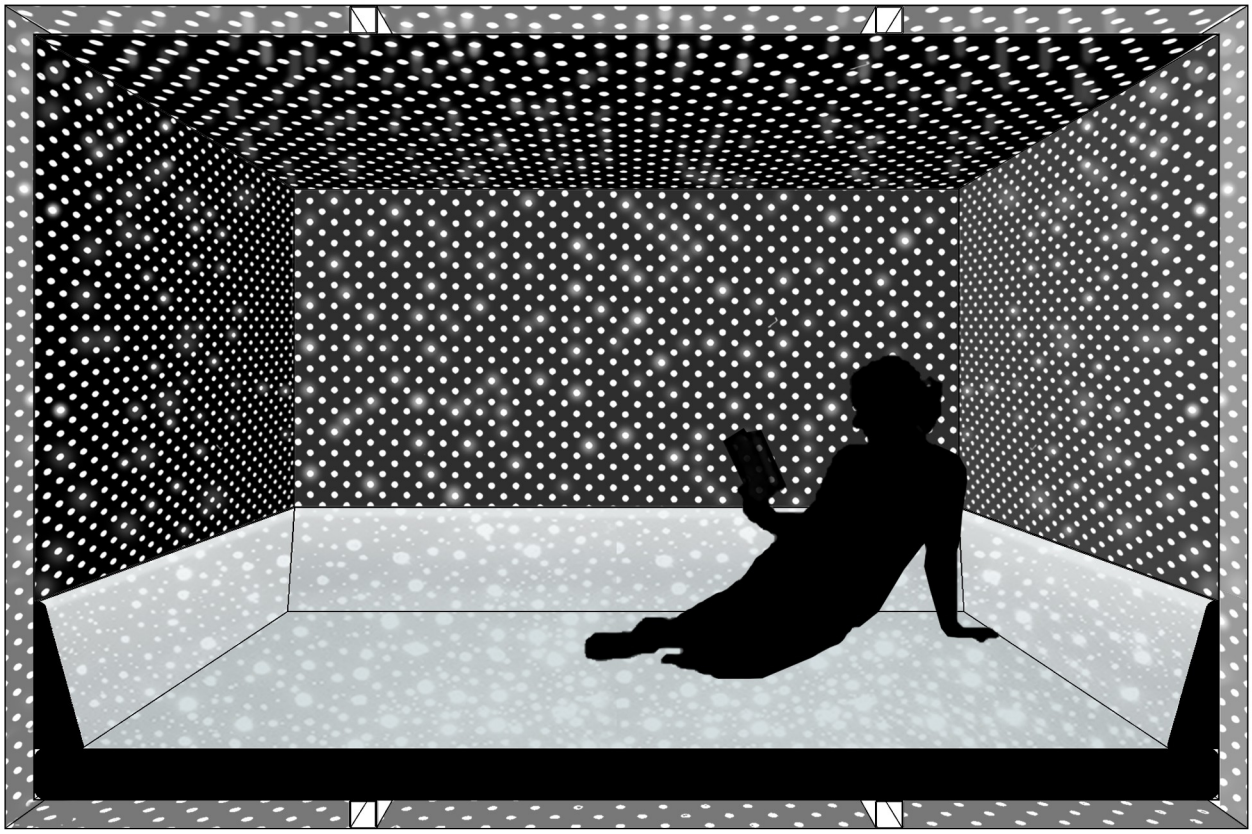


11 Imagem 133
Espaço associado à biblioteca, espaço de resguardo, local de descanso, de leitura, um habitáculo de conforto. Executado em chapa metálica perfurada termolacada a preto mate, e colchão e encostos em espuma. Luminárias pontuais em LED.

Corte transversal, vista frontal, planta
Área (aproximada): 5,9 m^2
Escala 1:100

Na passagem pela latada, pontualmente vão havendo pequenas derivas de encontro a pequenos espaços de paragem, repouso, de leitura. Pequenos espaços de apoio à biblioteca, situando-se tipologicamente entre as casas de fresco[30] e a cabana. Um lugar revestido por um material perfurado, criando um jogo de luz e sombra. Produzindo efeitos no seu interior, através da filtragem da luz pelos milhares de orifícios do material, projetando uma imensidão de pontos de luz. (...)

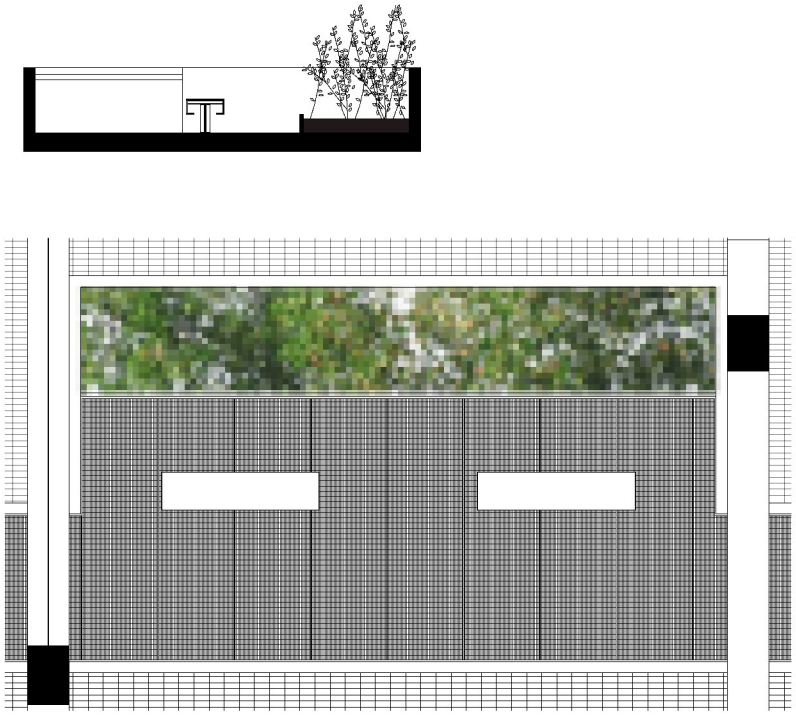
30 As casas de fresco são espaços revestidos a azulejos, e por vezes também a elementos vegetais, constituindo zonas de estar no interior de um jardim, às quais estão associados momentos de paragem e repouso. As casas de fresco marcaram presença nos jardins de composição mais elaborada, na maior parte das vezes associadas ao elemento água.



11 Imagem 134
Axonometria do habitáculo de conforto

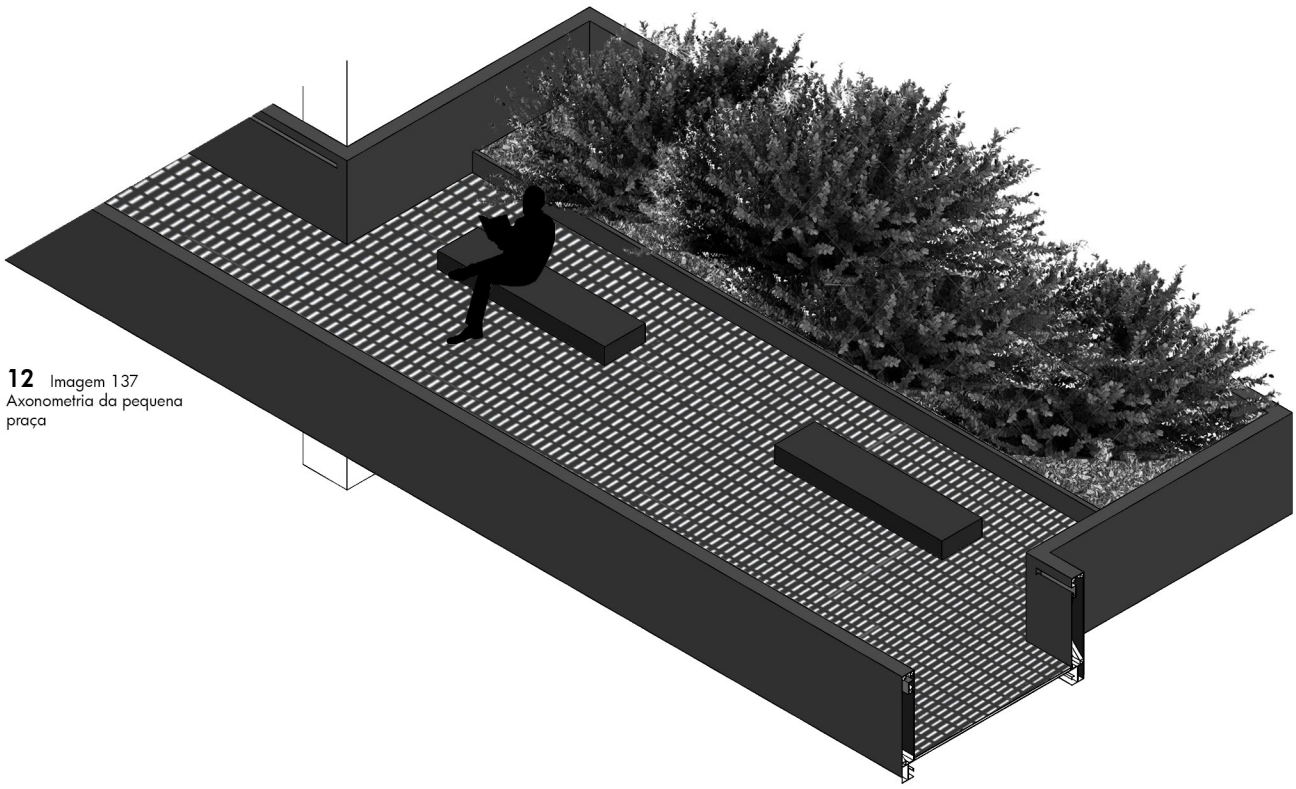


11 Imagem 135
Latada do percurso a cota elevada

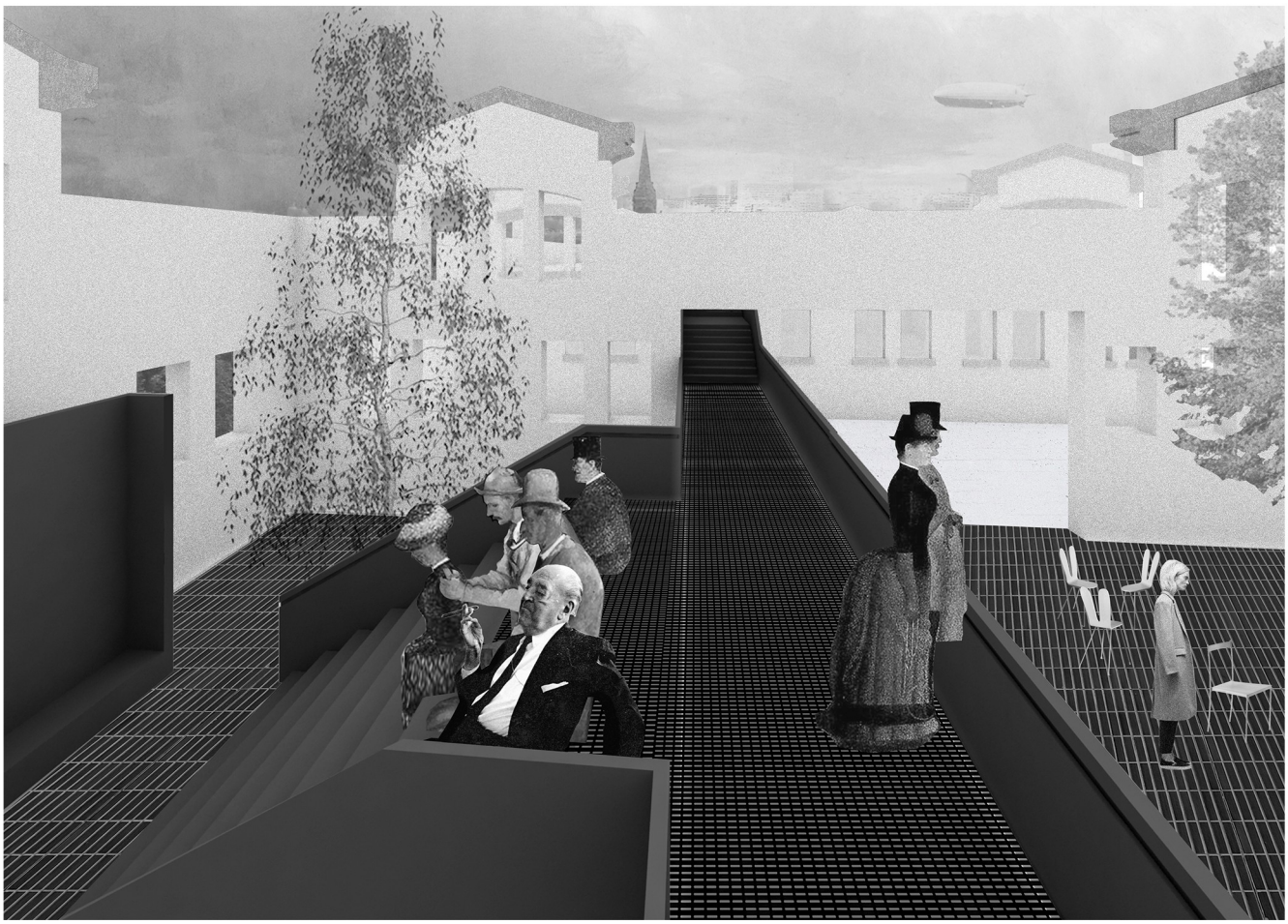


12 Imagem 136
Pequena praça: com vegetação e bancos

Corte transversal, planta
Área (aproximada): 45,6 m²
Escala 1:100

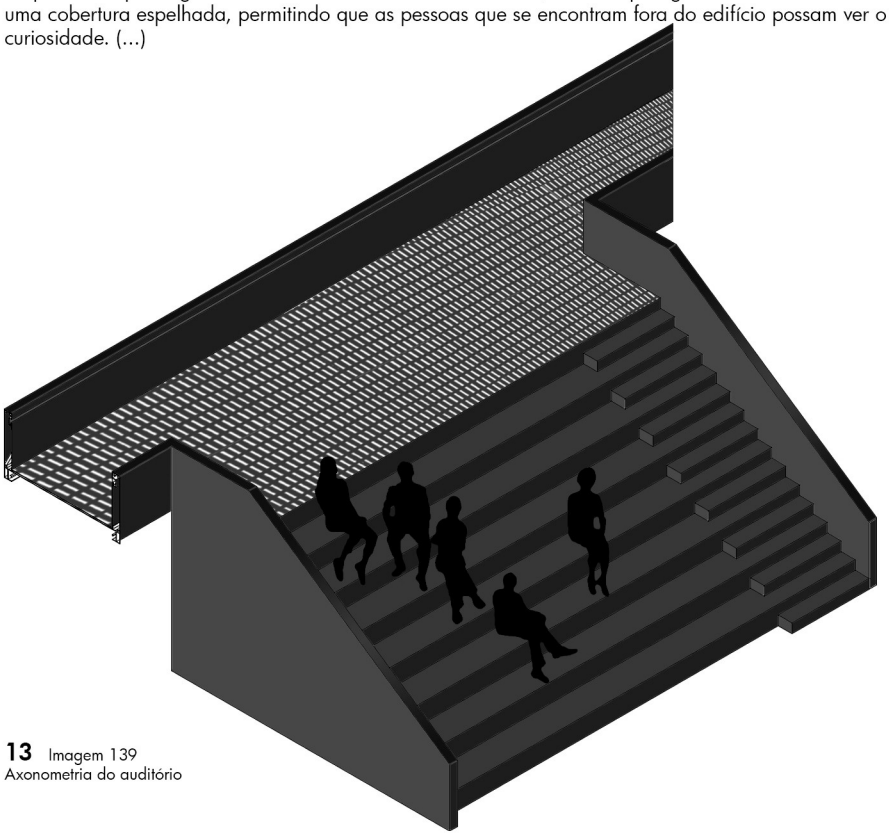


12 Imagem 137
Axonometria da pequena praça



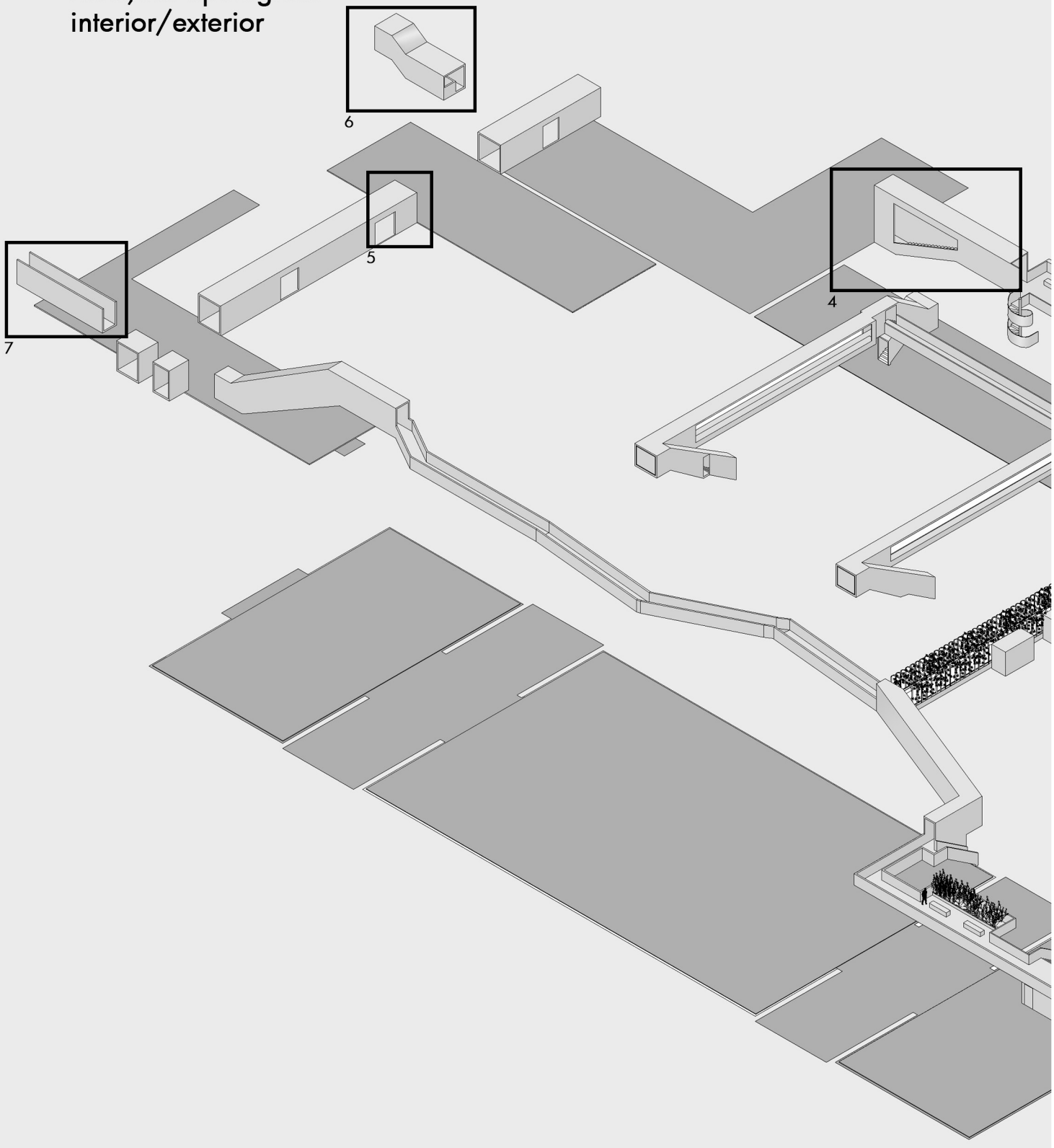
13 Imagem 138
Fotomontagem do auditório
Auditório (aproximadamente 70 pessoas) com escadas para a cota térrea embutidas, em estrutura metálica e recoberta à chapa metálica termolacada preto mate.

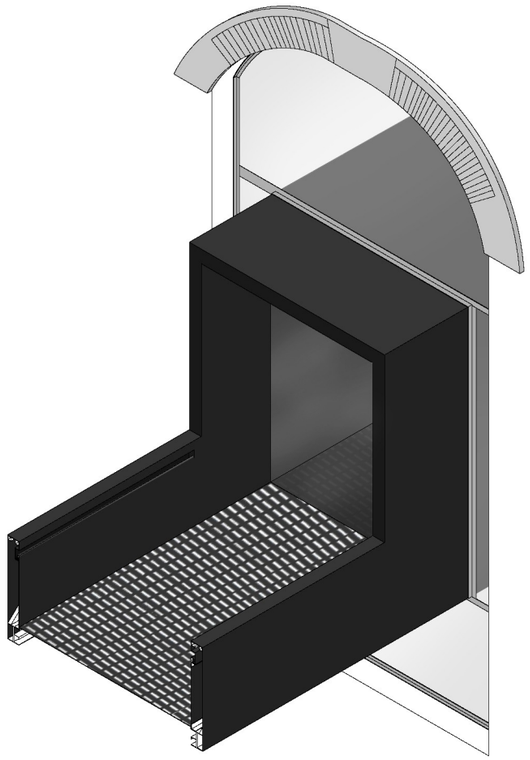
Ao longo do percurso é encontrado um pequeno auditório de rua, onde de uma forma fugaz e efémera podem acontecer diversos acontecimentos, surpreendo à passagem por uma espetáculo musical, ou um ensaio teatral. Através deste auditório, o sujeito pode descer para a superfície, ou pode simplesmente prosseguir e aceder a uma cota ainda mais alta, a última paragem deste circuito: um terraço com uma vista privilegiada, amplo e com uma cobertura espelhada, permitindo que as pessoas que se encontram fora do edifício possam ver o que está a acontecer no terraço, suscitando curiosidade. (...)



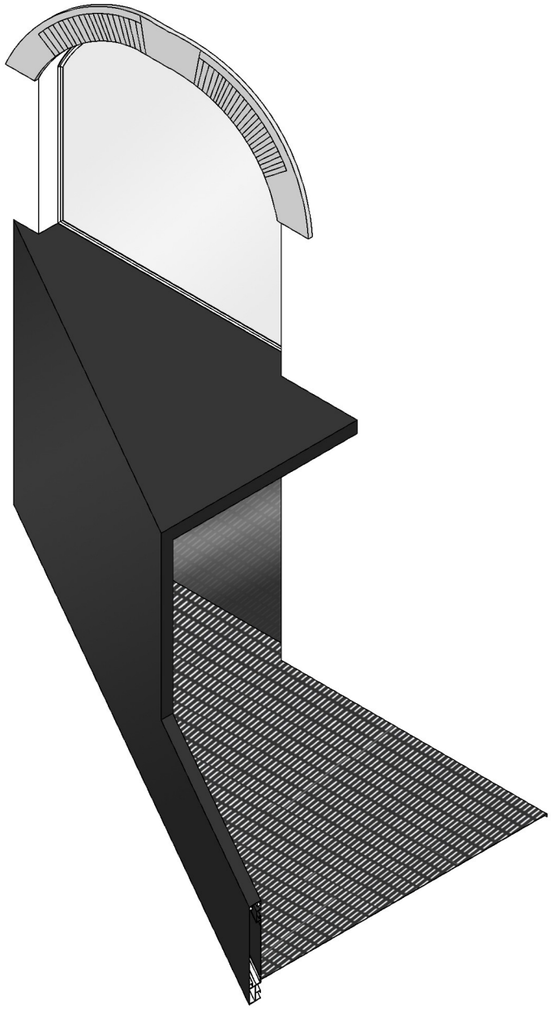
13 Imagem 139
Axonometria do auditório

Relações tipológicas interior/exterior

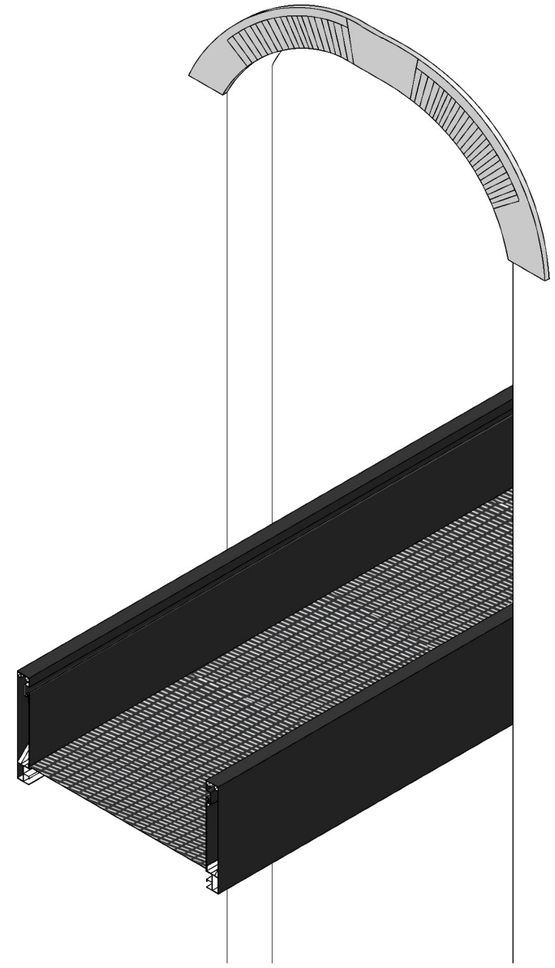




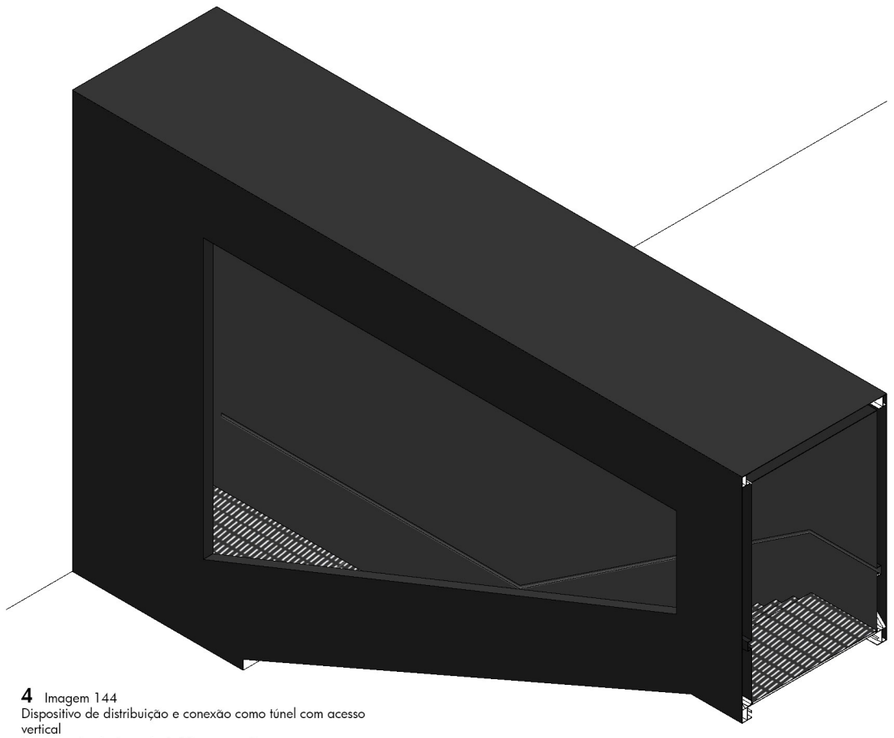
1 Imagem 141
Passagem do dispositivo de distribuição e conexão e túnel conetor de um exterior e interior
(pormenorizado à escala 1:50 em anexo)



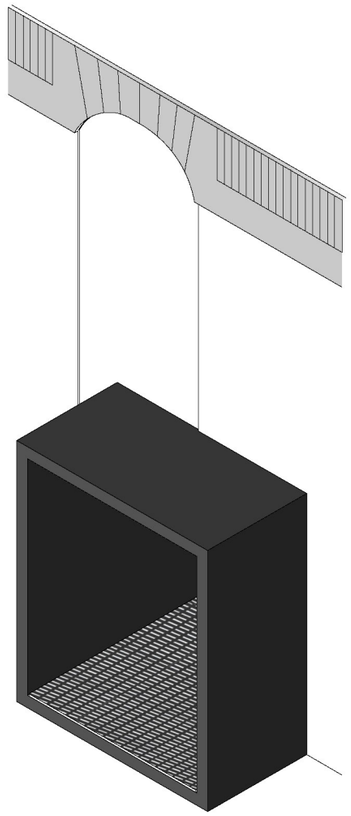
2 Imagem 142
Passagem do dispositivo de distribuição e conexão e túnel conetor de um exterior e interior
(pormenorizado à escala 1:50 em anexo)



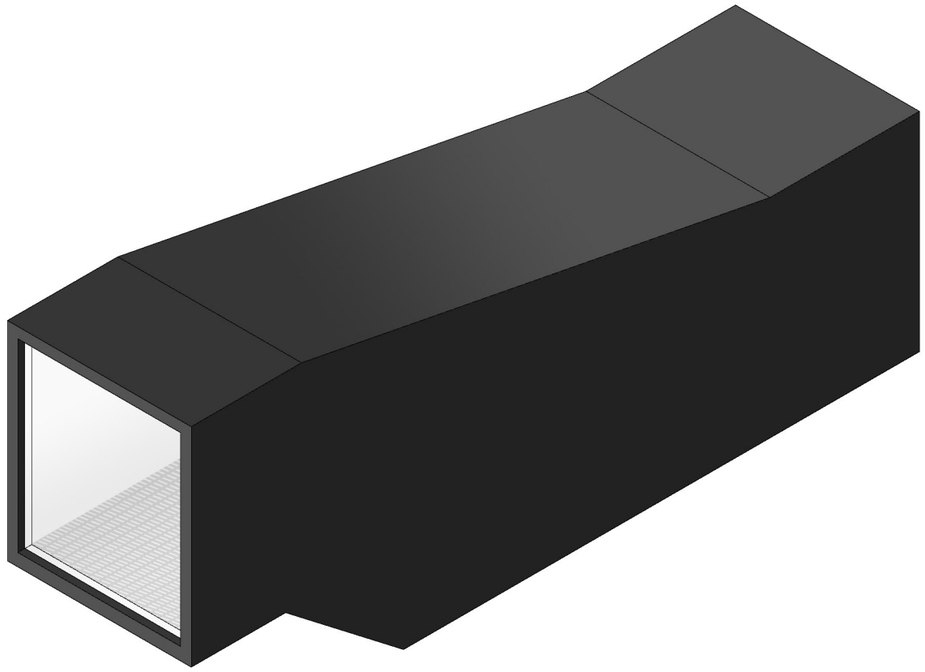
3 Imagem 143
Passagem do dispositivo de distribuição e conexão num vão preexistente
(pormenorizado à escala 1:50 em anexo)



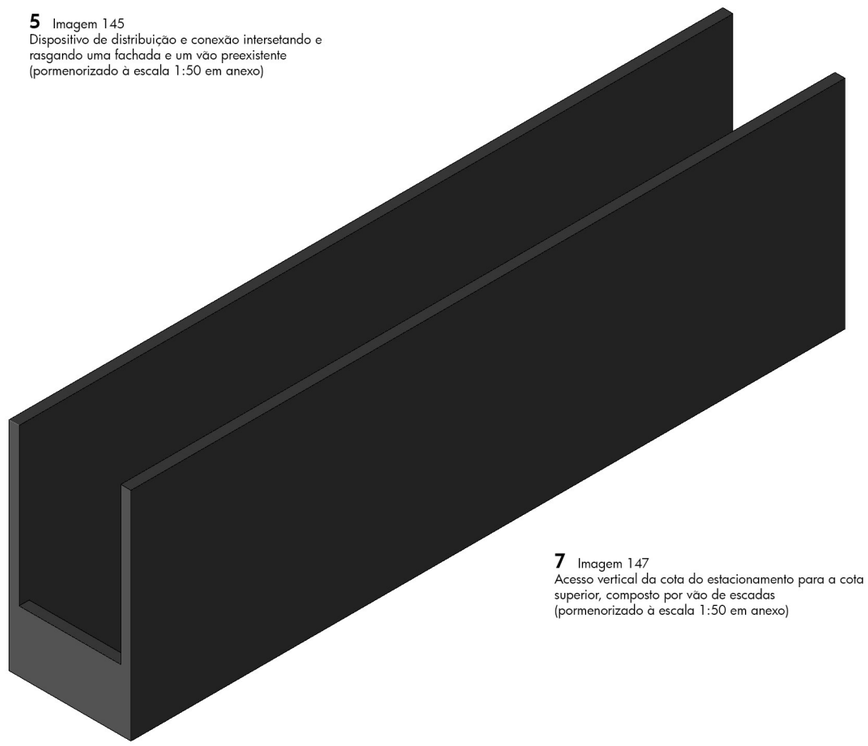
4 Imagem 144
Dispositivo de distribuição e conexão como túnel com acesso vertical
(pormenorizado à escala 1:50 em anexo)



5 Imagem 145
Dispositivo de distribuição e conexão intersetando e rasgando uma fachada e um vão preexistente
(pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

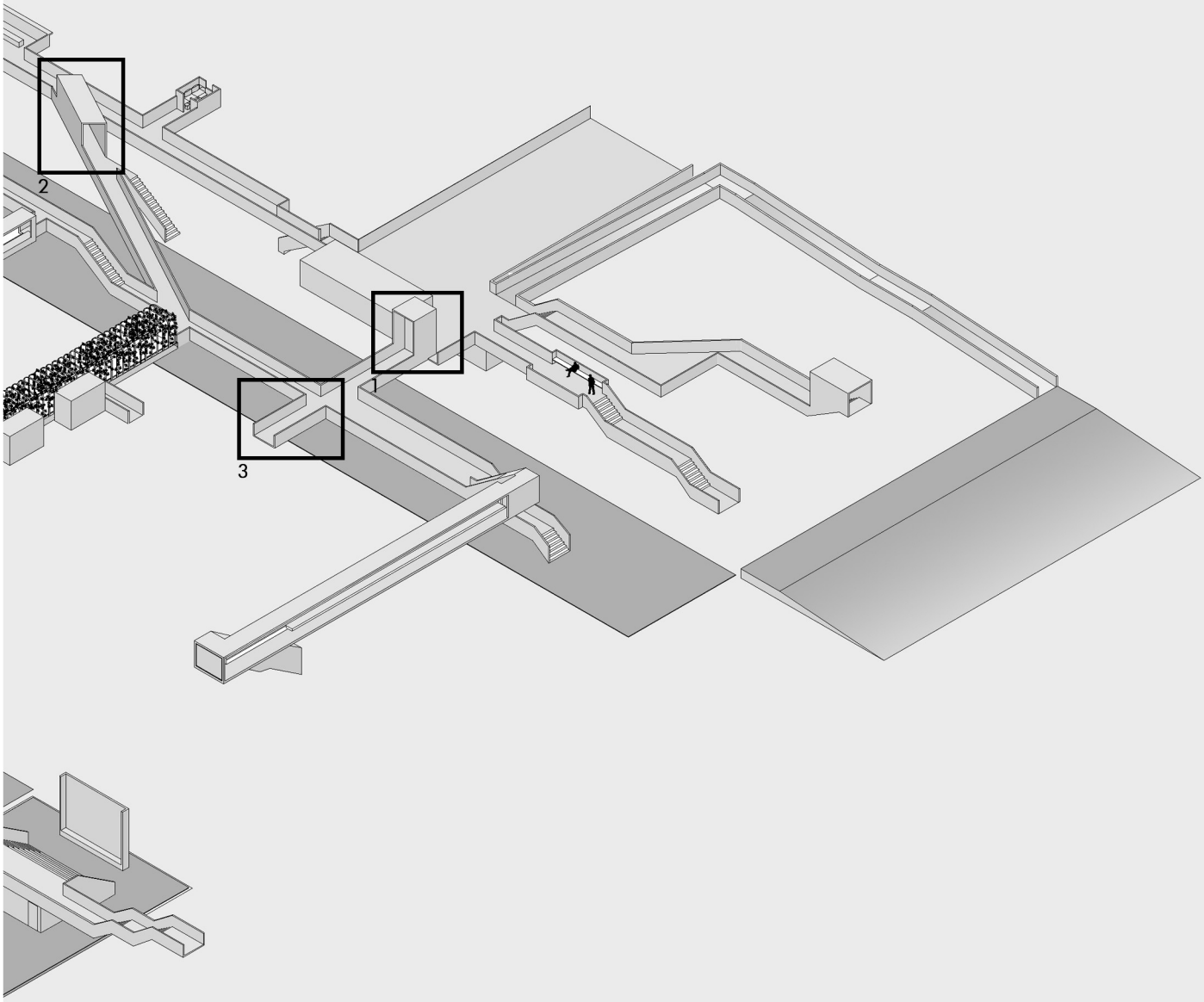


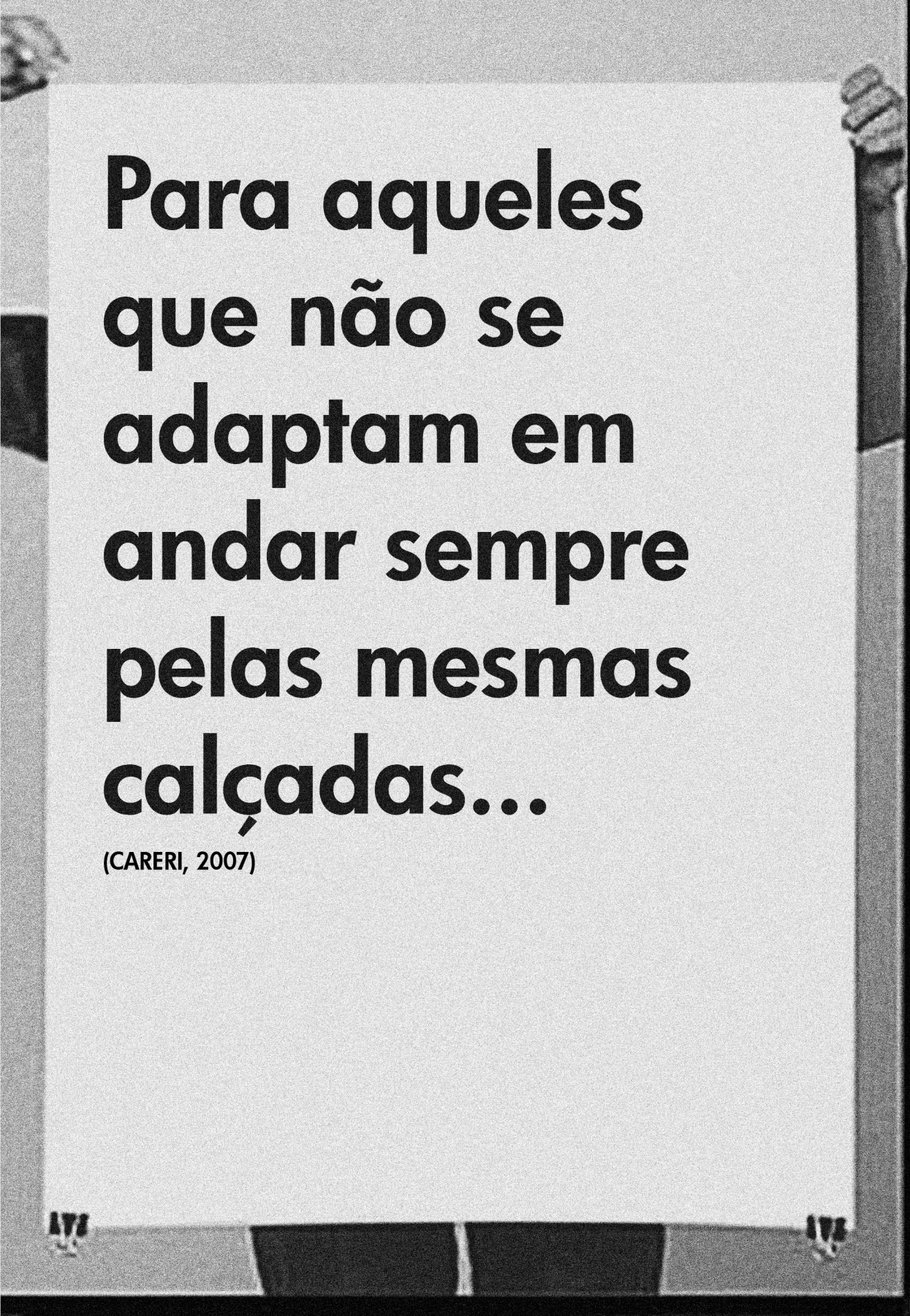
6 Imagem 146
Acesso vertical da cota do estacionamento para a cota superior, composto por vão de escadas e rampa
(pormenorizado à escala 1:50 em anexo)



7 Imagem 147
Acesso vertical da cota do estacionamento para a cota superior, composto por vão de escadas
(pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 140
Axonometria do dispositivo de distribuição e conexão





Página 109
Imagem 148
Digitalização da página 37 do livro: Calvino, I. (1993). As Cidades Invisíveis Lisboa: Ed. Teorema

Considerações finais

31 Conceito desenvolvido por Umberto Eco no seu livro Obra Aberta, em 1962. Segundo o autor, uma obra mesmo que acabada pode continuar em aberto, na medida em que serve inúmeras interpretações. A pluralidade dos sentidos permite que a obra esteja em contínua fruição.

A presente prova final foi entendida como um exercício de pesquisa e reflexão sobre um dos grandes temas do design de interiores e da arquitetura: a requalificação do património e a sua reabilitação.
Esta prática é o resultado de um diagnóstico prévio sobre o enquadramento do edifício (estado atual, funções anteriores, contextualização no tecido urbano e social, entre outros), e posteriormente, a sua avaliação crítica. O que resulta em inúmeras soluções. Num campo de possibilidades, cabe aos projetistas terem a sensibilidade que lhes permita entender as capacidades do património construído em absorver uma determinada intervenção e programa.

Para a reabilitação do objeto de estudo entendeu-se que uma intervenção cirúrgica, através de elementos de baixo impacto físico sobre o património, seria a solução a explorar.
Apesar do nosso projeto abordar o tema da reabilitação, através de uma tomada de posição, ficou ainda muito por tratar, e muitas poderiam ser as formalizações.

Se a reabilitação apresenta-se como um campo de possibilidades, tornando-se sujeita a diversas leituras e (re)interpretações, também a presença do corpo humano nos espaços permite-lhes constituírem verdadeiras *obras abertas*[31], que a sua presença dinâmica ou estática, em movimento ou em repouso, potencia.
Um dos desafios mais estimulantes para os designers de interiores é o de projetar espaços experienciais e sensoriais. Encontramos através do percurso e do movimento uma estratégia conceptual de conceber fluxos e acontecimentos assim como a forma de reabilitação do objeto de estudo. O "movimento" através do andar é a forma de percecionar um espaço palpável que é habitado por experiências em movimento, incorporadas numa narrativa.

A pesquisa e os casos de estudo selecionados permitiram compreender diversos olhares sobre a arquitetura e o design de interiores, com soluções adotadas para diferentes experiências demonstrando que cada caso é um caso.

O nosso projeto, mais do que a reabilitação e regeneração de um património excecional existente, pretende explorar uma forma de reabilitar e ativar edifícios através de uma narrativa, de um percurso sensorial. Uma forma que surgiu da observação do objeto de estudo, que pela sua característica fragmentária nos sugeriu a criação de um recurso para a sua ativação. Um dispositivo de ligação e conexão: a essência do projeto.
O presente projeto tornou-se produto do que inicialmente era visto como um obstáculo: a criação de uma rede de articulações espaciais que foi crescendo e tornando-se mais complexa ao longo do processo projectual. Atendendo às necessidades do novo programa, de percursos parcialmente induzidos, e das características morfológicas da preexistência.
Uma solução encontrada que procura recuperar a dimensão da rua, como originalmente existira. Um lugar de contacto social, a rua como "sala de estar comunitária". Um conceito otimista transposto no desenho de ruas elevadas, ruas com atmosferas diversas. Com dinâmicas nas relações que cruza e atravessa. Estas ruas que direcionam e conduzem são espaços habitados, contentoras de equipamentos de estar, de descanso, de contacto. A reabitação deste lugar passou por redesenhar ruas, desenhar trajetos, que sendo percorridos vão sendo habitados por pessoas. Habitados pelo toque, pela experiência visual, pelo olfato, pelas sensações.

A solução aqui apresentada não pretende de modo algum constituir um padrão comum para a reabitação de um património semelhante, e com o mesmo tipo de problemas, uma vez que o caso é particular, assim como o pressuposto conceptual de projeto.

Referências bibliográficas

Ábalos, I. (2003). *A boa vida : visita guiada às casas da modernidade*. Barcelona: Gustavo Gili.

Augé, M. (1992). *Non-Lieux: Introduction à une anthropologie de la Sumodernité*. Paris: Feuil.

Baptista, L. (2010). Ações patrimoniais. As tensões entre a memória do passado e a experiência do presente. In *Arqa, 82/83*. 6-7.

Calvino, I. (1993). *As cidades invisíveis*. Lisboa: Ed. Teorema.

Careri, F. (2007). *Walkspaces. El andar como prática estética*. Barcelona: Gustavo Gili.

Choay, F. (2010). *A alegoria do património*. Lisboa: Edições 70.

Flores, J. (1998). Património – do Monumento ao Território. In Couceiro, J (coord.). *Urbanidade e Património* (pp. 10-17). Lisboa: URBE/IGAPHE.

Flores, J. (2002). A Intervenção na Cidade existente/ The intervention in the existent city. In Fernandes, F., Canatà, M. (coord.). *Formas Urbanas/Urban Shapes* (pp. 14-21). Porto: ASA.

Freitas, V. (coord.) (2012). *Manual de apoio ao projeto de reabilitação de edifícios antigos*. Porto: Ordem dos Engenheiros da Região Norte.

Fundação Serralves (1998). *Estudo Macroeconômico: Desenvolvimento de um cluster de Indústrias Criativas na Região do Norte*. Porto: Fundação Serralves.

Garcia, F. (2001). *Construir en lo construido : la arquitectura como modificación*. Madrid : Nerea.

Giedion, S. (2004). *Espaço, tempo e arquitectura, O desenvolvimento de uma nova tradição*. São Paulo: Martins Fontes.

Heidegger, M. (1977). The age of the world picture. In *The question concerning technology and other essays*. Nova Iorque: Harper & Row.

Hertzberger, H. (1999). *Lições de Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

Jodidio. P. (2009). *Hadid*. Tashen.

Le Corbusier (2003). *Le Corbusier: Conversas com os Estudantes das Escolas de Arquitectura*. Lisboa: Edições Cotovia.

Lynch, K. (1960). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

Lynch, K. (1981). *A Boa Forma da Cidade*. Lisboa: Edições 70.

Montaner, J. (2008). *Sistemas arquitectónicos contemporâneos*. Barcelona : Gustavo Gili.

Nieuwenhuys, C. (2011). *Nieuwenhuys, Constant*. Retirado em novembro, 12, 2013 de http://www.wdw.nl/participant/nieuwenhuys-constant.

Pallasmaa, J. (2010). *Los ojos de la piel, la arquitectura y los sentidos*. Barcelona: Gustavo Gili.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Rasmussen, S. (2007). *Viver a Arquitectura*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.

Ribeiro, J. (20010). Acções Patrimoniais: Perspectivas Críticas. João Mendes Ribeiro. In *Arqa, 82/83*. 28-29.

Rossi, A. *Proyecto y Ciudade Historíca*. Santiago de Compostela : COAG.

Rouillard, D. (2004). *Superarchitecture, le future de l'architecture 1950-1970*. Paris: Éditions de la Villette.

Sadler, S. (1999). *The Situationist City*. Cambridge: The MIT Press.

Smithson, A., Smithson, P. (1967). *Urban Structuring: Studies of Alison & Peter Smithson*. London: Studio Vista.

Talmeyr, M. (1896). *L'Age de l'affiche*. Apud. Charney & Schwartz.

Tschumi, B (1997). *Architecture and Disjunction*. Cambridge: The MIT Press.

Ventura, S. (2003). *JMR 92.02 – João Mendes Ribeiro Arquitectura e cenografia*. Coimbra: XM.

Vieira, D. (2011). O Arquitecto Insone. In *Dédalo, 8*. 47-51.

Lista de imagens

Imagem 1
Planta barroca. Retirado em março, 28, 2014 de http://www.oberlin.edu/images/637D.JPG

Imagem 2
Jardins de Versailles, Paris. Retirado em janeiro, 26, 2014 de http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/5/5a/Vue_%C3%A0_vol_d%E2%80%99oiseau_des_jardins_de_Versailles.jpg

Imagem 3
Boulevard dos Champs Elysées, Paris. Retirado em janeiro, 26, 2014 de http://gmvsfr2.pbworks.com/f/Champs_Elysees.jpg

Imagem 4
Mulher seminua em movimento, Muybridge, 1887. Retirado em janeiro, 24, 2014 de https://encrypted-tbn3.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSg-l2GPs9cRAg5Pn3vmI33D90gVKu0UmP-noiWwuY5gIH77hxJ

Imagem 5
Composição dos fotogramas de *L'arivée d'un train en Gare de La Ciotat*, Auguste e Louis Lumière, 1895.

Imagem 6
Dynamism of a Dog on a Leash, Giacomo Balla, 1912. Retirado em janeiro, 24, 2014 de http://www.independent.co.uk/arts-entertainment/art/great-works/great-works-dynamism-of-a-dog-on-a-leash-1912-giacomo-balla-1781174.html

Imagem 7
Nu descendo as escadas, Marcel Duchamp. Retirado em janeiro, 24, 2014 de http://www.metmuseum.org/toah/hd/duch/hd_duch.htm

Imagem 8
Formes uniques dans la continuité de l'espace, Umberto Boccioni,1913. Retirado em janeiro, 24, 2014 de http://www.larousse.fr/encyclopedie/oeuvre/Formes_uniques_de_la_continuit%C3%A9_dans_lespace/181445

Imagem 9
Villa Savoye, Le Corbusier, 1949, Paris. Retirado em fevereiro, 10, 2014 de http://villa-savoye.monuments-nationaux.fr/

Imagem 10
Passage Jouffroy, Paris. Retirado em fevereiro, 6, 2014 de http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/aa/Paris_-_Passage_Jouffroy_01.jpg

Imagem 11
Museu Guggenheim, Nova York. Retirado em fevereiro, 10, 2014 de http://iloboyou.com/wp-content/uploads/2012/06/4c4c5e08dea32Guggenheim-e1339584590292.jpg

Imagem 12/14
New Babylon, Constant Nieuwenhuys, 1959. Retirado em dezembro, 2, 2013 de http://benandjess.wordpress.com/2008/12/02/constants-new-babylon/

Imagem 13
Guide Psycogéographique de Paris, Guy Debord, 1957. Retirado em dezembro, 2, 2013 de http://www.domusweb.it/en/art/2011/05/12/atlas-how-to-carry-the-world-on-one-s-back-.html

Imagem 15
Golden Lane Housing, Alison e Peter Smithson,1952. Retirado em dezembro, 6, 2013 de https://encrypted-tbn1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcRkz37C9Cn1bC_Pc2id3NoYTiI8rFnFzd6WrqkNeCOx-lrrMrm33w

Imagem 16/17
Plug In City, Peter Cook, 1964. Retirado em novembro, 18, 2013 de http://amadlandawonye.wikispaces.com/file/view/PlugInCity.jpg/31753793/PlugInCity.jpg

Imagem 18
Future City, Rossant e Conklin, 1973, 1964. Retirado em março, 8, 2014 de http://megaestructuras.tumblr.com/page/22

Imagem 19
Cartaz da Internacional Situacionista, 1964. Retirado em março, 7, 2014 de http://comunicacaoeartes20122.files.wordpress.com/2012/11/p_02.png?w=303

Imagem 20/21
Future New York, Richard W. Rummell, 1911. Retirado em março, 8, 2014 de http://relationalthought.wordpress.com/2012/03/31/894/

Imagem 22/23
Parc de La Villette, Elementos de desvio da estrutura inicial, Bernard Tschumi, 1983-1990, Paris. Retirado em dezembro, 8, 2013 de http://www.tschumi.com/projects/3/

Imagem 24
Parc de La Villette, Sistema de linhas, de pontos e de planos, Bernard Tschumi, 1983-1990, Paris. Retirado em dezembro, 8, 2013 de http://www.tschumi.com/projects/3/

Imagem 25
Risalita Meccanizzata al Castelo di Rivoli, João Mendes Ribeiro, 2001. Retirado em janeiro, 4, 2014 de https://industriasculturais.files.wordpress.com/2009/03/jmr_rivoli_geral4_div1.jpg

Imagem 26/27
Promenade Plantée Viaduc des Arts, Mathieu, e Jacques Vergely, 1988, Paris. Retirado em setembro, 5, 2013 de http://www.localnomad.com/pt/blog/2013/02/13/promenade-plantee-o-high-line-de-paris/

Imagem 28/29
High Line, Diller Scofidio + Renfro, Nova York. Retirado em setembro, 2, 2013 de http://www.thehighline.org/galleries/images/high-line-park-photos

Imagem 30
Relativity, M. C. Escher,1953. Retirado em outubro, 13, 2013 de http://www.mcescher.com/gallery/most-popular/relativity/

Imagem 31
Carceri Plate VII - The Drawbridge, Giovanni Piranesi. Retirado em outubro, 13, 2013 de http://www.artexpertswebsite.com/pages/artists/piranesi.php

Imagem 32
Computer City, Dennis Crompton, 1964. Retirado em novembro, 22, 2014 de http://4.bp.blogspot.com/_BZuIn7PhM8o/S7zLhbxwKvI/AAAAAAAAABE/xj0_wTeviY8/s1600/computer+city+1.bmp

Imagem 33
Plug in City, Peter Cook, 1964. Retirado em novembro, 18, 2013 de http://www.archdaily.com/399329/ad-classics-the-plug-in-city-peter-cook-archigram/

Imagem 34
Monumento Continuo, Superstudio, 1969

Imagem 35/36
Centre Pompidou, Paris, Renzo Piano e Richard N. Rogers, 1977. Retirado em novembro, 3, 2013 de http://www.archdaily.com/64028/ad-classics-centre-georges-pompidou-renzo-piano-richard-rogers/

Imagem 37
(Dis)location, Filip Dujardin. Retirado em novembro, 21, 2013 de http://www.yatzer.com/DIS-LOCATION-Filip-Dujardin-Highlight-Gallery-San-Francisco

Imagem 38
Les Docks, Cité de la Mode et du Design, Paris, Jacob + MacFarlane, 2008. Retirado em dezembro, 19, 2013 de http://www.citemodedesign.fr/la-cite

Imagem 39
Maxxi Museum, Roma, Zaha Hadid, 2009. Retirado em novembro, 5, 2013 de http://img.archgo.com/img/exihibition/maxxi-museum-zaha-hadid-architects/index.html

Imagem 40
Linked Hybrid, Pequim, Steven Holl, 2009. Retirado em dezembro, 19, 2013 de https://www.flickr.com/photos/evagarcia/5468430804/

Imagem 41
Rua de moradias, sem transito, e de convivência, Rotterdão

Imagem 42
Bairro operário, Amesterdão

Imagem 43
Jardin des Tuilleries, Paris

Imagem 44
São João no bairro da Bouça, Porto

Imagem 45
Localização do objeto de estudo

Imagem 46
Localização da cidade do Porto no mapa de Portugal

Imagem 47
Levantamento de funções da envolvente do antigo Matadouro

Imagem 48
Vista panoramica sobre o antigo Matadouro Industrial do Porto

Imagem 49
Levantamento da preexistência - cortes longitudinais: CL1, CL2, CL3. Escala 1:1000 (à escala 1:500 em anexo)

Imagem 50
Levantamento da preexistência - planta. Escala 1:1000 (à escala 1:500 em anexo)

Imagem 51
Levantamento da preexistência - cortes transversais: CT1, CT2, CT3. Escala 1:1000 (à escala 1:500 em anexo)

Imagem 52/53/54/55/56/57/58/59/60
Levantamento fotográgico do antigo Matadouro Industrial do Porto

Imagem 61/62
Mapas de localização dos pontos de vista do levantamento fotográfico do antigo Matadouro Industrial do Porto

Imagem 63/64/65/66/68/69/70/71/72
Levantamento fotográgico do antigo Matadouro Industrial do Porto

Imagem 73
Axonometria geral com o programa proposto

Imagem 74
Esquema distributivo do programa proposto

Imagem 75
Axonometria explodida do Coworking, Corpo 1

Imagem 76
Conceito formal dos espaços de trabalho em *coworking*

Imagem 77
Cortinas que delimitam espaços de trabalho. Retirado em fevereiro, 3, 2014 de http://www.archdaily.com.br/br/01-12456/exposicao-premio-edp-novos-artistas-slash-ricardo-carvalho-plus-joana-vilhena-arquitectos/12456_12577

Imagem 78
Material utilizado para revetimento das oficinas e salas de reunião. Retirado em fevereiro, 3, 2014 de https://encrypted-tbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcQQVO4AG4qzA2ft2UAZexOLHNIrWU7o2tSV3hTSkXOc0u12d4Bw

Imagem 79
Axonometria das Residências de artistas, Corpo 2

Imagem 80
Axonometria explodida das residências habitacionais, biblioteca e espaços comerciais, Corpo 3

Imagem 81
Axonometria do Estudio de fotografia/miradouro, Teatro, Galeria, Corpo 4, 5 e 6

Imagem 82
Corte longitudinal do teatro

Imagem 83
Referência para o material que reveste as paredes interior do teatro. Retirado em fevereiro, 3, 2014 de http://www.lurvely.com/photo/111988149/Porto_Casa_da_Msica_Rem_Koolhaas/

Imagem 84
Vegetação que fará a cobertura parcial do edifício, uma latada que substitui a antiga cobertura. Retirado em janeiro, 28, 2014 de http://forumjardinagem.com/conversa/70/parthenocissus-quinquefolia/

Imagem 85
Axonometria explodida da nave de música e nave da multimédia, Corpo 7 e 8

Imagem 86
Revestimento acustico para as paredes interiores da zona de gravação audio. Retirado em maio, 15, 2013 de http://www.dezeen.com/2009/01/16/clouds-by-ronan-and-erwan-bouroullec/

Imagem 87/88
Referência para as paredes da sala de conferências. Retirado em maio, 15, 2013 de http://tayandhergay.blogspot.pt/2012/11/plight-by-joseph-beuys-1985.html

Imagem 89
Axonometria explodida das praças, mercado e restaurante, Corpo 9 e 10

Imagem 90
Esquema da trasformação e agrupação dos três edificios através do pavimento - tijolo preto com face à vista - e com a criação de duas praças

Imagem 91
Equipamento urbano: mesas com bancos corridos fixos, executados em contraplacado de teca

Imagem 92
Axonometria explodida da administração/terraço privado, Corpo 11

Imagem 93
Referência da nova cobertura para o edifício da administração. Retirado em fevereiro, 3, 2014 de http://www.theguardian.com/travel/2013/may/25/hottest-french-city-2013-marseille

Imagem 94
Axonometria explodida do estacionamento, piso -1

Imagem 95
Construções/demolições, planta do piso 0. Escala 1:1500 (à escala 1:500 anexo)

Imagem 96
Construções/demolições, planta do piso 1. Escala 1:1500 (à escala 1:500 no anexo)

Imagem 97
Proposta de intervenção - planta do piso 0. Escala 1:700 (à escala 1:350 no anexo)

Imagem 98
Proposta de intervenção - planta do piso -1. Escala 1:700 (à escala 1:350 no anexo)

Imagem 99
Proposta de intervenção - planta do piso 1. Escala 1:700 (à escala 1:350 no anexo)

Imagem 100
Proposta de intervenção - planta do piso de cobertura. Escala 1:700 (à escala 1:350 no anexo)

Imagem 101
Proposta de intervenção - cortes CL1, CL2, CL3, CL4, CL5, CT1. Escala 1:700 (à escala 1:350 no anexo)

Imagem 102
Estudo do esquema de circulação

Imagem 103
Axonometria geral explodida: corpos arquitetónicos com o novo programa, o dispositivo de distribuição e conexão, e as coberturas

Imagem 104
Imagem de referência: habitar a rua. Retirado em março, 2, 2014 de http://3.bp.blogspot.com/-xnMzCuu2UEA/TlMS0_ukbZI/AAAAAAAAAO8/1N7vFy_RZe4/s1600/Hertzberger.jpg

Imagem 105
Imagem de referência: ligações. Retirado em março, 2, 2014 de http://cdn-2.aparisguide.com/maps/metro.gif

Imagem 106/107
Axonometrias do dispositivo de distribuição e conexão

Imagem 108
Axonometria explodida do sistema construtivo tipo do dispositivo de distribuição e conexão (sistema construtivo tipo pormenorizado em anexo)

Imagem 109
Axonometrias das diferentes tipologias e acessos do dispositivo de distribuição e conexão

Imagem 110
Esquissos do percurso

Imagem 111
Maquete de estudo em cartão bristol

Imagem 112/113/114/115
Maquete de estudo em cartão bristol

Imagem 116
Axonometria parcial do dispositivo de distribuição e conexão

Imagem 117
Fotomontagem da entrada do Corpo 1

Imagem 118
Axonometria de uma zona de descanso

Imagem 119
Axonometria de uma zona de descanso

Imagem 120
Equipamento habitável criando um espaço de estar e conforto. Vista frontal, corte lateral e planta

Imagem 121
Luminárias *Aim Multiple Rose*, Flos. Retirado em maio, 15, 2013 de
http://www.dezeen.com/2013/06/30/aim-lamps-by-ronan-and-erwan-bouroullec-for-flos/

Imagem 122
Axonometria do equipamento habitável

Imagem 123
Fotomontagem sobre os espaços de trabalho do coworking: vista apartir da estrutura distributiva.

Imagem 124
Axonometria parcial do dispositivo de distribuição e conexão

Imagem 125
Espaço de reuniões informais. Corte transversal, corte longitudinal, planta

Imagem 126
Axonometria

Imagem 127
Metal Side Table, Vitra. Retirado em janeiro, 6, 2014 de http://www.vitra.com/en-us/product/metal-side-table

Imagem 128
Axonometria de uma pequena praça entre volumes arquitetónicos

Imagem 129
Fotomontagem do jardim entre o Corpo 5, do teatro, e o Corpo 6, a galeria

Imagem 130
Fotomontagem do corredor central, entre o Corpo 1 e Corpo 3

Imagem 131
Axonometria parcial do dispositivo de distribuição e conexão

Imagem 132
Fotomontagem no piso térreo entre os dois volumes arquitetónicos do Corpo 3

Imagem 133
Espaço associado à biblioteca, espaço de resguardo, local de descanso, de leitura, um habitáculo de conforto. Corte transversal, vista frontal, planta

Imagem 134
Axonometria do habitáculo de conforto

Imagem 135
Latada do percurso a cota elevada

Imagem 136
Pequena praça. Corte transversal, planta

Imagem 137
Axonometria da pequena praça

Imagem 138
Fotomontagem do auditório

Imagem 139
Axonometria do auditório

Imagem 140
Axonometria do dispositivo de distribuição e conexão

Imagem 141
Passagem do dispositivo de distribuição e conexão e túnel conetor de um exterior e interior (pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 142
Passagem do dispositivo de distribuição e conexão e túnel conetor de um exterior e interior (pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 143
Passagem do dispositivo de distribuição e conexão num vão preexistente (pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 144
Dispositivo de distribuição e conexão como túnel com acesso vertical (pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 145
Dispositivo de distribuição e conexão intersetando e rasgando uma fachada e um vão preexistente (pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 146
Acesso vertical da cota do estacionamento para a cota superior, composto por vão de escadas e rampa (pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 147
Acesso vertical da cota do estacionamento para a cota superior, composto por vão de escadas (pormenorizado à escala 1:50 em anexo)

Imagem 148
Digitalização da página 37 do livro: Calvino, I. (1993). *As cidades invisíveis*. Lisboa: Ed. Teorema

